

Nota da Comissão Política

- **Agravamento do desemprego e chantagem do Governo**

- **Solidariedade com os estudantes contra o aumento das propinas**

- **PS concede "seguro de vida" ao Governo**

Pág. 3

A CGTP e o novo ano

Páginas centrais

Gravidade dos problemas exige reforço da luta

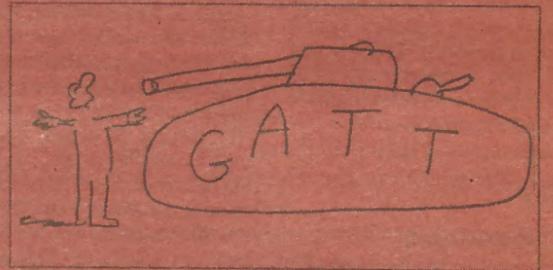


Propinas voltam à Assembleia



• entrevista com
António Filipe

Pág. 5



A Cultura e o GATT

• três artigos sobre o domínio dos EUA em França e na Europa

Págs. 14 e 15



Na Rússia do ano 93

• artigo de
Miguel Urbano Rodrigues

Págs. 16 a 18

Perspectivas na Europa

- desemprego vai continuar

Págs. 9 e 10

EDITORIAL

As perspectivas e a luta

Os comunistas entram em 1994 com um duplo sentimento: de um lado, a grande preocupação pela continuação da crise económica e pelas suas cada vez mais duras

consequências sociais; do outro, a alegria e a confiança trazidas pelos resultados das eleições autárquicas que constituíram uma grande afirmação da força e da vitalidade do PCP e do seu papel insubstituível na vida nacional.

Este duplo sentimento unifica-se, no entanto, na conclusão de que é necessário prosseguir e intensificar a luta e que as condições são favoráveis ao seu desenvolvimento.

Todos os prognósticos para 1994, mesmo daqueles que admitem uma ligeira retomada da actividade económica, coincidem na previsão do agravamento das condições sociais e em especial no aumento do desemprego.

A política do Governo de Cavaco Silva, longe de visar atenuar a evolução negativa da situação social, continua a ser o factor determinante da sua deterioração.

É o Governo o principal responsável das manobras em curso para generalizar a quebra dos salários reais, desde logo com a tentativa de impor a redução dos rendimentos dos trabalhadores da Administração Central, Regional e Local e de apresentá-la como o exemplo a seguir em todos os sectores.

É o Governo o principal responsável pelas tentativas de esvaziamento da contratação colectiva e de implementação das piores medidas do abortado acordo social, em que o grande patronato se mostra também tão empenhado.

São da responsabilidade do Governo os grandes despedimentos colectivos que se anunciam para importantes empresas e sectores e que só não se concretizaram até aqui pela enérgica luta dos trabalhadores visados.

Reveste por tudo isso numa grande actualidade a orientação aprovada no último Plenário de Sindicatos visando "uma acção global do movimento sindical, que dê uma resposta, de dimensão e profundidade adequadas à ofensiva do Governo e do patronato e à necessidade de defender eficazmente os direitos e interesses dos trabalhadores."

É também neste quadro que deve ser inserido, compreendido

e seguido o recente apelo da Comissão Política do PCP "ao desenvolvimento e à convergência da luta".

A situação social e a luta dos trabalhadores, como a situação nas universidades e a luta estudantil (que mereceu também uma especial atenção da Comissão Política do PCP na sua primeira reunião de 1994) são, juntamente com os resultados das eleições autárquicas, os factores que mais contribuíram para salutaras reacções à crise socioeconómica e novas tomadas de consciência que estão a influir positivamente na situação política nacional.

Reveste um inegável significado que algumas das mais destacadas figuras da Igreja Católica tenham escolhido como tema central das suas homilias e mensagens natalícias precisamente o tema da degradação da situação social, em especial o desemprego, e que em muitos casos não

Poucas vezes, como actualmente, foi tão claro que as tarefas que conduzem ao reforço do PCP constituem o mais eficaz investimento na luta por uma alternativa democrática

tenham escamoteado as responsabilidades do Governo.

Da mesma forma, não se pode negar um alcance invulgar à forma como o Presidente da República concluiu a sua mensagem de Ano Novo, ao salientar: "Tudo depende de nós; da intervenção que soubermos ter, no respeito pela legalidade democrática, sem medo, com ousadia até, para vencer a crise e melhorar a situação dos mais desfavorecidos."

A maior novidade da actualidade política neste início de ano é, no entanto, a alargada consciência que se manifesta no país, após as eleições autárquicas, de que é indispensável e urgente trabalhar para uma alternativa democrática ao PSD e ao seu Governo e que esta alternativa tem que compreender o PCP.

Não é de mais insistir em que esta tomada de consciência é suscitada pela constatação de que os

votos somados do PCP, do PS e das coligações de que fizeram parte, representam mais de 52 por cento de toda a votação. Resulta, porém, acima de tudo da preocupação cada vez mais funda e generalizada com a natureza da crise em que o Governo de Cavaco Silva mergulhou o país e com o futuro muito sombrio que ameaça Portugal e o regime democrático se não se mudar de política.

A ideia é a de que o homem-do-leme, se não se lhe retirar os comandos, conduzirá o país a um naufrágio económico, social e político.

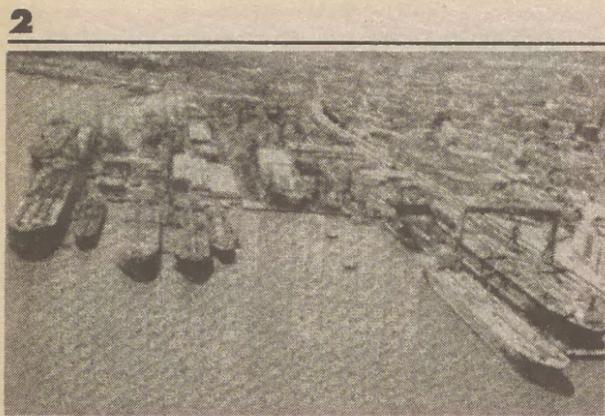
Tornam-se por isso especialmente chocantes as superficialidades e as arrogâncias em que abundam as últimas tomadas de posição de dirigentes do PS, incluindo do seu secretário-geral, relativamente à marcha da acção governativa, às questões da alternativa e do entendimento das forças democráticas.

Ao pretenderem bloquear a ideia de uma alternativa baseada no entendimento das forças democráticas, especialmente entre PS e PCP, que é a única credível, os dirigentes socialistas não bloqueiam apenas a mobilização para esse objectivo futuro, mas enfraquecem no presente a resistência à política do Governo e prejudicam a luta popular.

É absolutamente evidente que se o país estivesse convencido de que as forças democráticas estavam a trabalhar em conjunto para concretizar uma alternativa democrática, a conduta de Cavaco Silva e do seu Governo seria completamente diferente e a luta popular receberia um importante encorajamento.

Na favorável atmosfera política, em que as posições dos dirigentes do PS aparecem como notas dissonantes, cumpre naturalmente aos comunistas fazer redobrados esforços para contribuir para a intensificação da luta popular e a resistência à política da direita, no trabalho de esclarecimento a favor da alternativa e sobretudo no reforço do PCP, das suas posições, do seu papel e influência na vida nacional.

Poucas vezes, como actualmente, foi tão claro que as tarefas que conduzem ao reforço do PCP constituem o mais eficaz investimento na luta por uma alternativa democrática.



Lisnave: trabalhadores rejeitam redução do tempo de trabalho

RESUMO

29 Quarta-feira

Santana Lopes decide concretizar a sua candidatura à Distrital de Lisboa do PSD ■ O director de informação da RDP, Hernâni Santos, apresenta a sua demissão ■ A Alemanha recusa um visto de entrada a Vladimir Jirinovski ■ Depositantes acorrem às agências do Banco Banesto, em Espanha, para levantar o seu dinheiro, depois do anúncio do "buraco" de 500 a 600 milhões de contos ■ A primeira-ministra do Paquistão manifesta-se solidária com a Coreia do Norte no confronto que opõe Pyongyang aos EUA e à Agência Internacional de Energia Atómica.

30 Quinta-feira

Cavaco Silva impõe Arlindo Carvalho como candidato à presidência da distrital do PSD/Lisboa e força a desistência de Santana Lopes e Isaltino de Moraes ■ Sete jovens timorenses chegam a Lisboa, provenientes de Jacarta, depois de seis meses de espera ■ O Presidente da República condecora o Corpo de Tropas Pára-Quedistas ■ Israel e o Vaticano assinam acordo histórico que normaliza as relações entre os dois Estados ■ Fujimori promulga nova Constituição do Peru.

31 Sexta-feira

O Tribunal Constitucional indefere recurso do PS sobre alegadas irregularidades nas eleições para a assembleia de freguesia de Carapito, Aguiar da Beira ■ Em mensagem chegada a Lisboa, o líder da resistência timorense, Konis Santana, desafia Suharto a promover um referendo em Timor-Leste e garante que "não se pode encontrar uma verdadeira reconciliação entre os timorenses, enquanto persistir a brutalidade das armas" ■ Martins Goulart demite-se de líder do PS/Açores ■ Um atentado terrorista num restaurante do Cabo, África do Sul, provoca quatro mortos e sete feridos ■ O governo britânico ameaça de expulsão o embaixador sudanês.

1 Sábado

O Presidente da República, na sua mensagem de Ano Novo, afirma que no ano de 1993 se passou de "um discurso eufórico de sucesso" para "uma situação em que as dificuldades se tornaram evidentes", advertindo simultaneamente que as "expectativas criadas e não satisfeitas podem suscitar agora novos tipos de conflitualidade" ■ O bispo de Coimbra pede "justiça e solidariedade" face às situações de desemprego na diocese ■ Combates em Cabul, capital do Afeganistão, reacendem as hostilidades en-

tre clãs rivais ■ Vários incêndios provocados por explosivos danificam lojas em Belfast.

2 Domingo

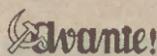
PSD acusa o Presidente da República de excesso de pessimismo na sua mensagem de Ano Novo ■ Carlos Paredes permanece em estado de coma ■ Dez mortos e um total de 440 acidentes nas estradas portuguesas foram registados pela Brigada de Trânsito desde o início da operação Ano Novo ■ Em luta contra o que consideram o genocídio da sua população, grupos de índios lançam uma insurreição armada e tomam de assalto quatro cidades no México ■ Continuam num impasse as negociações entre israelitas e palestinos ■ O número dois do Sinn Féin, ala política do IRA, considera "inaceitável" qualquer proposta de paz no Ulster ■ Prosseguem em Cabul os combates entre as facções beligerantes pelo controlo do poder.

3 Segunda-feira

A Comissão de Trabalhadores e os sindicatos da Lisnave consideram inaceitável a proposta da administração de redução do tempo de trabalho em alternativa aos despedimentos ■ Motta Veiga encabeça uma lista alternativa à de Arlindo Carvalho nas eleições para a distrital de Lisboa do PSD ■ A Indonésia acusa em comunicado o Governo português de agir de "má-fé" na questão de Timor ■ Um "Tupolev" russo cai na Sibéria e mata 121 pessoas ■ Israel rejeita proposta da OLP para serem retomadas no Egipto as negociações sobre a aplicação do acordo de autonomia da Faixa de Gaza e Jericó.

4 Terça-feira

Ao divulgar as conclusões da reunião de ontem da Comissão Política do PCP, Carlos Brito critica o PS por ter uma arrogante ambição hegemónica e não viabilizar um entendimento das forças democráticas para criar uma alternativa ao Governo do PSD ■ Durão Barroso anuncia uma reestruturação no Ministério dos Negócios Estrangeiros e louva a política externa portuguesa por um ano de 1993 «assaz interessante» ■ Em Viana do Castelo dois eleitos do PS (força maioritária) recusam tomar posse como vereadores ■ O presidente mexicano pronuncia-se pela primeira vez sobre a insurreição em Chiapas, enquanto o governo procura culpabilidades dos rebeldes no estrangeiro e mesmo entre a Igreja ■ As estatísticas mais recentes apontam para um novo recorde do número de desempregados na Alemanha: 3,7 milhões de pessoas, cifra nunca atingida desde o pós-guerra.



Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90, 7^ª-A, 1100 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47058. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7^ª-A, 1100 Lisboa — Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 Fax: 815 34 95

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição.

Sede: Rua do Norte, 115, 1^ª, 1200 Lisboa. Tel. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04. Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra Tel. (039) 71 35 77 Delegação Norte: R. Monte dos Pipos, 326, Guifões, 4450 Matosinhos Tel. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7^ª-A 1100 Lisboa — Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7^ª-A 1100 Lisboa — Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composto e Impresso na Heská Portuguesa, SA R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (CONTINENTE)	— 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.790\$00
REGIÕES AUTÓNOMAS	— 50 números: 6.786\$00
ESPAÑA	— 50 números: 8.326\$00
MACAU	— 50 números: 13.042\$00
GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE	— 50 números: 14.056\$00
EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA)	— 50 números: 14.960\$00
EXTRA-EUROPA	— 50 números: 18.760\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____
Código Postal _____
Telef. _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Nota da Comissão Política

Prosseguir a luta com os olhos postos no povo e no país

Na passada terça-feira, no decorrer de uma conferência de imprensa, a Comissão Política do C. C. do PCP deu a conhecer a sua apreciação da evolução da situação política após as eleições autárquicas, feita também no quadro da preparação da próxima reunião do Comité Central, que se efectua nos dias 22 e 23 de Janeiro. No comunicado, então divulgado, afirma-se:

1. A Comissão Política salienta como salutar reacção à grave crise socioeconómica que o país atravessa e às responsabilidades que para ele concorrem, as preocupadas mensagens e declarações que se fizeram ouvir no período de Natal e Ano Novo, com saliência naturalmente, para a do Presidente da República e as de destacadas figuras da Igreja Católica.

A Comissão Política salienta também a crescente tomada de consciência que se manifesta em diferentes quadrantes da vida nacional relativamente à necessidade de um entendimento das forças democráticas para assegurar uma alternativa ao Governo e à sua política, tanto no plano interno, como da integração europeia.

Esta tomada de consciência é inseparável do resultado das eleições autárquicas, muito especialmente do bom resultado obtido pelo PCP e os seus aliados da CDU.

2. A Comissão Política analisou as graves consequências sociais resultantes da política de destruição do aparelho produtivo, das falências e do encerramento de empresas.

Agrava-se o desemprego e aumentam os despedimentos: em Novembro o número de desempregados registado nos Centros de Emprego ascendia já a mais de 355 mil. A previsão generalizada é a de que, a não haver mudança de política, esta situação se vai agravar em 1994. Os salários em atraso e o trabalho infantil crescem, também.

Nos sectores e empresas, o Governo e o patronato tentam impor e aplicar aos trabalhadores as medidas mais gravosas que estavam consubstanciadas no falhado acordo social.

A Comissão Política do PCP considera de extrema gravidade o carácter provocatório das propostas do Governo visando baixar os rendimentos dos trabalhadores da Administração Central, Local e Regional incentivando assim o patronato a seguir-lhe as pisadas nas negociações contratuais em curso.

A Comissão Política alerta os trabalhadores, a opinião pública e as instituições para o facto de o Governo, para além de tentar impor a redução dos salários, ameaçar a liberdade de negociação e a contratação colectiva.

A operação de chantagem exercida pelo Governo e pelo Primeiro-Ministro, visando envolver as Centrais Sindicais num acordo cujo conteúdo era profundamente gravoso para os trabalhadores, prossegue agora nas empresas e sectores, visando o enfraquecimento da contratação colectiva, a polivalência, o aumento da precaridade e a intensificação da exploração dos trabalhadores através da flexibilização dos horários e do emprego a tempo parcial. Em grandes empresas e sectores, continua a ameaça de liquidação massiva de postos de trabalho efectivos, designadamente na Indústria Naval, na TAP, na Siderurgia, nas Telecomunicações, na Indústria Vidreira, Têxtil e no sector da Metalomecânica Pesada.

O PCP considera imperioso travar resolutamente a concretização desta ameaça.

Manifestando a sua solidariedade aos trabalhadores que defendem os seus postos de trabalho, os seus direitos e os seus salários, a Comissão Política do PCP apela ao desenvolvimento e à convergência da luta trazendo-a para o nível e dando-lhe a dimensão que a ofensiva do Governo exige e como forma mais adequada de contrariá-la com eficácia.

3. A Comissão Política analisou os últimos desenvolvimentos da luta estudantil e as acções do Governo quanto ao problema das propinas. A Comissão Política considera que a iniciativa

governamental de apresentar na Assembleia da República alterações à lei do aumento das propinas (em discussão na próxima quinta-feira) que no essencial acentuam o seu carácter repressivo, depois de um decreto-lei do Governo com sentido semelhante ter sido vetado pelo Presidente da República, se insere numa linha de prepotência e arrogância que nega o diálogo e que, longe de ultrapassar os conflitos existentes, só irá agravar os problemas e alargar os motivos de protesto.

A lei nº 20/92 que fixa aumentos brutais das propinas, viola de forma flagrante a autonomia universitária, e é uma lei injusta e iníqua, que agrava as injustiças sociais, não contribui para a melhoria da qualidade do ensino, penaliza os trabalhadores-estudantes, agravando assim a selectividade classista e contribuindo para que estudantes oriundos de sectores sociais cada vez mais amplos sejam impedidos de frequentar o ensino superior. É uma lei que concita a generalizada discordância e oposição dos estudantes, professores e órgãos representativos das Universidades e Escolas.

O PCP pronuncia-se pela revogação da lei 20/92, contra o aumento das propinas e pelo cumprimento do preceito constitucional que incumbe ao Estado de "garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados do ensino, da investigação científica e da criação artística e estabelecer progressivamente a gratuidade de todos os graus de ensino". E nesse sentido manifesta-se contra a desresponsabilização do Estado no financiamento do ensino superior público e a favor de um sistema efectivo apoio social que permita aos estudantes de menores recursos fazer face aos elevadíssimos custos da frequência do ensino superior.

O PCP considera que a situação em que se encontra o ensino superior e o seu papel no desenvolvimento do país impõe, com urgência, um alargado debate nacional nomeadamente com activa participação de estudantes e professores.

Pela sua parte, o PCP assume com clareza a necessidade nacional de uma nova política para o ensino superior. E nesse sentido e com essa perspectiva apresentou recentemente ao país um detalhado Programa de Desenvolvimento do Ensino Superior, como contributo para a análise da crise que actualmente atinge o ensino superior e contendo a formulação de linhas programáticas de orientação democrática para este importante sector educativo.

O PCP manifesta a sua solidariedade com a luta dos estudantes do ensino superior e com as posições manifestadas por professores e órgãos escolares contra a lei 20/92 do aumento das propinas, luta que constitui um importante contributo para a defesa, expansão e elevação da qualidade do ensino superior público que corresponda às necessidades de desenvolvimento do país.

4. A Comissão Política acompanhou com toda a atenção a instalação dos novos órgãos autárquicos eleitos a 12 de Dezembro, designadamente nas situações onde não se verificam maiorias absolutas.

De acordo com a orientação desde há muito seguida pelo PCP e a CDU, os eleitos comunistas manifestam total dis-

ponibilidade para o diálogo e o entendimento com outros eleitos e favorecerão, em cada caso, as soluções que melhor contribuam para garantir os interesses das populações.

5. A Comissão Política considerou algumas declarações trazidas a público por destacados dirigentes do PS em relação à questão da alternativa e ao entendimento das forças democráticas, que destoam flagrantemente das correntes mais positivas que atravessam a atmosfera política do país.

Cumprir dizer que estamos perante a reedição das fanfarronadas sobre a "maioria sozinho", da arrogante ambição hegemónica, dos piores apelos à bipolarização e ao pretenso "voto útil", do incitamento à "guerra civil" entre a esquerda, acompanhadas de impertinentes tentativas de secundarização e denegrimto do PCP.

Lamenta-se que o PS nem seja capaz de fazer uma leitura correcta dos recentes resultados eleitorais, como faz a generalidade dos comentadores, nem saiba retirar lições da sua própria experiência, insistindo no velho pedido de "uma maioria absoluta" que anda a fazer desde 1985 e é regularmente reeditado por todos secretários-gerais, com os resultados conhecidos.

Lamenta-se que, em vez de fazer esforços para responder ao descontentamento popular contribuindo para a reunião de forças para combater, conter e substituir a actual política governamental por uma nova política, se verifique da parte do PS uma tentativa de parasitar esse descontentamento ao serviço de uma egoísta ambição de poder absoluto.

Ao pretender fechar todas as perspectivas e possibilidades de uma alternativa baseada em qualquer forma de entendimento entre as forças democráticas, o PS concede um verdadeiro seguro de vida ao Governo do PSD para que este prossiga as suas malfetorias contra os interesses do nosso povo e do nosso país.

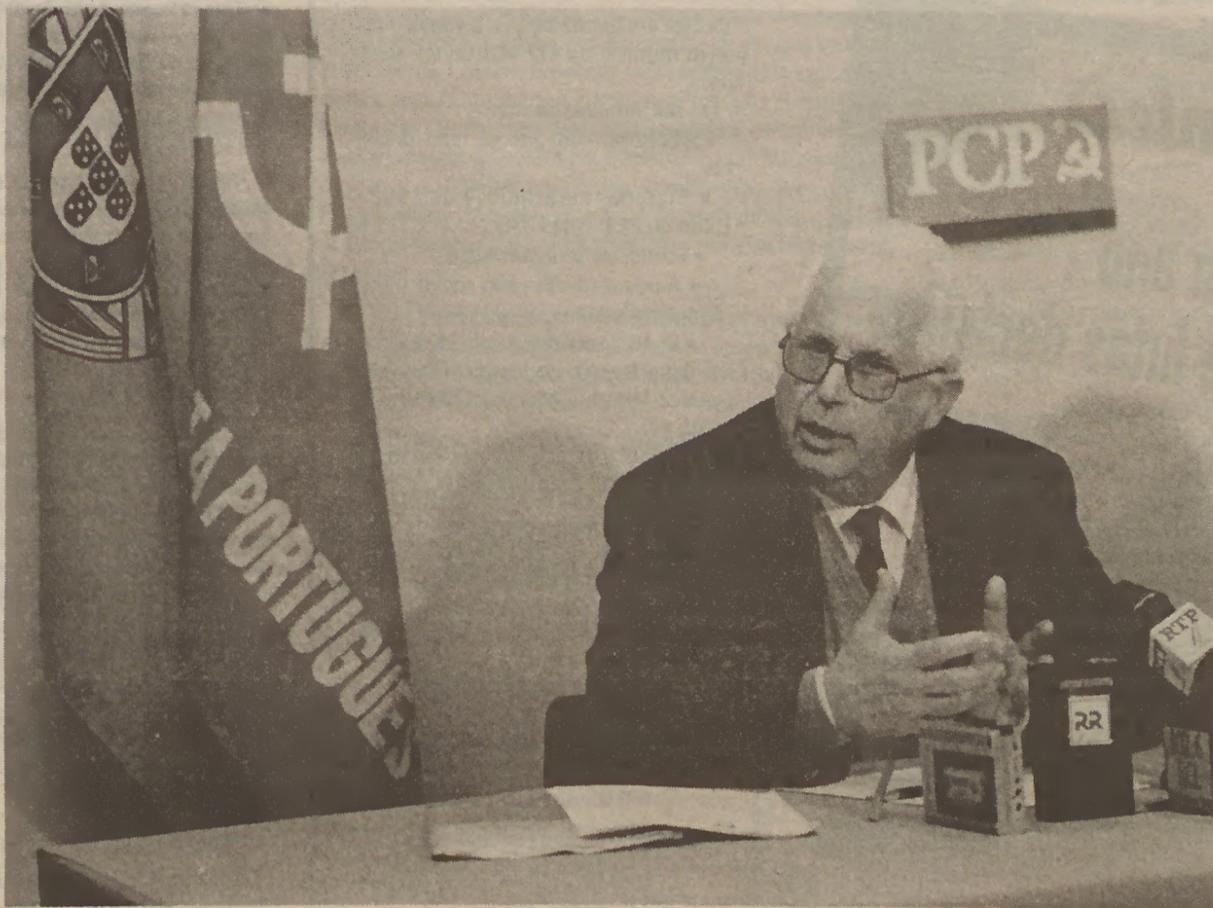
Concordamos que "os portugueses não são masoquistas" e por isso mesmo é que estamos seguros que se recusarão a viabilizar a substituição da actual maioria absoluta de desastrosas consequências, por outra de cor diferente mas idêntica em propósitos de "quero posso e mando" e semelhante nas orientações para a política económica, em questões fundamentais da política social e em toda a política de integração. Parafrazeando a imagem do Portugal ulcerado usada no último tempo de antena do PS, cumpre advertir que os remédios poderiam ter nomes diferentes, mas a droga seria essencialmente a mesma.

O PCP formula, no início deste ano em que se celebra o XX Aniversário do 25 de Abril, o voto de que seja possível dar um curso completamente diferente e novo ao debate no campo democrático e insiste por isso mesmo, incluindo junto do PS, na necessidade de um diálogo sério sobre os problemas do presente e do futuro do país e sobre os trabalhos de construção de uma alternativa credível à política e ao Governo de direita. O PCP sublinha, no entanto, que não está suspenso do curso mais ou menos feliz desse diálogo. O PCP elabora a sua política e desen-

volve a sua acção com os olhos postos nos interesses do nosso povo e do nosso país e são estes que determinarão, em última análise, os novos cursos da política nacional.

6. A Comissão Política conferiu, por fim, especial atenção a tarefas que se relacionam com o desenvolvimento da organização do Partido, o alargamento da difusão da imprensa partidária, a preparação das eleições para o Parlamento Europeu e a participação dos comunistas nas comemorações do 25 de Abril.

Contribuindo para o reforço do PCP e o seu papel e influência na vida nacional, estas tarefas, que estarão no centro dos trabalhos do próximo Comité Central, são de importância decisiva para a defesa dos interesses populares, a viragem política que a situação do país reclama e a concretização de uma alternativa democrática.



Carlos Brito apresentou aos jornalistas as conclusões da reunião de segunda-feira da Comissão Política

PS de Loures desrespeita compromissos

Comentando, relatando – e lamentando – recentes atitudes do Partido Socialista em Loures, a Comissão Concelhia do PCP tornou público anteontem um comunicado de que a seguir transcrevemos o essencial:

«Na Reunião de Câmara do passado dia 22 de Dezembro de 1993, os Vereadores do Partido Socialista, que durante o mandato autárquico participaram na elaboração dos vários Planos de Actividade municipais e nos diferentes documentos que constituem o Plano Director Municipal, votaram contra estes 2 importantes

instrumentos para o Município e a População, sem que tivessem avançado qualquer justificação plausível.

«Também na Reunião da Assembleia Municipal de 27 de Dezembro, os representantes do Partido Socialista abandonaram a citada Reunião recusando-se a votar os mesmos documentos neste órgão.

«Tais atitudes são, no nosso entender, indicadoras de uma postura do Partido Socialista pautada pelo desrespeito por compromissos assumidos e reveladora de menosprezo pelo normal funcionamento do Município e interesses da população.

«O PCP lamenta que o Partido Socialista dê sinais claros de procura do confronto numa altura em que os eleitos do PCP procuram chegar a entendimento com os eleitos de todas as forças políticas representadas nos

órgãos municipais, em resultado das eleições de 12 de Dezembro, no sentido de assegurar a necessária estabilidade e serenidade no funcionamento dos órgãos eleitos, garantindo assim uma mais eficaz procura de soluções para os problemas do Concelho de Loures.

«O PCP regista este comportamento, considerando que no interesse da população do Concelho se impõe uma reflexão séria por parte do Partido Socialista quanto às suas atitudes futuras.»



Açores

PCP contra agravamento de preços

O Secretariado da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores do PCP, em comunicado tornado público em 29 de Dezembro findo, manifesta a sua veemente posição contra o anunciado aumento do montante dos preços de bens e serviços essenciais, acrescentando que o PCP/Açores «tudo fará para que a política de agravamento excessivo de preços tenha a resposta política e social necessária».

E afirma a DORAA do PCP:

«A intensão de fazer com que sejam os trabalhadores e a generalidade da população a pagar o preço das dificuldades e dos erros cometidos, nomeadamente em empresas como a EDA e a SATA é por de mais evidente.

«O agravamento muito pesado do preço da electricidade e dos transportes aéreos reflecte-se directa e imediatamente na qualidade de vida da população das ilhas.

«O agravamento do preço de produtos como o pão e o leite associado aos aumentos dos combustíveis criam uma situação que atinge muito fortemente os cidadãos com menos recursos.

«Neste contexto, torna-se necessário que, no plano dos rendimentos, se venha a verificar, no que respeita a aumentos de salários e pensões, aumentos que anulem a possibilidade de quebras nos rendimentos reais.»

Setúbal Fim do ano em festa!

Na base de música seleccionada por um autêntico *disco-jockey* que foi José António Guerra, cerca de 150 camaradas e amigos de Partido fizeram a passagem de ano no Edifício Arrábida, numa iniciativa que a Comissão Concelhia de Setúbal do PCP retomou desde o ano passado.

Mas a animação ficou a dever-se igualmente à dupla Hele-

na Guerra-Dimas Pereira, vocalista e acordeonista, respectivamente, que interpretaram cantigas populares portuguesas e cubanas, para satisfação de uma plateia tão diversificada que incluiu um casal de japoneses em viagem pelo nosso país!...

Não podia, contudo, o reveillon terminar senão por volta das 6 horas da manhã: é que uma das coralistas do Coral

Luísa Todi, professora Maria Manuela Palma Rodrigues, sentiu que também devia dar a sua contribuição, e com os acordes de Dimas Pereira, evocou belas canções de Resistência Francesa.

Luísa Araújo, membro do Secretariado do Comité Central, dirigiu palavras de confiança, aludindo em particular às Comemorações do 20.º Aniversário do 25 de Abril que já muito em breve vão chamar à mobilização dos comunistas e dos democratas de todo o País.



«O Militante» À venda o 1.º número deste ano



Já está em distribuição e à venda o primeiro número de «O Militante» deste ano.

Do seu sumário consta:

- Abertura – um ano de lutas decisivas
- Eleições autárquicas de 1993 – Êxito do PCP e da CDU
- Fortalecer a organização
- Ainda o (des)acordo social – José Ernesto Cartaxo
- O 20.º aniversário do 25 de Abril – depoimentos de Vasco Gonçalves, Alice Vieira e Manuel Carvalho da Silva
- OLP e Israel – A paz em andamento mas com armadilhas, José Goulão
- CEE – problemas actuais e as eleições de Junho, Joaquim Miranda
- O que é o PDR? – Lino de Carvalho
- A segurança global da Humanidade (uma reflexão sobre os problemas Norte/Sul) – Zillah Branco
- E ainda Notas e Comentários, Página Aberta, Documentos do Comité Central e o 3.º destacável de «Quadros da História de Portugal».

CAMARADAS FALECIDOS

JORGE DA LUZ CALAIS

Faleceu recentemente o camarada Jorge da Luz Calais, de 83 anos de idade. Resistente antifascista e antigo combatente na guerra civil espanhola, o camarada era militante do PCP desde 1974 e encontrava-se organizado em Rio Tinto, Gondomar.

JOAQUIM VARELA

Com 57 anos de idade, faleceu no passado dia 12 de Dezembro o camarada Joaquim Varela. Natural de Santiago do Cacém, militante do Partido desde 1974, o camarada estava organizado no PIA/Raposo, no concelho de Almada.

ANTÓNIO DAS DORES FERRO

António Manuel das Dores Ferro, ex-vereador da Câmara Municipal de Beja e actualmente membro da Assembleia Municipal, faleceu durante uma sessão daquele órgão autárquico, vitimado por doença súbita. O camarada, que contava 57 anos de idade, era natural das Neves, concelho de Beja. Militante do PCP desde a clandestinidade, o camarada falecido era operário ferroviário reformado.

JAIME AMORIM

Com 84 anos de idade, faleceu o camarada Jaime Amorim. Reformado dos CTT, o camarada participou, com 22 anos, na revolta militar de 26 de Agosto de 1931 contra o regime fascista, tendo sido deportado para Timor durante dois anos. Pertencia à organização concelhia de Vila Nova de Cerveira do PCP, onde foi sempre militante activo e dedicado. Foi candidato da CDU nas eleições de Dezembro de 1993.

LUÍS LOPES

Faleceu recentemente o camarada Luís Lopes. Reformado, muito respeitado na zona de Lisboa onde vendia «Avantes» e cobrava quotização do Partido, o camarada estava organizado na Freguesia de S. Miguel e colaborava na Associação de Reformados de Alfama.

OTELO ALVES

Com 81 anos de idade, faleceu no último dia do ano findo o camarada Otelito Roberto Alves, após prolongada doença. O camarada pertencia à Organização de Freguesia de Paço de Arcos do PCP.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Contestada Lei das Propinas volta hoje ao Parlamento

«Movimento estudantil tem todas as condições para reagir contra as injustiças e arbitrariedades»

— afirma António Filipe
em entrevista ao «Avante!»

A Lei das Propinas volta hoje a estar no centro do debate parlamentar. Em análise, na sequência do veto presidencial ao decreto-lei do Governo, uma proposta de lei que na sua substância em nada altera os fundamentos que têm estado na base de um dos mais poderosos movimentos de contestação estudantil dos últimos anos.

Longe de pacificar a questão, o conteúdo do diploma lança novas achas para a fogueira, desde logo ao impor a aplicação administrativa dos aumentos, passando por cima da autonomia universitária, e ao estabelecer sanções para os estudantes que não paguem.

Longe de ser o último episódio de tão polémica Lei, adivinha-se, pois, que o debate de hoje não encerrará a questão e novos desenvolvimentos se perfilam no futuro próximo. Em entrevista ao «Avante!», o deputado comunista António Filipe explica porquê, dando a conhecer detalhadamente a posição da sua bancada sobre o conteúdo do diploma e avançando as razões pelas quais o PCP continuará a lutar pela revogação da Lei das Propinas, «sem quaisquer equívocos ou ambiguidades».

— Na sequência do veto presidencial ao Decreto-Lei do Governo de alteração à Lei das Propinas, a questão surge em debate na AR sob a forma de Proposta de Lei. O que traz esta proposta verdadeiramente de novo?

— A grande questão que vai estar hoje em debate na AR não é nova. Esta Proposta de Lei surge como mais uma tentativa da parte do Governo para impor aos estudantes e aos órgãos universitários a aplicação do aumento brutal das propinas que consta, no essencial, da já célebre Lei 20/92. Ao contrário do que o Governo procura fazer crer, esta Proposta de Lei não visa regulamentar a Lei das Propinas, nem alterá-la nos seus aspectos essenciais e substanciais.

Mecanismos autoritários

— Queres dizer que se mantém inalterável a intenção de promover aumentos brutais das propinas?

— Sem dúvida. Do que verdadeiramente se trata é de criar mecanismos legais que, passando por cima da autonomia universitária, imponham a aplicação administrativa dos aumentos mesmo contra a vontade das instituições e de estabelecer um novo regime sancionatório para os estudantes que não paguem, impondo a anulação das respectivas matrículas e o impedimento de frequentar as aulas ou de beneficiar de mecanismos de acção social escolar.

— São esses os aspectos mais gravosos de que enferma o diploma?

— Efectivamente, são. O que mais sobressai nesta Proposta de Lei é a tentativa — mais uma — de fazer prevalecer os mecanismos autoritários e repressivos para aplicar uma lei que é unanimemente contestada pela comunidade universitária. Confrontado com a firme resistência oposta pelos estudantes ao aumento das propinas e com as fortes reservas manifestadas por muitos órgãos universitários à aplicação de uma lei por todos considerada como injusta, o Governo recorreu aos mais baixos processos de chantagem, de intimidação dos estudantes e a tentativas de impor autoritariamente o aumento das propinas, com graves atropelos às competências próprias dos órgãos autónomos das universidades.

— Uma postura que, de resto, não é nova...

— Sim, este processo não é novo. Todos nos lembramos das ameaças de Couto dos Santos de que quem não pagasse propinas não entraria na Função Pública. Todos nos lembramos da golpada realizada pelo Governo quando inseriu no Orçamento de Estado para 1993 uma norma estabelecendo a fixação do montante das propinas, passando por cima dos órgãos universitários. Lembramo-nos



ainda das tentativas para impor a não passagem de certificados de habilitações a quem não tenha pago as propinas. Esta Proposta de Lei é mais uma tentativa, muito gravosa no seu conteúdo, de forçar a aplicação da lei. Pretende passar por cima das competências dos órgãos universitários na fixação de montantes e prazos de pagamento e pretende aplicar sanções muito duras a quem recuse o pagamento das propinas.

Aposta no confronto

— Contra todos, o Governo despreza assim esta oportunidade soberana oferecida pelo veto presidencial para repensar toda esta problemática?

— É de facto muito grave que o Governo, confrontado com as críticas de todos os quadrantes à Lei das Propinas, com a reivindicação da generalidade dos órgãos universitários e associações de estudantes de que todo o processo da Lei das Propinas seja repensado a partir da estaca zero, com a contestação que fez cair o ministro Couto dos Santos, não tenha aproveitado a oportunidade proporcionada pelo veto presidencial ao último diploma de Couto dos Santos para repensar e dialogar. Ao contrário, o Governo insiste no agudizar da confrontação e insiste em prosseguir com outra ministra a política falhada do seu antecessor.

— Podemos então concluir que em matéria de propinas o Governo não cedeu a nenhum dos aspectos que continuam a ser alvo da contestação do movimento estudantil?

— Podemos concluir que o Governo tem sido, até ao momento, o grande derrotado na questão das propinas. A Lei das Propinas foi publicada em Agosto de 1992 e o Governo ainda não conseguiu impor a sua aplicação generalizada. No entanto, insiste em prosseguir uma política cujo fracasso é evidente e em agudizar o confronto com o movimento estudantil e com os órgãos universitários.

Mercantilização do ensino

— Podem, por conseguinte, desiludir-se os que admitem que as alterações introduzidas possam vir a pacificar a polémica questão das propinas?

— Decerto que não virão pacificar a questão. Creio, aliás, que a revogação da Lei das Propinas, tal como o PCP propõe, será a única pacificação duradoura possível. O que opõe o Governo ao movimento estudantil não são apenas, nem sobretudo, os aspectos ligados à forma de aplicação da lei ou à forma de cálculo do montante das propinas. A questão de fundo da Lei das Propinas é a que verdadeiramente divide o Governo do movimento estudantil. É a questão de saber se, sendo a educação um sector prioritário do desenvolvimento nacional e um inquestionável investimento social, estabelecendo a Constituição a gratuidade progressiva do acesso aos níveis mais elevados de ensino e sendo esse acesso um direito social inquestionável, é justo, ou é legítimo, impor o princípio de que quem quer ensino superior que o pague.

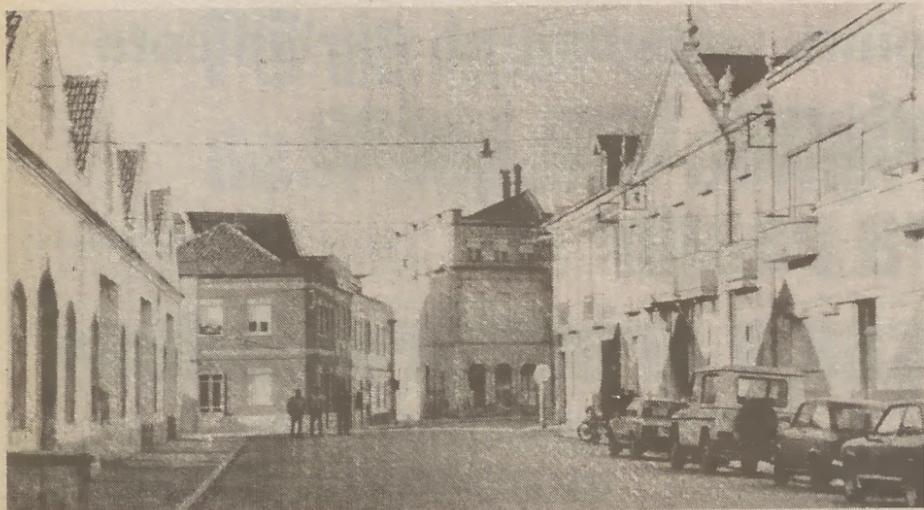
O que subjaz à Lei das Propinas é o objectivo do Governo de mercantilização do ensino. A concepção do ensino como um privilégio individual que deve ser pago e não como um investimento social que deve ser assegurado pelo Estado. São esses objectivos que se escondem por detrás dos falsos propósitos de justiça social com que o Governo pretende hipocritamente disfarçar a alienação das suas responsabilidades para com os cidadãos. A Lei das Propinas é mais um elemento da sociedade profundamente injusta a que a política do PSD conduz o nosso país.

Creio que o movimento estudantil possui hoje uma elevada consciência desta realidade. A sua oposição à Lei das Propinas é uma oposição de fundo que não é ditada por razões conjunturais ou de oportunidade. Neste quadro, torna-se evidente que a contestação estudantil à Lei das Propinas vai prosseguir.

— Acreditas então que o debate de hoje não será o último episódio da tão indesejada Lei das Propinas e que os estudantes não baixarão os braços e novos desenvolvimentos poderão ocorrer no futuro?

— Não é futurologia acreditar que os estudantes não baixarão os braços. Quando há mais de um ano e meio foi aprovada a Lei das Propinas não faltou quem pensasse estar perante o único episódio desse processo. Não foi assim. Aliás, cada novo «episódio» foi desencadeado pelo Governo com o objectivo de ser o último. Creio que o movimento estudantil, com as vitórias que obteve nos últimos anos, tem todas as condições para acreditar em si próprio e nas suas próprias forças para reagir contra as injustiças e as arbitrariedades.

Da nossa parte, Grupo Parlamentar do PCP, continuaremos a lutar contra a aprovação desta Proposta de Lei e pela revogação da Lei das Propinas, sem quaisquer equívocos ou ambiguidades.



Uma das ruas do Montijo

Jacinta Ricardo, na tomada de posse

«Montijo não pode perder o comboio do progresso»

A presidente da Câmara do Montijo, Jacinta Ricardo, considerou ser possível e desejável encontrar consensos, independentemente das divergências ideológicas que separam os membros do executivo camarário.

Jacinta Ricardo sublinhou que «saber privilegiar os interesses colectivos aos interesses de grupo deve ser uma máxi-

ma que todos, sem excepção, devem acatar».

A presidente do município montijense falava no final da tomada de posse dos órgãos autárquicos do concelho do Montijo, «território sobre o qual se desenham grandes apetites e prefigura enormes possibilidades», que «não pode perder o comboio do progresso e do desenvolvimento», frisou.

Luta de feirantes em Vila Nova de Famalicão

Vila Nova de Famalicão vive dias agitados, devido a uma luta desencadeada pelos feirantes locais contra a Câmara Municipal deste Concelho do Distrito de Braga.

Segundo relatos da agência Lusa, o conflito desencadeou-se quando várias dezenas de vendedores grossistas cortaram, no passado dia 4, cerca das 7.50 h., o trânsito no centro de Vila Nova de Famalicão, junto à Rotunda da Paz.

Os comerciantes protestam contra a decisão da Câmara Municipal de Famalicão de proibir a revenda à terça-feira.

Fonte da Brigada de Trânsito da GNR do Porto disse então à Agência Lusa que o trânsito estava a ser desviado por estradas camarárias, tendo aconselhado os automobilistas que circulavam na auto-estrada Porto-Braga, a evitar sair em Famalicão, optando por Cruz.

Entretanto, os comerciantes grossistas de Famalicão foram impedidos por elementos da PSP local, ao princípio da manhã, de realizar a habitual feira de revenda na Rotunda da Paz, por decisão da Câmara Municipal.

Joaquim Lima, adjunto do presidente da Câmara de Famalicão, disse à Agência Lusa que a autarquia «enviou, em Setembro de 1993, uma carta pessoal a todos os feirantes anunciando que a feira se deixaria de realizar no início de 1994, cumprindo assim a legislação vigente que proíbe o exercício da actividade comercial por grosso nas feiras».

Um dos comerciantes que participou no corte de estrada acusou, no entanto, a autarquia de «não dar alternativas aos grossistas», acrescentando: «a Câmara deveria criar, em primeiro lugar, condições para que nos pudéssemos estabelecer noutro local».

Segundo aquele comerciante, «um grupo de vendedores investiu na compra de um terreno, junto à estrada que liga Famalicão ao Porto, destinado à construção de lojas, mas a Câmara de Famalicão tem atrasado o processo».

Joaquim Lima lamentou a posição dos comerciantes, lembrando que «existem já cinco projectos aprovados para a construção de estabelecimentos para comércio por grosso de feirantes».

Aquele responsável sustentou que o encerramento da feira de grossistas, imposta pela nova legislação, provoca «prejuízos de cerca de 50 mil contos para a Câmara de Famalicão», cabendo ao município «apenas a responsabilidade de aprovar os projectos apresentados pelos comerciantes».

Novos hospitais em Leiria e Matosinhos

O Conselho de Ministros decidiu contrair um empréstimo de cerca de 674 mil contos para financiamento parcial da construção dos hospitais de Matosinhos e Leiria, segundo uma resolução divulgada no Diário da República.

O empréstimo, a contrair junto do Fundo de Desenvolvimento Social do Conselho da Europa, em condições consideradas vantajosas, consta da resolução divulgada em suplemento ao Diário da República datado de 29 de Dezembro último.

Resta saber que política hospitalar e de saúde irão estas duas unidades servir. Se for a que o actual Governo prossegue, os problemas, distorções, subaproveitamentos e deficiências múltiplas, já experimentadas e vividas com hospitais como os de Santarém, Abrantes ou Almada (para citarmos apenas alguns exemplos), irão prosseguir e aprofundar-se com estas duas unidades...

De facto nem só de hospitais vive a (boa) saúde: a política que a determina, é igualmente fundamental.

Loures

Contentores ambientais para recolha do lixo

Um novo tipo de contentores de lixo doméstico, que protegem o ambiente, estão a ser instalados na urbanização da Quinta do Infante, Loures, anunciou a Câmara local.

Contactado pela agência Lusa, Fernando Correia, do Gabinete de Comunicação Social da Câmara Municipal de Loures, explicou que foram recentemente instalados seis contentores ambientais naquela urbanização.

A Câmara pretende demonstrar à população residente — cerca de quatro mil moradores — durante a manhã de terça-feira o funcionamento de alguns destes contentores.

«Trata-se de um tipo de contentor que ainda só é utilizado, a nível nacional, num concelho da Área Metropolitana do Porto, e que traz muitas vantagens para a população», acrescentou.

Este novo modelo de contentores tem uma capacidade de cinco metros cúbicos — cinco vezes mais do que os contentores normais — e tem a particularidade de ficar «enterrado» no solo.

«Ao ficarem instalados em zonas verdes, não retiram espaço de estacionamento para os automóveis e o facto de ficarem enterrados proporciona uma temperatura

mais fresca, que impede o aquecimento do lixo, a consequente decomposição e a proliferação de bactérias e maus cheiros», referiu.

«Foram concebidos para zonas densamente povoadas, nas quais o problema dos lixos domésticos é uma constante preocupação», comentou.

Outra vantagem, de acordo com aquele responsável, é o facto de prescindir de algum pessoal na recolha de lixos domésticos.

«Tradicionalmente são necessárias três pessoas para recolher o lixo dos contentores. Com este sistema, que recolhe os plásticos ali colocados, bastarão duas pessoas ou talvez, no futuro, só uma», disse.

Fernando Correia esclareceu que «esta situação não significa que a Câmara pretende despedir pessoal. É muito difícil conseguir recrutar pessoas para este tipo de trabalho violento e geralmente desprezado. Este sistema poderá resolver o problema da falta de pessoal para a recolha de lixo».

O novo modelo foi também concebido tendo em conta o enquadramento paisagístico e a segurança, nomeadamente para as crianças.



Em Loures começou uma interessante experiência com «contentores ambientais» (na foto, freguesia de Odivelas, no Concelho de Loures)



Matosinhos e Leiria vão ter novos hospitais. Irão eles resolver velhos problemas? (Na foto, pormenor da zona piscatória de Matosinhos)

Ensino, Agricultura, Saúde, Justiça...



As propinas universitárias vão manter os estudantes em luta



Os agricultores sentem-se abandonados pelo Governo



Na Justiça os problemas avolumam-se

Lutas que passam para o ano novo

A agitação estudantil, dos agricultores, dos médicos, a instabilidade dos juizes, de trabalhadores de diversos sectores, foram algumas das áreas mais perturbadas na vida portuguesa ao longo de 1993 e das quais, no novo ano de 1994, se prevê novamente a concretização de duros processos de luta em defesa de direitos, de emprego ou, mais simplesmente, em protesto contra a política seguida pelo Governo. São áreas-chave que colocaram em «xeque» a política do executivo, e que trouxeram para a rua, no ano passado, milhares de trabalhadores e jovens sobre os quais recaiu a violência policial.

Manifestações espectaculares de agricultores iniciaram o ano de 1993 e muito provavelmente vão marcar o começo do ano de 1994, uma vez que as principais reivindicações dos mais variados sectores de produção não foram atendidos: a diminuição dos custos dos factores de produção e das taxas de juro do crédito agrícola. Fruticultores e suinicultores foram dos que protestaram contra as importações de produtos de outros países em prejuízo da produção nacional. O leite e o vinho, entre muitos outros sectores, enfrentam situações muito difíceis que podem motivar a breve prazo novas formas de luta, agora que está em vigor a tão contestada reforma da PAC e se negocia uma reforma para os vinhos que poderá comprometer seriamente o produto português. Entretanto, o país está cada vez mais dependente, em termos alimentares, do estrangeiro...

Alunos do ensino superior, apoiados pelos do secundário, mantiveram um longo processo de luta com

o então ministro Couto dos Santos, ao rejeitarem uma Lei das Propinas cujo decreto-lei de regulamentação acabou por passar parcialmente no Tribunal Constitucional mas acabou vetado pelo Presidente da República e depois transformado pelo governo em proposta de lei a enviar com urgência ao Parlamento. Sinais de que a política governamental não vai mudar nesta área, apesar da mudança no final do ano do titular da pasta, agora Manuela Ferreira Leite, que já ocupava o cargo a 7 de Dezembro quando de nova manifestação estudantil depois de uma carga policial sobre estudantes concentrados em 24 de Novembro frente ao parlamento ter indignado o país. A reforma educativa e o estatuto da carreira docente foram contestados pelos professores, através de greves nacionais e às horas extraordinárias, situações que poderão repetir-se em 1994.

Conturbado esteve também o campo da Saúde, quando o Governo procurou implementar uma nova legislação que reformula o Serviço Nacional de Saúde, recusada pela classe médica, e que, segundo o sindicalista Mário Jorge «pretende empurrar grande parte da população para o sector privado», aplicando a filosofia tipo «quem quer saúde, paga».

Medidas do ex-Ministro Arlindo de Carvalho, como o destacamento compulsivo de clínicos para a província e casos como a morte de 24 hemodialisados em Évora ou a decisão sobre indemnizações a hemofílicos contaminados com SIDA fizeram crescer a contestação à política governamental do sector, atingindo em cheio o titu-

lar da pasta, que acabaria demitido.

A nomeação do novo ministro Paulo Mendo e a disponibilidade manifestada para o diálogo deixou a classe médica em expectativa, mas muitos duvidam da possibilidade de uma mudança política de fundo neste sector.

A Justiça esteve igualmente agitada em 1993: a independência dos juizes surgiu num debate lançado ao mesmo tempo que terminavam processos que envolveram figuras públicas (Costa Freire e Carlos Melancia, por exemplo) e o ministro, em véspera de eleições autárquicas, foi inaugurando novos tribunais que depois se verificaria não terem o mínimo de condições de trabalho, como foi o caso, mais conhecido, de Oeiras.

No sector laboral, o aumento do desemprego, o descontentamento dos funcionários públicos, dos reformados e de trabalhadores de numerosas empresas e sectores lançaram para a rua a contestação social, que atingiu o pico máximo com a TAP, cenário de uma carga policial sobre manifestantes descontentes com as perspectivas de despedimento que se perfilavam no horizonte.

Uma contestação que acabou por fazer cair Braga de Macedo (ministro das Finanças) e Silva Peneda (Emprego e Segurança Social), este último poucos dias depois de ter declarado em Setúbal, ao inaugurar um centro de apoio a desempregados, que o desemprego era «um estado psicológico».

Desemprego que todos os estudos económicos de origens diversas indicam que irá aumentar em 1994. Novas lutas se avizinham.

Vigilantes penalizados por adesão a greve

Pelos menos seis vigilantes privados foram transferidos para «piores» locais de trabalho depois de terem aderido à greve de 31 de Dezembro e 1 de Janeiro, acusou terça-feira um elemento do sindicato do sector. Carlos Trindade, coordenador nacional do Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza, Domésticas, Profissões Similares e Actividades Diversas (STAD), disse à agência Lusa que os trabalhadores foram avisados da transferência na segunda-feira, classificando de «revanche inqualificável» a atitude das entidades patronais.

O sindicalista referiu que se conhecem os casos de mais seis trabalhadores de Lisboa, Porto e Coimbra, transferidos na sequência da greve à qual aderiram. «Os trabalhadores foram transferidos para mais longe de casa ou de edifícios de escritórios para fábricas, onde as condições de trabalho são piores», explicou.

A greve da vigilância privada, que registou uma adesão de cerca de 40 por cento, visava protestar contra o aumento de quatro por cento proposto pelo patronato e a recusa deste de «criação de subsídio da alimentação, categorias profes-

sionais e carreiras profissionais no sector».

Na próxima semana, realizar-se-á um plenário nacional descentralizado «para que os trabalhadores se pronunciem sobre o desenvolvimento da revisão contratual», depois de ontem estar prevista uma reunião de conciliação com o patronato no Ministério do Emprego.

Segundo Carlos Trindade, o sector de vigilância privado envolve 160 empresas, com uma facturação anual de 35 milhões de contos, e 12 mil trabalhadores, cujo ordenado-base para um horário de 42 horas semanais é de 79 100 escudos.

Executivo da Câmara de Loures toma posse amanhã

O presidente do município de Loures, Demétrio Alves, declarou terça-feira que a CDU está a fazer «o possível» para que os socialistas participem no novo executivo camarário que toma posse amanhã, mas que o PS faz «exigências empoladas». A repartição de pelouros e a governação da autarquia durante o próximo mandato foram terça-feira objecto de discussão entre Demétrio Alves, vencedor com maioria relativa, e António Costa, candidato derrotado do PS.

Nas eleições de 12 de Dezembro, para a Câmara Municipal, a CDU conquistou 4 mandatos, o PS outros 4 e o PSD 3. Para a Assembleia Municipal, a CDU conseguiu 29 mandatos, o PS 18, o PSD 9, o CDS e o PCTP/MRPP um cada um.

«Estamos a fazer tudo quanto é possível para que o PS participe no executi-

vo», disse, à Lusa, Demétrio Alves, garantindo que a sua coligação «não tem uma postura estanque nem dogmática». Acrescentou que a CDU está também a «analisar» as propostas do PSD.

Segundo o presidente eleito da Câmara Municipal de Loures, o PS tem feito «exigências empoladas, que aparentemente pretendem inviabilizar um acordo».

Embora a Câmara seja empossada amanhã, Demétrio Alves sublinhou que vai continuar «a fazer tudo para que todos participem» e adiantou que «não há limites» para o acordo ser conseguido.

A primeira reunião do novo Executivo municipal de Loures, segunda autarquia do País em número de habitantes, realiza-se dia 12.

Produtores de leite dispostos a voltar às ruas

Os produtores de leite querem melhores preços

Produtores de leite em Montemor-o-Velho, Cantanhede e Figueira da Foz, membros da ADACO- Associação Distrital dos Agricultores de Coimbra, afirmam-se dispostos a promover uma manifestação regional ou nacional caso não sejam atendidas as reivindicações aprovadas na última reunião da Comissão de Produtores de Leite daquela associação que ocorreu em Linceia, Montemor-o-Velho.

Recorde-se que este produtores promoveram em Julho do ano passado uma concentração na Tocha, que foi um dos pontos altos das numerosas manifestações de agricultores ocorridas em 1993 contra a política agrícola seguida pelo Governo.

Entre as reclamações apresentadas em exposição

enviada à LACTICCOP, ANIL - Associação dos Industriais do Leite e ao Director-Geral do INGA, exige-se o aumento de 10 escudos por litro de leite pago à produção; a atribuição de quotas com base na produção de 1991 e que o INGA instale laboratórios nas diversas regiões leiteiras para a contra-análise às classificações de leite feitas pelos compradores.

Outras reclamações incluídas nesta exposição são que as transferências definitivas de quotas entre produtores se façam com a manutenção de exigência de transferência da terra respectiva, a regionalização da quota nacional do leite com a sua distribuição equitativa pelas regiões e sub-regiões leiteiras e que seja dada prioridade aos

jovens agricultores e aos pequenos e médios produtores no acesso ao leite da Reserva Nacional.

A bonificação das taxas de juro do crédito para os agricultores e a baixa dos preços dos factores de produção são outras exigências feitas pelos produtores de leite, neste caso acompanhando os protestos generalizados dos agricultores portugueses.

Sector leiteiro mergulhado em profunda crise

Na caracterização da actual situação do sector, os membros da ADACO, associação que é filiada na CNA, dizem que «o sector leiteiro continua mergulhado numa profunda crise: os preços do leite não sobem no produtor há cerca de seis anos e em contrapartida todos os factores de produção têm subido, e muito ao longo destes anos». Por outro lado, «começa a existir falta



de leite para a indústria, devido ao desaparecimento de grande parte dos pequenos e médios produtores, nos últimos dois anos», enquanto «cada vez mais vemos leite e laticínios estrangeiros nas prateleiras das grandes superfícies comerciais».

«O novo Regime de Atribuição das Quotas de Produção Leiteira ainda está por regulamentar, nove meses após o início da presente campanha», dizem ainda os produtores do distrito de Coimbra que assinalam que «a classificação do leite pelas entidades compra-

doras tem prejudicado notoriamente os produtores, pagando estas entidades o leite como entendem» e que «os compradores pretendem aumentar o teor mínimo de gordura do leite na produção, prejudicando assim financeiramente os produtores».

Desde 1 de Janeiro 58 comarcas sem juiz

O Conselho Superior da Magistratura (CSM) afirma que desde o passado «1 de Janeiro, 58 lugares ou comarcas» estão sem juiz, «sendo o serviço assegurado em regime de acumulação». Este é o resultado da aprovação, em sessão plenária do CSM, do «movimento judicial de Dezembro», que foi determinado em conformidade com duas portarias este ano publicadas pelo Ministério da Justiça, segundo esclarece o CSM, em comunicado datado do passado dia 20.

Aqueles diplomas determinam a instalação, a partir de 1 de Janeiro, de «265 novos lugares, para os quais só existem 232 juizes nos correspondentes tribunais, entretanto a extinguir, sendo certo que já se encontravam 25 comarcas sem juiz», conforme diz o Conselho.

De acordo com o CSM, com os 68 novos juizes, que deverá receber em Maio, será possível, no «movimento judicial de Julho, preencher todos os lugares agora deixados vagos»; no entanto, como o movimento judicial de Julho «só terá efeitos práticos a partir de 15 de Setembro», o CSM alerta que «durante oito meses e meio e como consequência das referidas portarias, terão que ficar sem juiz 58 lugares e comarcas».

Perturbação numa cadeia de Coimbra

Um grupo de reclusos do estabelecimento prisional de Coimbra anunciou segunda-feira encontrar-se em greve de fome para protestar contra o que consideram ser «arbitrariedades e prepotência» do director e do chefe dos guardas.

Em comunicado citado pela agência Lusa, os treze signatários afirmam que a greve de fome «só terminará quando houver garantias inequívocas e sérias» por parte das autoridades competentes de «alterações profundas» na cadeia e seguimento legal das queixas contra o director.

Os signatários referem a existência de «factos muito graves», que, no entanto, não concretizam, adiantando que são «enunciados e pormenorizados» em documentos que estão a ser enviados às autoridades competentes.

Em declarações à Lusa, o director-geral dos Serviços Prisionais considerou a greve de fome, «de que já se vinha falando há tempos», uma atitude de «perturbação pela perturbação», levada a efeito «por gente muito complicada».

Fernando Duarte acrescentou que o estabelecimento prisional de Coimbra «é talvez mais disciplinado e contido», onde o trabalho «está organizado» e em que «não há permissividades», não estranhando os ataques feitos ao director.

O director-geral dos Serviços Prisionais sublinhou que «já, por diversas vezes», mandou averiguar queixas que se revelaram infundadas, pelo que mantém a sua confiança em Vítor Brito, o director do estabelecimento prisional.

«Crime no Alviela» Milhares de peixes mortos por descarga poluente



A existência de milhares de peixes mortos nas margens do rio Alviela foi dada a conhecer no final da semana passada pelo Partido Ecologista «Os Verdes» que recebeu uma denúncia feita por um residente da freguesia de Vale de Figueira. Junto a esta povoação, no concelho de Santarém, os milhares de cadáveres de peixes mortos foram-se acumulando, facto que para aquele partido foi «certamente fruto de uma descarga de poluentes, provenientes das indústrias de curtumes de Alcaneira», sendo esta «a primeira vez que tamanho desastre ecológico acontece» naquela zona, segundo se afirma num comunicado divulgado na sexta-feira pelo Gabinete de Informação dos «Verdes».

«Curiosamente, este atentado contra o ambiente coincide com a entrada em vigor da Convenção para a Biodiversidade das Espécies, assinada na Conferência do Rio» diz o referido comunicado que acusa o governo português, através do Ministério do Ambiente, de não ter tomado ainda «as medidas que permitam pôr em prática os compromissos aí assumidos».

Os «Verdes» afirmam ainda que irão desenvolver esforços para apurar as responsabilidades pelo «crime no Alviela».

Presidência grega da CE preocupa parceiros comunitários

A presidência da União Europeia está a cargo da Grécia, desde o início do ano, e por um período de seis meses. Por um daqueles acasos de calendário que ninguém previu e a ninguém parece agradar, a Grécia inicia o seu mandato num período particularmente delicado, marcado pela entrada em vigor da segunda fase da União Económica e Monetária (UEM); pelo início oficial do Espaço Económico Europeu (EEE); pelo início do Acordo Norte-Americano do Comércio Livre (NAFTA).

Como pano de fundo, a presidência grega tem, a par das suas próprias dificuldades internas, um clima de recessão na Comunidade que está longe de chegar ao fim, o aumento galopante do desemprego e o "desafio" de implementar o famigerado Livro Branco sobre o crescimento, a competitividade e o emprego mais ou menos acordado pelos Doze na última cimeira de Bruxelas.

Para os parceiros europeus, a Grécia é neste momento uma espécie de "ovelha negra" da família. A sua economia não obedece aos critérios de convergência nominal impostos por Bruxelas, a moeda continua a não estar em condições de aderir ao mecanismo de câmbios do Sistema Monetário Europeu (SME), a

inflação mantém-se extremamente elevada (18,9 por cento) e - o que para alguns parece ser o mais grave - o ministro grego dos Assuntos Europeus, Théodoros Pangalos, afirma alto e bom som as suas discordâncias com os defensores do liberalismo, garantindo que para o seu governo "se trata primeiro do crescimento e do emprego e só depois da competitividade".

Uma concepção pouco conforme à filosofia que preside à entrada em vigor do EEE, o maior mercado do mundo, que no dia 1 entrou oficialmente em vigor com a abertura das fronteiras de 18 países à livre circulação de bens, serviços, capitais e consumidores, calculados em mais de 400 milhões. Ao espaço comunitário, com os seus mais de 340 milhões de cidadãos, juntaram-se agora os países da Associação Europeia do Comércio Livre (EFTA), com excepção da Suíça, cujos cidadãos rejeitaram em referendo a adesão ao EEE.

Também no início do ano entrou oficialmente em vigor o homólogo americano do Espaço Económico Europeu, o Acordo Norte-Americano do Comércio Livre (NAFTA), que por sua vez prevê a supressão, nos próximos 15 anos, de todas as barreiras alfandegárias entre os Estados Unidos, México e



A Grécia assume a presidência da CE num período marcado por crescentes preocupações face ao futuro (foto de arquivo)

Canadá, com o objectivo de criar um mercado continental na América, de 360 milhões de consumidores.

Grupo de sábios

Das tarefas que esperam a presidência grega, a menos polémica, no imediato, parece ser a conclusão das negociações da adesão da Suécia, Noruega, Finlândia e Áustria à União Europeia. Tendo em conta o avançado estado das negociações, é de crer que o processo deverá

estar pronto em Março, de forma a permitir a ratificação dos tratados de adesão pelo Parlamento Europeu antes das eleições de Junho e a sua entrada em vigor no início de 1995.

Muito menos pacífica será sem dúvida a anunciada intenção da Grécia de promover a formação de um "grupo de sábios" para preparar uma Constituição Europeia.

A ideia, apresentada como destinada a combater o

"europessimismo", visaria criar as bases para a revisão do Tratado de Maastricht, prevista para 1996. No imediato, e sem mesmo se conhecerem os seus pormenores, esta iniciativa provocou protestos em Londres e Copenhaga, e deixou aparentemente indiferentes os restantes parceiros. Mas se se tiver em conta o "nado morto" que cada vez mais é o Tratado de Maastricht e as dificuldades crescentes à concretização das suas pre-

missas básicas, é bem possível que um dia deste a ideia do "grupo de sábios" não pareça tão despropositada como hoje se procura fazer crer.

Em tempo de crise, não faria mal à União Europeia um pouco menos de demagogia e um pouco mais de sabedoria, quanto mais não fosse para repensar as "soluções" que têm contribuído para manter e agravar a crise em que a Comunidade se encontra mergulhada.

Mesmo branqueado Desemprego aumenta

A taxa de desemprego em Portugal atingiu os 6,2 por cento no quarto trimestre do ano, o que representa um aumento de 1,7 por cento em relação a igual período de 1992, revelou a semana passada o Instituto Nacional de Estatística.

Aplicando a metodologia adoptada na Comunidade Europeia (e que objectivamente "branqueia" a situação real), foi registado um aumento de 76 mil desempregados desde o último trimes-

tre de 1992, acrescidos da redução de 20 mil activos, o que perfez a supressão de 96 mil postos de trabalhos no quarto trimestre de 1993.

Daqueles números, resulta uma redução da taxa de actividade da população de 48,5 para 48,3 por cento.

Segundo o INE, em valores médios, o total dos desempregados em 1993 foi de 248,3 mil, ou seja, uma degradação de 32,9 por cento em relação a 1992. Como no quarto trimestre o

número de desempregados foi de 279,5 mil pessoas, significa que a tendência para o aumento do desemprego continua, ao contrário do que os responsáveis governamentais têm procurado fazer crer.

O aumento do desemprego foi mais acentuado na indústria (mais 2,7 por cento) e, por ramos de actividade, nas empresas de têxteis e calçado (mais 6,6 por cento do que em 1992) e na construção (mais 1,7 por cento).

Os trabalhadores por conta de outrem e com idades até 49 anos foram os mais afectados pela subida do desemprego, e, na indústria, as mulheres foram as principais atingidas (menos quatro por cento).

Os dados do INE revelam ainda que a maioria dos desempregados continua no mercado de trabalho, à procura de emprego, o que explica o significativo aumento de desempregados à procura de ocupação (mais 45,7 por cento), enquanto os jovens à procura de primeiro emprego se ficam pelos cinco por cento.

Espelho da crise é ainda o facto de os jovens entrarem mais tarde no mercado de trabalho, enquanto aumenta o número de trabalhadores familiares não remunerados (sobretudo mulheres), dos trabalhadores isolados e dos trabalhadores por conta própria.

O sector têxtil, que o Governo sacrificou nas recentes negociações do GATT, continua a deter o maior número de desempregados - 14,7 por cento, num total aproximado de nove mil pessoas, registadas entre o último trimestre de 1992 e o de 1993.



O desemprego continua a afectar profundamente os trabalhadores do sector têxtil

Observatório da droga Existe ou não?

Na distribuição das várias sedes comunitárias, levada a cabo no Conselho Europeu de Copenhaga de Junho de 1993, coube a Portugal a sede do "Observatório da Droga".

Feito o anúncio oficial, o silêncio abateu-se sobre o assunto. Seis meses passados, não deixa de ser estranha a total falta de informações públicas sobre a instalação de tal "observatório", o que alimenta legítimas dúvidas, suscitadas desde a primeira hora, de que a referida decisão mais não foi do que mero acto mediático.

Considerando a necessidade de um instituto que contribua, efectivamente, para a recolha e tratamento de informações sobre a droga, nos Estados-membros e na Comunidade, o eurodeputado comunista Sérgio Ribeiro decidiu, na segunda-feira, questionar a Comissão sobre o assunto. As perguntas são simples: **que passos já foram dados para essa instalação, onde se localizará em Portugal, que calendário existe para a sua implementação, de que pessoal disporá e como será recrutado?**

Esperemos que a resposta não tarde mais meio ano.



Perspectivas económicas

Desemprego vai continuar

A luta contra o desemprego mobiliza os trabalhadores por toda a Europa



No início de um novo ano, é normal o debate em torno das perspectivas no plano económico e social. Fala-se de uma - ligeira - recuperação da economia. Mas a grande questão que se coloca é - recuperação para quem? Porque se dúvidas existem em relação aos possíveis progressos nesse plano, há unanimidade quanto a uma realidade com reflexos particularmente graves no plano social - o desemprego vai continuar. E agravar-se.

Um inquérito realizado junto da direcção das grandes empresas indica isso mesmo - novas vagas de despedimentos para 1994.

Optimismo no que respeita aos sectores não produtivos da economia, cepticismo em relação às actividades industriais, consideradas como menos rentáveis relativamente aos lucros facultados pela actividade especulativa, a certeza de uma nova deterioração da situação do emprego - esta, nas suas grandes linhas, a síntese de um inquérito realizado pela UPS Europe Business Monitor (Geórgia, Estados Unidos) no último trimestre de 1993.

A UPS tem como objectivo, neste domínio de investigação, estudar em intervalos regulares "a opinião de 1500 dirigentes da economia europeus", seleccionados entre as 15000 empresas europeias que registam o maior volume de negócios. O que no fundamental permite ter uma ideia mais clara das principais orientações da oligarquia financeira e dos governos da Comunidade Europeia.

Deste inquérito resulta, antes do mais, uma afirmação de "optimismo apesar da crise". Segundo o documento da UPS, 56% dos inquiridos "esperam uma melhoria da situação económica no próximo ano, no que respeita à respectiva sociedade".

Trata-se, entretanto, de um optimismo nuanceado, dependente dos sectores de actividade. Elevado nos sectores não produtivos (e nomeadamente na banca e finanças), tende a ser mais reduzido nas actividades ligadas à produção industrial, e transforma-se em pessimismo no que respeita aos serviços públicos.

Este optimismo relativo depende também dos países considerados (os pequenos países são praticamente ignorados). O recuo da "confiança dos patrões europeus" é generalizado. É o caso de França, com uma quebra de confiança dos 48% para os 39%. Ou da Espanha e da Itália, que estão na cauda da lista com 37% e 33% respectivamente. A quebra de confiança aplica-

se mesmo à Alemanha (51% contra 71% anteriormente), muito embora este país se encontre à cabeça, na perspectiva do patronato, imediatamente à frente da Grã-Bretanha (43%).

No que respeita à questão do desemprego, o patronato europeu é bem explícito: "As esperanças na melhoria da situação económica não são acompanhadas de optimismo no que respeita ao emprego".

Concretizando: 43% esperam uma redução de efectivos na sua empresa, enquanto apenas 12% pensam que haverá aumento nos próximos 12 meses". Neste plano, o país que bate todos os recordes é a Alemanha, onde 60% apontam para uma redução do emprego e apenas 8% para um aumento. Em França as respectivas percentagens são de 38% e 10%, e metade dos inquiridos não responde. Na Grã-Bretanha, registam-se 30% de opiniões pessimistas e 22% de optimistas, com 48% sem opinião formada.

No que se refere ao "capítulo social" do tratado de Maastricht, o inquérito da USP mostra que, no seu conjunto, o patronato europeu não pretende alterar em nada a sua política de emprego. 46% dos dirigentes de empresa inquiridos não dão resposta; 19% admitem a possibilidade de criação de novos postos de trabalho; 27% consideram que se irá registar uma nova redução de postos de trabalho nos países membros da Comunidade.

Palestina

As consequências da ocupação israelita

Num momento em que sobram dúvidas quanto às perspectivas de paz na Palestina, e se registam sérias dificuldades já nestes primeiros passos da concretização dos acordos, é bem oportuno lembrar o que a ocupação israelita representa, em particular para as crianças palestinianas, as sequelas que será impossível apagar.

Na véspera de Natal a agência Reuter divulgou, sob o título "Gaza, a geração da Intifada está traumatizada" o testemunho da sua correspondente, Samia Nakhoul, que aqui reproduzimos.

"Cada vez que Issam, de seis anos, vê um soldado, tem uma reacção de incontinência. Isto desde que, aterrorizado e impotente, viu uma noite o seu pai ser espancado por homens do Tsahal (o exército israelita) que lhe tinham invadido a casa, no campo de refugiados, de Boureidj.

Kamal, oito anos, perdeu a capacidade de falar, chorar ou rir depois de ter sido espancado por soldados. O seu psiquiatra, Raghada Saba, conta que a criança só consegue sorrir e animar-se quando atira com uma pistola de plástico sobre pequenos soldados.

"Mohamed, de dez anos, está a ser tratado por tremor de mãos, enurese e medo do escuro - sintomas que surgiram desde o dia em que foi espancado por soldados israelitas por estar a brincar na rua depois da hora do recolher obrigatório.

"Milhares de crianças palestinianas estão assim traumatizadas, vítimas da ocupação militar israelita. "Mesmo quando tratados, estão marcados para o resto da vida", afirma o Dr. Imad Sarradj, director do Centro de saúde mental de Gaza. Serão necessárias quatro gerações para que os traumatismos e sequelas sejam superados - afirma este psiquiatra, que considera que os efeitos de 26 anos de ocupação, opressão e violência quotidiana irão ainda marcar durante muito tempo o espírito dos refugiados dos territórios ocupados.

"As crianças traumatizadas apresentam todo o tipo de perturbações de comportamento: nervosismo, medos, gaguez, insónias, pesadelos, enurese, agressividade, fobias, perda de apetite e incapacidade de se concentrar.

"Um estudo com base em 3000 crianças de Gaza mostra que 85% viram as suas casas invadidas por militares e mais que um em cada dois assistiram ao espancamento do pai ou de um irmão mais velho.

"Praticamente todas as famílias em Gaza têm as suas próprias histórias para contar sobre os horrores da ocupação. Entre os adultos, 8% sofre de depressão e 12% de ansiedade, o que representa uma percentagem 50% superior à registada nos países desenvolvidos. 30% dos jovens torturados na prisão sofrem de problemas nervosos graves, alguns mesmo de psicose.

Estes traumas são agravados pelas condições de vida na Faixa de Gaza, onde os 850000 habitantes dos campos de refugiados sofrem no dia-a-dia uma situação de desemprego, pobreza e violência latente".

FAO

A ameaça da fome

Pelo menos 20 países estão ameaçados por situações de má nutrição e de fome neste ano que agora se inicia, em consequência da miséria - indica a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

Nos países em vias de desenvolvimento há 790 milhões de pessoas com carências alimentares, das quais 190 milhões são crianças. Dois biliões de pessoas sofrem de fome encoberta.

De entre os países mais ameaçados, a FAO refere o Quênia, a Etiópia, a Eritreia e o Sudão. A produção agrícola foi fortemente reduzida pela guerra civil em numerosos países: Angola, Burundi, Libéria e Serra Leoa, assim como na Bósnia-Herzegovina, Arménia, Azerbaijão e Geórgia. O relatório menciona ainda o Iraque e o Haiti, assim como o Afeganistão, Moçambique, Nigéria, Ruanda e Tadjiquistão.

A produção mundial de cereais baixou de 4% em 1993. A FAO calcula em 11,4 milhões de toneladas as quantidades disponíveis para ajuda alimentar no período 1993-1994, contra 15,1 milhões em 1992-1993. O défice total, no próximo ano, será de 65 milhões de toneladas.

Equador

Greve vitoriosa dos professores

Terminou com êxito a greve de professores que ao longo de dois meses paralisou a actividade docente no Equador.

Após várias reuniões e contactos à porta fechada entre os dirigentes da União Nacional de Educadores (UNE), representantes do Congresso Nacional, da Igreja, e do governo, foi aceite a maioria das exigências dos grevistas.

De entre as exigências aceites pelo governo, contam-se o aumento dos salários dos professores em 15% sobre o salário-base (e não sobre o mínimo vital, como era proposta do executivo), a abertura de escola, principalmente na área rural, a anulação dos despedimentos previstos.

O presidente da UNE, Gustavo Terán, sublinhou, na televisão local, que a greve foi uma vitória de todos os trabalhadores

ligados à educação, assim como dos pais, estudantes, e outros sectores da população que apoiaram a luta dos professores.

Mais de 160000 professores do sector público do ensino participaram nesta luta. Durante os 63 dias que durou a paralisação foram mortos dois professores, dezenas feridos e registaram-se mais de cem prisões.

Esta vitória do professorado surge num momento em que o governo equatoriano estuda a possibilidade de aplicar de imediato um terceiro pacote de medidas económicas - no que conta com a participação de representantes do FMI e do Banco Interamericano de Desenvolvimento - que nomeadamente inclui aumentos generalizados de preços e subidas nos impostos.

México

A revolta camponesa pela liberdade e a democracia

Contra o genocídio, pela satisfação das necessidades fundamentais do povo da região - estas as razões fundamentais apresentadas pelos revoltosos do "Exército Zapatista de Libertação Nacional" (EZLN), numa luta que prossegue em várias localidades do estado mexicano de Chiapas. Uma revolta de campo-

neses e indígenas contra condições de vida insuportáveis. Uma pobreza ancestral que o próprio poder reconhece ser a realidade desta zona do país.

"Somos gente camponesa e indígena e são muitos os que se viram obrigados a isto depois de terem experimentado outros caminhos para

tentar mudar as coisas" - disse à imprensa um dos comandantes da EZLN, que sublinhou ainda - "Os camponeses ergueram-se em armas para chamar a atenção do povo mexicano para que a solução de todos os problemas deve começar pela existência de verdadeira liberdade e democracia".

Neste momento há já a registar pelo menos uma centena de mortos resultante dos confrontos com o exército e a polícia. Do pouco que se sabe, surgem entretanto os nomes de diversas povoações da zona e fala-se de combates em San Cristobal de las Casas (uma povoação de 80 mil habitantes que teria sido retomada pelas forças governamentais), Altamirano, Las Margaritas, Ocosingo, Chalen del Carmen, e ainda Venustiano Carranza e Frontera Comalapa, perto da fronteira com a Guatemala.

O levantamento camponês surge num momento particularmente significativo, no primeiro dia do processo de transição política e económica do México no quadro do NAFTA (Tratado de Comércio Livre na América), e num ano de eleições presidenciais.

Chiapas é um estado onde a pobreza é particularmente marcante. Mas a miséria afecta de facto a vida de boa parte da população mexicana.

No México mais de metade da população vive na miséria, a evasão de capitais retirou ao país pelo menos 30 000 milhões de dólares e - segundo a revista norte-americana "Forbes" - é o quarto país, depois dos Estados Unidos, Alemanha e Japão, na lista dos que contam maiores fortunas privadas.

Uma situação de miséria e profundas desigualdades sociais que é comum na América Latina.

Como foi denunciado pelo Foro de São Paulo (que reúne a esquerda latino-americana), no seu quarto encontro realizado em Havana: "A pobreza é cada vez mais difícil de ocultar. A ausência de democracia económica e social, o narcotráfico, a corrupção, o militarismo, os aparelhos repressivos e os serviços secretos à margem de qualquer controlo democrático, o terrorismo de Estado e a impunidade, constituem as mais graves ameaças à construção da democracia na América Latina".

Qual a alternativa a esta situação?

Para a Central Latino-americana de Trabalhadores, na sua Declaração do México de 21 de Novembro de 1991, trata-se de apostar na integração latino-americana em vez da - actual - situação de subordinação e dependência dos Estados Unidos: "O destino histórico dos latino-americanos está definitivamente na implementação e consolidação da unidade política, social, económica e cultural da América Latina e Caraíbe como única via para uma nova correlação de forças e de poder para se inserir numa nova ordem mundial, numa política de relações baseada na igualdade, no pleno respeito e dignidade com claras vantagens recíprocas para a região. Precisamos consolidar e aprofundar simultaneamente os processos democráticos em toda a região num quadro de justiça social, de solidariedade e de efectiva participação popular, na perspectiva de uma democratização integral da sociedade no plano político, social, económico e cultural como base fundamental para garantir o pleno êxito da integração latino-americana".

Uma exigência de liberdade e democracia que é também objectivo expresso da actual luta dos camponeses e indígenas mexicanos.



Camponeses e indígenas mexicanos, reduzidos à miséria total

NAFTA

Que conseqüências para o México?

O Tratado de Comércio Livre na América (NAFTA), que entrou em vigor no México no primeiro dia do ano, leva à constituição de um grupo económico de dimensões análogas às da Europa Ocidental (os doze da CEE mais os países ligados aos acordos de livre troca no continente europeu).

A sua criação foi promovida pelos Estados Unidos que poderá obter dela um duplo benefício: abrir novos mercados aos seus grupos económicos e melhorar a sua posição a nível internacional, pelo poder que lhe é proporcio-

nado pela liderança dum tal espaço económico.

Para o México, as conseqüências estão longe de ser tão benéficas.

Tudo indica que os investimentos - sem dúvida muito necessários - se irão centrar sobretudo nas "zonas francas", desprovidas de quaisquer direitos sociais, o que representa uma exploração acrescida dos trabalhadores mexicanos. Segundo dois especialistas do Instituto Económico de Washington, será assim estabelecida uma divisão internacional do trabalho, na qual o México irá produzir bens pouco

sofisticados, nomeadamente na indústria automóvel e na siderurgia, deixando para os Estados Unidos a produção de equipamentos mais elaborados. A médio prazo esta especialização não permitirá ao México sair da situação de dependência tecnológica.

Para os trabalhadores norte-americanos e canadianos (o Canadá é o outro país ligado ao acordo) as perspectivas também não são positivas. Segundo estudos elaborados pelos sindicatos do Canadá e dos Estados Unidos, os postos de trabalho perdidos pela deslocação de indústrias para o México - utilizando muita mão-de-obra relativamente pouco qualificada, como os têxteis, electrónica de base e certas actividades de montagem - não serão de forma alguma compensados pela criação de outros postos de trabalho em sectores mais de ponta.

Em síntese, para o México, a entrada em vigor do NAFTA não irá modificar radicalmente a actual situação. Mas vai permitir - e esse é também um dos seus objectivos - concretizar o projecto de ajustamento estrutural da economia imposto pelo FMI em 22 de Outubro de 1976. Projectos do FMI que têm vindo a representar dramáticos custos para os povos do terceiro mundo.



A agricultura tem sido particularmente atingida pela política económica do governo

Uma política de liquidação da agricultura

A revolta de Chiapas é, antes do mais, uma revolta de camponeses, num quadro em que tudo indica a sua situação irá ainda - se possível - agravar-se mais.

A entrada em vigor do NAFTA - de acordo com um estudo feito pelos investigadores do Centro universitário de investigação agrária do México - "levará ao desaparecimento de 7 em cada 10 dos 3,5 milhões de camponeses mexicanos, assim excluídos das políticas de desenvolvimento".

Um passo mais numa política que progressivamente tem levado à marginalização e dramático empobrecimento de todo um sector da população mexicana.

Sob o mandato do presidente Miguel de La Madrid (1982-1988) foi levada à prática uma política de "modernização" que deliberadamente deixou de lado o sector agrícola. Tratava-se de tentar provar que as fórmulas cooperativas ou de propriedade social da terra, herdadas da revolução de 1910, levariam a agricultura mexicana à sua perda. E que só o capital privado - em particular o capital estrangeiro - poderiam arrancar o sector agrícola do marasmo e fazê-lo progredir.

O actual presidente Carlos Salinas de Gortari conclui a obra do seu predecessor. Acaudou com a pequena propriedade, com as terras concedidas em usufruto às comunidades. E fez do camponês "um proprietário podendo associar-se com o capital privado para estimular o investimento e a capitalização das terras rurais com o objectivo de aumentar a produção e a produtividade".

A nova lei agrária permite a reconstituição dos latifúndios, que se podem estender pela totalidade das terras cultiváveis. Os estrangeiros podem possuir até 49% das terras e 100% do capital.

Esta política agrícola levou o país, nestes últimos anos, a uma situação de crescente dependência no plano alimentar.

Pontos essenciais

- Direitos aduaneiros: 65% das exportações industriais e agrícolas dos Estados Unidos para o México ficarão isentas de taxas dentro de cinco anos.
- Sector automóvel: nos próximos cinco anos, três quartos da exportação de peças avulsas deixarão de estar sujeitas a taxas. Uma cláusula particular permite só aplicar esta isenção de taxa aos veículos com pelo menos 65% de peças norte-americanas.
- Telecomunicações: o acesso do mercado mexicano às firmas norte-americanas será livre antes de Julho de 1995.
- Indústrias têxteis: as barreiras alfandegárias serão imediatamente levantadas até 250 milhões de dólares, e dentro de seis anos até 700 milhões de dólares.
- Agricultura: o comércio agrícola deve ser totalmente liberalizado dentro dos 10, 15 próximos anos.
- Aplicações financeiras: o mercado mexicano deve ser totalmente aberto antes de 1 de Janeiro do ano 2000.

CGTP analisa 1993 e perspectivas para 1994

Gravidade dos problemas exige reforço da luta

No final do ano, a Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP divulgou um balanço do ano de 1993, considerando que este foi «um ano negro para os portugueses e, em particular, para os trabalhadores».

«A gravidade das perspectivas económicas e sociais para 1994 vai exigir do movimento sindical um intenso reforço da acção reivindicativa e da luta de massas», afirma a executiva da central, no documento divulgado dia 29 de Dezembro e que aqui reproduzimos.

1993 foi um ano negro para os portugueses e, em particular, para os trabalhadores.

A política do Governo Cavaco Silva conduziu a um preocupante agravamento dos problemas sociolaborais com que os trabalhadores já se vinham defrontando.

Agravamento da situação económica e social

O agravamento do desemprego e o aumento dos despedimentos em consequência da destruição do aparelho produtivo, bem como a não criação de postos de trabalho em resultado das opções económicas do Governo, constituíram o factor mais negativo de 93.

O Governo tentou esconder esta grave realidade social com a manipulação dos indicadores estatísticos, mas mesmo assim foi obrigado a reconhecer que o número de desempregados inscritos no mês de Novembro subiu para 355 600.

O emprego precário, nas suas diversas formas, continuou a ser utilizado, de forma crescente, pelo patronato para aumentar a exploração e diminuir direitos contratuais e sociais.

Ressurgiram as situações de salários em atraso e o trabalho infantil.

O Governo e o patronato reforçaram a ofensiva contra o direito à negociação colectiva e a sua política de contenção salarial, procurando impor a redução dos salários reais dos trabalhadores.

A nível da Função Pública e do salário mínimo nacional, as actualizações feitas no início do ano não chegaram para cobrir o aumento de preços verificado.

A generalidade dos trabalhadores não teve aumento real dos salários e uma parte deles viu diminuído o seu poder de compra, situação que atingiu, sobretudo, os trabalhadores de mais baixos salários.

A carga fiscal continuou a penalizar sobretudo os trabalhadores assalariados, acentuando a injustiça social. As pensões mínimas e as prestações sociais mantiveram-se em níveis de miséria, contribuindo para aumentar os casos de exclusão social.

O Governo acentuou a descaracterização do sistema de segurança social e agravou, por via legislativa, a situação dos reformados e, também, a dos activos, com a alteração do sistema de cálculo das pensões e a alteração do subsídio de desemprego.

Em termos económicos, aprofundou-se a crise existente, registando-se uma evolução negativa da produção industrial e agrícola, a quebra da procura no comércio, a diminuição do investimento e a maior dependência externa da economia.

Desde o início do ano, a CGTP-IN alertou para os erros sucessivos nas previsões económicas do Governo e para as consequências negativas das políticas praticadas. Só no final do ano, o Governo veio reconhecer que o país tinha entrado em recessão, embora tentasse atirar as culpas para cima da conjuntura internacional.

Esta política de austeridade para os trabalhadores e de subvenções e benesses para o grande capital, nomea-

damente por via das privatizações, foi bem patente ao longo de 1993.

O regabofe dos dinheiros públicos conduziu a situações escandalosas, como é o caso da entrega de milhões de contos ao grupo Mello para encerrar a Lisnave.

Os abusos e práticas ilegais do patronato expressam-se, ainda, na fuga sistemática ao fisco, na retenção dos descontos para a segurança social, na utilização indevida dos fundos comunitários e em práticas de economia clandestina.

A subversão dos valores humanos que hoje predominam na sociedade estimula a ostentação e o novo-riquismo, destruindo a solidariedade social.

A gravidade dos problemas económicos e sociais com que o país se confronta é resultado da política de classe prosseguida pelo actual Governo.

Intensa acção sindical

A realização do VII Congresso da CGTP-IN, no início de Março, que constituiu um momento alto da afirmação dos valores do sindicalismo, permitiu actualizar o Programa de Acção, debater e traçar as orientações para o reforço da luta reivindicativa nas empresas, nos sectores e a nível nacional.

A intensa actividade sindical desenvolvida pela CGTP-IN no ano de 1993 obrigou o patronato e o Governo a recuarem na sua ofensiva contra direitos fundamentais dos trabalhadores e fez fracassar a tentativa do «Acordo Social» para 1994, que visava consagrar uma maior contenção salarial, a precarização do emprego e a redução de direitos.

Em 2 de Abril, os trabalhadores portugueses participaram na Jornada Europeia de Acção, convocada pela Confederação Europeia de Sindicatos, pelo emprego, contra o racismo e a xenofobia.

Em 5 de Junho, a Jornada Nacional de Luta demonstrou a vontade dos trabalhadores portugueses em defender uma política diferente, pelos salários e emprego.

Na «Estafeta de Solidariedade», em Setembro — uma iniciativa inédita em defesa do emprego, dos salários e dos direitos dos trabalhadores e cujo êxito superou todas as expectativas —, fez-se um levantamento exaustivo da situação concreta de milhares de empresas em todas as regiões, demonstrando-se assim a justeza da orientação de defender os postos de trabalho existentes e de viabilizar as empresas em dificuldades como forma de preservar o emprego.

No Dia Nacional de Luta, a 18 de Novembro, os trabalhadores demonstraram, mais uma vez, através de grandes manifestações de rua, a sua determinação em opor-se à política do Governo e às pretensões do patronato e em lutar contra os despedimentos, pelos salários, pela segurança e protecção social e pelos direitos individuais e colectivos.

A nível das empresas e dos sectores, desenvolveram-se inúmeras lutas em defesa do emprego, dos salários e dos direitos.

A derrota política, para o PSD e o seu Governo, que o resultado das eleições autárquicas

representou, reflecte a condenação popular desta política, que é responsável pela grave crise e recessão económica em que o país se encontra. E representa também o resultado e a confirmação da justeza das lutas desenvolvidas pelos trabalhadores e pelo movimento sindical.

As eleições autárquicas reforçaram, ainda, a exigência da necessidade de uma política alternativa e condicionaram favoravelmente as pretensões do PSD de avançar com o seu projecto de revisão constitucional que visa, nomeadamente, destruir o quadro dos direitos sociais dos cidadãos e, em particular, dos trabalhadores.

Perspectivas para 1994

Para 1994, as previsões económicas e sociais existentes levantam justificadas apreensões. No que se refere ao salário mínimo nacional, que deveria entrar em vigor no dia 1 de Janeiro de 1994, o Governo continua sem convocar a Comissão Permanente de Concertação Social, que já devia ter reunido, e sem dar resposta à reivindicação que a CGTP-IN apresentou de actualizar o salário mínimo nacional de 47 400\$00 para 55 000\$00, a ser pago catorze vezes por ano, como acontece com a generalidade dos salários.

Também na Função Pública, o Governo persiste na recusa da negociação colectiva e prepara-se para, mais uma vez, diminuir, em termos reais, o salário dos trabalhadores, como medida para «compensar» os erros clamorosos de que é responsável no que se refere à cobrança de receitas do Orçamento de Estado e que levaram à duplicação (!) do défice orçamentado no início de 1993.

O Governo continua a insistir na contenção salarial e nos ataques aos direitos dos trabalhadores, sem compreender que a falta de confiança existente na economia



A estafeta da solidariedade, com uma concentração em Lisboa no dia do aniversário da CGTP, permitiu fazer o levantamento e a denúncia pública dos problemas concretos em todas as regiões

deriva essencialmente das fracas perspectivas do poder de compra e do emprego.

Se, no que se refere aos salários, as perspectivas não são positivas, já no que respeita ao emprego todas as previsões são unânimes em considerar que o desemprego se irá agravar no próximo ano.

O crescimento económico insuficiente, a contracção dos investimentos, a destruição das empresas produtivas acelerada pela política monetária em vigor, o aumento das pressões da concorrência externa a nível comercial (agora que o acordo do GATT foi concluído) e as limitações a nível da política cambial e financeira decorrentes da entrada em vigor da segunda fase da União Económica e Monetária, em 1 de Janeiro de 1994, são factores que indiciam as dificuldades da situação económica e social no próximo ano.

A gravidade das perspectivas económicas e sociais para 1994 vai exigir do movimento sindical um intenso reforço da acção reivindicativa e da luta de massas, tendo como objectivos centrais o desbloqueamento da negociação colectiva e a melhoria dos salários, a defesa

do emprego e o combate aos despedimentos, a defesa do sistema da segurança social, a defesa dos direitos individuais e colectivos dos trabalhadores.

As comemorações do 20º aniversário do 25 de Abril e do 1º de Maio, pelo seu significado e implicações políticas, vão merecer uma especial atenção do movimento sindical, que nelas empenhará toda a sua capacidade de organização e mobilização, com vista a que os direitos e interesses dos trabalhadores sejam reafirmados como um factor determinante da democracia.

As decisões tomadas pelo Plenário de Sindicatos da CGTP-IN no passado dia 22 de Dezembro — ao apontar a necessidade de desenvolver, de imediato, todos os esforços com vista a criar condições para desencadear, a breve prazo, uma acção global do movimento sindical para dar uma resposta de dimensão e profundidade adequadas à ofensiva do Governo e patronato — revelam a firme determinação de defender eficazmente os direitos e interesses dos trabalhadores e de afirmar a luta sindical como um meio poderoso para promover o progresso e a justiça social.

3 mil no Porto, mil na Hotelaria

Natal e Ano Novo sem salários

Balanços que os sindicatos consideram como não exaustivos denunciam a existência, no distrito do Porto, por um lado, e no sector da Hotelaria, de 4 mil trabalhadores que passaram o Natal e o Ano Novo sem que lhes fossem pagas as remunerações em dívida.

A União dos Sindicatos do Porto divulgou na semana passada uma lista (que aqui publicamos) de 22 empresas que não pagaram o 13º mês a 3113 trabalhadores. Para a união, «este levantamento, reportado à situação da semana do Natal de 1993, não sendo exaus-

tivo, dá uma ideia das dificuldades de muitas empresas do distrito, em particular dos sectores da metalurgia e da têxtil». O Governo, acusa a USP, «contribui para esta situação, quer pela política económica que vem implementando e que conduziu já à destruição de uma parte considerável do sector produtivo no distrito, quer pela permissividade relativamente ao patronato, que muitas vezes conduz as empresas a situações artificiais de crise, com objectivos mais ou menos obscuros, e de que as principais vítimas são, obviamente, os trabalhadores».

A Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo, numa nota de imprensa divulgada também na semana passada, denuncia os «níveis pro-

cupantes» que as situações de salários em atraso mantêm em várias empresas. A FESHOT destaca a região do Algarve, onde «os casos são praticamente generalizados, sobretudo nos restaurantes e similares».

No apanhado que aqui publicamos, feito no dia 28 de Dezembro e que, como se ressalva na nota, «de modo nenhum é exaustivo», inclui-se uma dezena de empresas que devem quase 96 mil contos a 964 trabalhadores. Sobressaem a Casa Saúde Avenida, que deve 8 meses, a Torralta, que deve 37 800 contos a 360 trabalhadores, e

o Hotel Alcazar, que desde Outubro tem por pagar 17 800 contos.

A federação revelou que aguarda uma audiência com o novo ministro do Emprego, para discutir este grave problema social de modo a que sejam tomadas medidas concretas.

Empresas do Distrito do Porto que não pagaram o 13.º mês

Empresa, sector e localização	Nº trab.
Jotocar (metalurgia, VN Gaia)	104
Feruni (metal., Trofa)	154
EFI (metal., Porto/Trofa)	160
Alberto Marinho (metal., Amarante)	100
Rost Janus (metal., Porto)	70
Ajacto (metal., Maia)	80
Metalúrgica da Longra (Felgueiras)	150
Fabinter (vestuário, Lousada)	150
Tarrio (vestuário, Santo Tirso)	90
Osodrac (vestuário, Lousada)	50
Corsia (vestuário, Maia)	50
CVF Têxteis (S. Mamede de Infesta)	200
Soc. Ind. Mindelo (têxtil, Vila do Conde)	450
Ajacto (metal., Maia)	246
Emp. Fabril Tirsense (têxtil, Santo Tirso)	115
A. Correia da Silva (têxtil, Santo Tirso)	95
Tincela (têxtil, Santo Tirso)	144
Efecel (têxtil, Santo Tirso)	144
Lusandesia (têxtil, Matosinhos)	120
Vaz Ferreira (têxtil, Matosinhos)	45
Monteiro da Fonseca (calçado, Avintes)	40
Electro Alfa (ind. eléctricas, Maia)	50
CNB/Camac (química, Santo Tirso)	450

DESPEDIMENTOS NA RODOVIÁRIA DO ALENTEJO

A nova administração da Rodoviária do Alentejo está a proceder a dezenas de despedimentos, apelando-os de rescisões por mútuo acordo, denuncia o Sindicato dos Rodoviários do Sul, para quem «o esquema utilizado é soberbamente conhecido» e «não passa, afinal, da aplicação da vontade unilateral da administração». Segundo o sindicato, que convocou para hoje uma conferência de imprensa em Setúbal sobre este problema, «alguns trabalhadores, depois de submetidos a uma pressão constante, prepotente e ilegítima, sujeitam-se a vender o seu posto de trabalho por um prato de lentilhas».

A conferência de imprensa de hoje à tarde segue-se a um plenário de dirigentes e delegados sindicais que irá analisar a situação e as medidas a tomar pelos trabalhadores e o sindicato.

GREVE NA EDP

Os sindicatos das indústrias eléctricas do Sul e Ilhas e do Norte convocaram para ontem uma greve dos trabalhadores das centrais termoelectricas da EDP. Marcada para o período entre as 13 e as 16 horas, a paralisação abrangia meio milhar de trabalhadores das centrais de Sines, Setúbal, Barreiro, Tapada do Outeiro e Carregado e tem como objectivo exigir o cumprimento de um acordo relativo a reclamações profissionais (implicando cerca de 200 promoções imediatas e outras futuras) firmado em Maio passado entre os sindicatos e a administração da EDP. Durante a greve os trabalhadores iriam concentrar-se junto às direcções das centrais e, «caso obtenham respostas evasivas, está já prevista a continuação e o agravamento das formas de luta», afirmava-se numa nota de imprensa subscrita pelo SIESI e o STIEN.

DELEGADOS DO STIEN

A situação dos trabalhadores das indústrias eléctricas do Norte tem vindo a agravar-se, com ataques sistemáticos aos direitos laborais e com o aumento do desemprego devido a despedimentos colectivos, como na Grundig e na Efacc, e a pressões para a rescisão de contratos de trabalho, como é o caso da EDP. Os problemas vividos no ramo de actividade foram analisados na semana passada, na assembleia de delegados sindicais do STIEN, que — conforme uma nota de imprensa do sindicato — «propuseram-se intensificar a luta», tanto no quadro da acção reivindicativa em torno dos contratos colectivos de trabalho, como por «uma alternativa política que tenha credibilidade e o apoio de amplas camadas sociais, contra esta política e este Governo».

Empresas da indústria hoteleira com salários em atraso

Empresa e localização	Nº trab.	Em dívida
Casa Saúde Avenida, Porto	55	8 meses. 12 mil contos
Movauto (refeitório), Setúbal	14	Subs. Natal e Dez. 840 contos
Hotel Esperança, Setúbal	40	Subs. Natal 92 e 93, subs. férias 93. 7 mil contos
Torralla, Tróia	360	50% Nov. e subs. Natal. 37 800 contos
Hotel Atlântico, Monte Estoril	120	50% subs. Natal. 4200 contos
Hotel Alcazar, Monte Gordo	80	Out. Nov. subs. férias, retro. 17 800 contos
Hotel Garbe, Armação de Pêra	80	Subs. Natal. 5600 contos
Ap. Natursol, Albufeira	15	Nov., subs. férias e Natal, retro. 3500 contos
Organizações F. Barata (Ouramar, Ap. Forte S. João, Sol e Mar, outros estabelecimentos no Algarve)	200	50% de Nov. 7 mil contos
Totais	964	95 740 contos

A excepção cultural do GATT (1)

As negociações do GATT, cujos acordos feitos em segredo, com abundante cobertura mediática dos seus resultados, veiculados na generalidade por uma imprensa apressada em divulgar-lhe as vantagens e a "independência" e lisura dos políticos que neles tomaram parte, passaram a valer para centena e meia de nações e países e milhões de pessoas. Que se viram, de um dia para o outro, mais dominados pelos interesses dos Estados Unidos, pelas políticas ditadas pelas multinacionais, menos livres para decidirem em muitos e variados aspectos das suas vidas colectivas e individuais.

Da agricultura à indústria, do comércio à cultura. Neste último aspecto também muitas vezes se levantam contra as novas amarras e dependências criadas pelo GATT. Sobre o tema, a revista "Revolution", nº 714, de 4 de Novembro, publicou uma série de artigos, dando voz a destacados militantes, a prestigiados intelectuais e artistas. Pelo seu interesse e pelas variadas e multifacetadas abordagens - nem sempre coincidentes - ali expressas, aqui publicamos hoje alguns dos artigos vindos então a lume. (Tradução da Redacção do "Avante!".)

A diversidade das culturas

Recorda-me um filme a luta dos profissionais de 1944 a 1948 contra aquilo que se chamou então os "acordos Blum-Byrnes". Não é portanto a primeira vez que a questão do direito à existência das imagens, dos filmes, das culturas nacionais, é colocada em França. E é a esta luta dos profissionais da época e das organizações democráticas que os apoiaram que se deve a existência do Centro Nacional do Cinema, da lei do subsídio, do fundo de apoio específico que permitiu ao cinema francês resistir melhor que as outras cinematografias da Europa.

Não estamos evidentemente na mesma época, mesmo se o *diktat* que os financeiros americanos querem impor nos faz inevitavelmente pensar na sua vontade de não tolerar nas salas do pós-guerra senão quatro filmes franceses para cada nove películas americanas. Hoje em dia é já o espectro de um domínio exclusivo que está em jogo, com o desejo dos negociadores do GATT de submeter a cultura, portanto o audiovisual, o cinema, os direitos de autor, às regras comerciais do mercado dominado pela rentabilidade financeira. Por isso mesmo, o mundo da cultura, os artistas, as suas organizações, os Estados gerais, o PCF e outros ainda, se mobilizaram em torno de um objectivo claro: "A Cultura não deve fazer parte das competências do GATT". É este movimento cultural e o impacto que teve na opinião pública que fez o resto: a noção da especificidade cultural que permitia fazer vencer o ponto de vista americano, quer dizer, de fazer entrar a cultura no GATT, teve de ser abandonada, e agora é em torno da excepção cultural que se entronca o debate.

Assinale-se que, para toda a gente, a "excepção" significava que não se tratava de cultura no GATT. Não é

assim que o entende o comissário europeu sr. Brittan e o Governo francês; o menos que se pode dizer - e referimo-nos às declarações dos srs. Juppé, Carignon, Toubon, Longuet - é que hesita: razão acrescida para intensificar os protestos, em primeiro lugar contra o Governo para que este use, se necessário for, o direito de veto. Em nossa opinião, o esforço essencial e mais eficaz deve ser tomado nesta direcção; por isso renovamos a exigência de um debate sobre este dossier na Assembleia Nacional. Essa intervenção junto do Governo francês justifica-se, além do mais, pela orientação que prossegue no plano audiovisual, cinematográfico, cultural.

Coloquemos a questão com frontalidade: será que a situação de inferioridade, de sujeição em que nos encontramos é da única responsabilidade dos políticos e dos financeiros americanos? Claro que não. Estamos persuadidos de que, no que respeita à França, a desregulamentação no audiovisual, iniciada em 1974, acelerada a partir de 1983/84, e prosseguida incansavelmente (o ministro Alain Carignon já quer privatizar também a SFP) é a causa principal da colonização dos nossos ecrãs por tudo o que vem dos Estados Unidos. Esta dominação é efectivamente esmagadora e perigosa, mas não existiu sempre. Há apenas dez anos, os filmes franceses disputavam ainda de uma parte maioritária do mercado nacional. Mas, na verdade, já então os cinemas italiano, inglês, alemão periclitavam. Depois disso, a parte dos filmes americanos nas receitas do cinema francês passou de 31 por cento para 57 por cento. O mesmo se verifica no que respeita à concentração na distribuição cinematográfica, que atinge a caricatura - a ligação Pathé-Gaumont não é alheia às dificuldades dos filmes franceses face aos americanos. Bem pode dizer-se que a lógica dos negociantes abriu uma larga avenida aos gigantes do audiovisual para esmagar a cultura dos povos da Europa na sua diversidade. Os lucros do audiovisual americano na Europa não param de crescer, passando de 2,3 mil milhões de dólares em 1988 a 3,6 mil milhões em 1992.

É certo que o movimento positivo que toma posição contra o GATT abrange mulheres e homens, ou associações e organizações que não partilham inteiramente ou mesmo nada esta análise. É certamente por isso que, apesar das suas contradições que antes de mais é necessário não procurar calar ou apagar, este movimento vai unindo, muito para além das clivagens ideológicas ou políticas, desde a Academia Francesa aos Estados Gerais da Cultura. Não vivemos este pluralismo, que caracteriza o movimento de defesa da cultura a propósito do GATT, como uma fraqueza, mas antes pelo contrário como uma vantagem e uma garantia de eficácia.

Será de temer, pela nossa parte, não sei que retorno a um proteccionismo ultrapassado? Tratar-se-ia de um combate de retaguarda. A nossa

■ Alain Bocquet

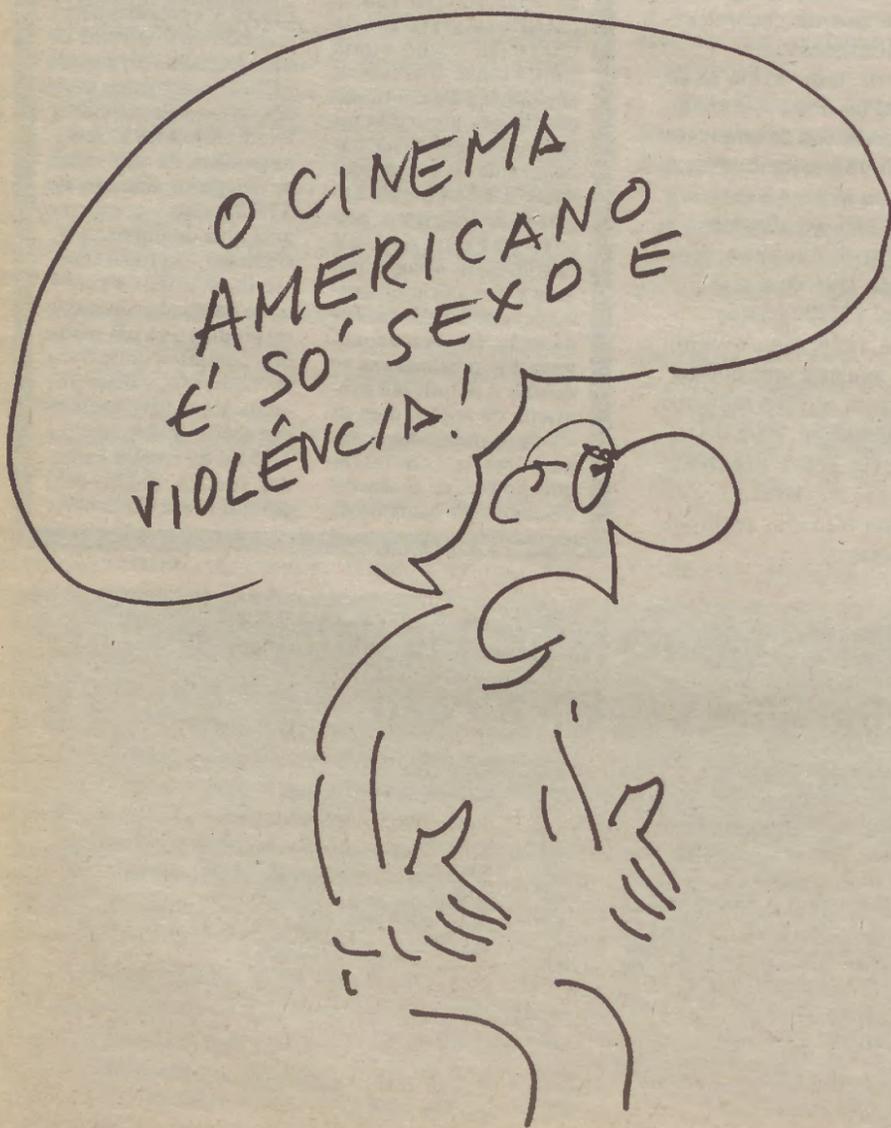
Presidente do grupo comunista na Assembleia Nacional

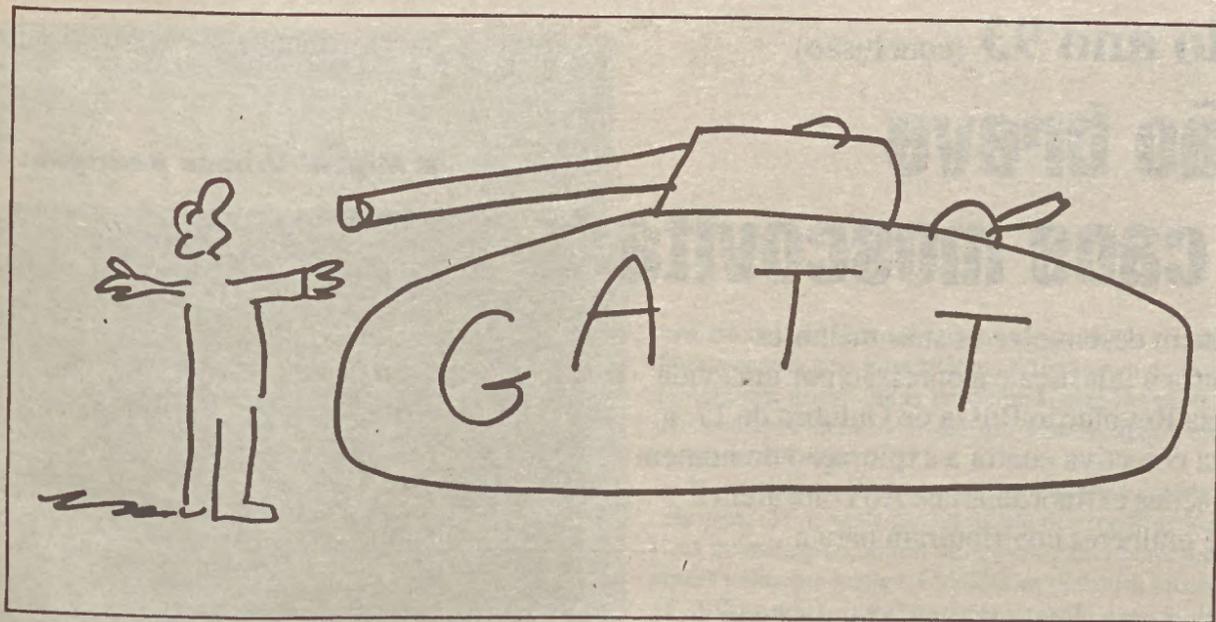
oposição ao domínio total dos Estados Unidos sobre o mercado mundial das imagens e dos sons nutre-se justamente da nossa vontade e da nossa esperança em ver desenvolver-se uma confrontação inigualada das culturas de todos os povos. É esta diversidade que pode ser conquistada graças às novas tecnologias e não à esmagadora uniformidade ideológica e cultural.

Pensamos que é a lógica do império do dinheiro, o dirigismo das actividades culturais nomeadamente no audiovisual, no cinema, mas também na edição e na canção, que é a causa principal das dificuldades encontradas. Todas as nossas propostas visam, pelo contrário, favorecer as lógicas de serviço público, de financiamentos mistos, por menos que prevaleçam critérios de eficácia social e cultural tais como o serviço público da televisão, o desenvolvimento do quadro e das missões do CNC, o crescimento dos orçamentos culturais e audiovisuais, o pluralismo da distribuição cinematográfica, o direito de autor em vez do *copyright*.

No mesmo espírito, é necessário inventar novas capacidades de produção e de cooperação à escala da Europa, que disso bem precisa, sem nada subtrair nunca ao que existe no plano nacional, de trabalhar no sentido de uma carta cultural mundial para combater o *dumping* social, e definir as regras internacionais em matéria de comunicação por satélite.

A acção não deve conhecer tempos mortos. E por que não contribuir para a aproximação na acção dos intelectuais e artistas, dos agricultores, dos trabalhadores do aeroespacial, do têxtil, dos transportes marítimos, do audiovisual, em Paris, em Estrasburgo, em Genebra?





Uma nova inteligência

■ **Jack Ralite** — Animador dos Estados Gerais da Cultura

Todos os dias achamos novas razões para agir e encontramos argumentos que, usando uma expressão de Michaux, fazem o papel de "um novo obstáculo para um novo saber!". O poeta acrescentava: "Faz com que periodicamente te suscites obstáculos para os quais devas encontrar uma resposta... e uma nova inteligência."

Enumero algumas novas razões de agir. Tomemos o *box-office* dos filmes no mundo (CNC-info, nº 247, julho-agosto, 1993). Trata-se, para cada país, dos dez filmes que, em 1992, tiveram maior sucesso. Onze países são citados e indicam a supremacia do cinema americano. Argentina: nos 10 filmes com maior audiência, 7 são americanos. Austrália: a proporção é de 9 para 10. Bélgica: 8 para 10. Espanha: 10 para 10. Estados Unidos: 10 para 10. França: 7 para 10. Islândia: 8 para 10. Irlanda: 8 para 10. Japão: 5 para 10. Reino Unido: 10 para 10.

Desde 17 de Setembro que Ted Turner emite por satélite sobre a Europa Ocidental programas americanos. Recentemente, um novo consórcio de multimédias, "Viacom" mais a "Paramount", foi constituído nos Estados Unidos. Logo foram avançadas as ideias: as novas tecnologias vão fazer o GATT sem o GATT. O poderio financeiro e supranacional dos novos grupos multimédia torna vã qualquer oposição ao GATT. Falar de identidade cultural é passadismo, é arcaico, conservador, ultrapassado.

Examinemos estes argumentos. Primeiro, os factos indicam a imensidade das questões que estão em causa, e que são de civilização. Com efeito, quem não aplaude a tecnologia sem fronteiras? Mas como resignarmos-nos à tecnologia sem fronteiras ao serviço exclusivo do império do dinheiro? É preciso notar que um consórcio como o "Viacom-Paramount", ligado à ATT, constitui uma concentração de informações e de imagens do presente e do passado jamais conhecida. Este tipo de consórcio, que dispõe abundantemente de catálogos de direitos que também dizem respeito à memória museográfica, domina a distribuição e de certo modo dispõe da chave de cada apartamento num universo que em breve será numerizado, interactivo com imagens de síntese e imagens virtuais.

A questão é, portanto, de erguer uma nova regulamentação internacional, a que poderia chamar-se regulamentação de paz, e que seria negociada. A desregulamentação defendida por alguns, o "menos Estado" que reivindicam, é a nível nacional mas não a nível europeu ou internacional, em que pretendem impor a regulamentação dos grandes negócios com o apoio de organismos internacionais, que são um "mais Estado".

Num estudo sobre o músico Luigi Nono, que apelava a cada qual para se libertar das suas "amarras mentais", lê-se que "as obras de Nono como *Prometeo* já não expõem as contradições do mundo, é a sua própria existência no mundo actual que se tornou uma contradição". O imenso e incómodo músico que utilizou sem peias as inovações tecnológicas encarava no final da sua vida a colectividade como "uma Associação de indivíduos da história do mundo". É o que Giorgio Agamben chama "a comunidade que aí vem". É certo que se trata de um processo, mas o seu reconhecimento conduz à rejeição simultânea da procura da unanimidade, do sucesso, da aprovação que animam os grandes negócios e a deificação da identidade que exclui o outro. Sim, o tempo é o dos pensamentos-pontes entre diferentes "ilhas", à escuta da diversidade.

Trata-se de trabalhos práticos de história. Com estas novas tecnologias, encontramos-nos um pouco na situação que conheceu a invenção do moinho a água, na época romana. Foi a Idade Média que se serviu dele, sendo esta inovação, em Roma, prisioneira dos princípi-

os que davam sentido à ordem social. A diferença está em que nos encontramos num período de transição, já não completamente em Roma, ainda não completamente na Idade Média.

É neste pano de fundo social em movimento, hoje um pouco cego - Angelopoulos não põe uma das suas personagens a dizer, em *O Passo Suspenso da Cegonha*: "Por que palavras-chaves se poderia fazer viver um novo sonho colectivo?" - que é necessário compreender a referência de identidade. Na sua obra *Crítica da Razão Clínica*, o finlandês Sloterdijk trata essa questão. Com efeito, o conceito de identidade é contraditório. Significa coesão de diversas constitutivas da identidade. Significa também fragmentação, quer dizer, diferenciação a ponto de rejeitar o outro, o diferente, o estranho, o estrangeiro. Consoante a época, um ou outro dos dois aspectos teve o papel de guia. Hoje, ambos devem e podem tê-lo, sendo verdade que existe uma tendência à universalização ao mesmo tempo que à singularização. A língua existe nesta singularização, a propósito da qual Michaux escreve: "Conhecem-se numerosos grupos humanos pobres; não se conhecem línguas pobres. Todas elas têm milhares de palavras. Abundam de subtilidades inesperadas. Enorme TER, enquanto que a mesma população mal vestida, habitando miseravelmente, não tem muitas vezes senão raras e medíocres ferramentas e não procura outras".

Depois do desaparecimento do mundo bipolar, com a queda do muro de Berlim, há certamente o perigo de um mundo unipolar liderado pelos Estados Unidos, mas existe ao mesmo tempo a possibilidade e o desejo de um mundo multipolar rico nas suas componentes. É o que se aproxima e entra em choque com os corporatismos e as misantropias nacionais que fazem antiamericanismo, mas também com os universalismos, ou antes com o mundialismo, que fazem pró-americanismo. Não, a tarefa urgente não é a de rejeitar as novas tecnologias ainda não dominadas (a misantropia), nem de as entregar através do GATT às potências financeiras (o mundialismo).

Seria a fuga à frente do futuro ou o proteccionismo face ao futuro. É preciso, pelo contrário, no domínio do espírito como no da vida em que se exprimem os comités de ética, de promover uma organização internacional ética e democrática do mundo das imagens, uma regulamentação que poderia tomar a forma de uma responsabilidade pública e social a todos os níveis da sociedade.

Como se tem visto, os Estados Gerais da Cultura tocam a rebate face à "violência" do GATT, mas alguns parecem por vezes comprazerem-se nisso, como se para melhor confortar a ordem actual que no entanto se fractura e estala. Para os Estados Gerais, trata-se de se preocuparem, num mesmo movimento, das perspectivas potenciais abertas pelas mutações tecnológicas com o objectivo de alargar as liberdades artísticas e de libertar novas possibilidades de emancipação geral.

Tudo isto passa pela exigência da obrigação de produção a um nível nunca encarado antes, e de uma garantia de difusão que reencontre o desejo do diverso. A história está cheia de "cercas pré-estabelecidas...", mas também de "tentativas para forçar e romper o que se chama regras do jogo", dizia Nono. Face às antigas regras, o GATT ou o retraimento, nós falamos de regras novas, uma multiplicação de múltiplos audiovisuais e cinemas do mundo, de artistas que os fazem, de povos que os vêem. A história mundial tomou outros caminhos. Trilhemo-los, abramo-los com uma "vitalidade desesperada" (Pasolini), uma "inquietação desesperada" (Nono).

O sentido da realidade, o sentido também e sobretudo das probabilidades deveria ser para cada um de nós uma problemática viva.

Desespero e cólera

■ **Bernard Noël**
Escritor, poeta

Há um consenso nacional de defesa da excepção cultural que me inquieta, pela simples razão que me parece - em si - significar que a identidade cultural é uma excepção. É o contrário de tudo o que defendo, já que a cultura, para mim, é o pensamento do corpo social, faz portanto parte da sua vitalidade. Sobretudo vejo mal como os destruidores do serviço público poderiam defender seriamente a identidade cultural, posto que destruir o serviço público é aceitar o modelo americano para o nosso corpo social.

Ninguém, em lado algum, diz a verdade fundamental nesta matéria, isto é, que, a coberto das alianças e dos valores ocidentais, nos encontramos empenhados numa guerra económica, e que a América já a ganhou porque as principais teias do poder são, aqui e na Europa, a sua quinta coluna.

A minha intervenção não tem ilusões. A razão de ter sido escrita é para fazer eco a um livro, muito tónico e necessário, de Jean-Pierre Léonardini, que se intitula *Sauve qui peut la langue* (Salve Quem Puder a Língua - N. do T.) e que vai sair nas edições Archipel.

É provável que, a despeito da poluição, a natureza continue a produzir corpos completos e com cabeça e que por sua vez estas cabeças continuem o seu trabalho mental, a menos que uma indústria - por exemplo a indústria da comunicação - consiga vir a desligar a rede do pensamento e a ligá-la a circuitos que ela própria controle. A questão não é perguntarmos se a coisa é possível, mas se somos ainda capazes de ter consciência disso se ela for bem feita. Toda a gente se interroga a propósito da manipulação genética, mas que publicidade se faz às manipulações do pensamento a partir do momento em que o alibi totalitário já não serve?

A queda do muro de Berlim e dos regimes pseudo-comunistas deveriam ter podido iluminar o estado do mundo: por que não aconteceu assim? Eis a nossa preciosa liberdade subitamente desnudada e, paradoxalmente, privada da sua beleza. Descobrimos que, tal como as bonecas insufláveis, ela tinha boa aparência mas bem pouca realidade, pela simples razão de que o seu mérito residia na comparação. O estranho é que a coisa tenha passado tanto tempo despercebida, tal como passam despercebidas da futura vítima a maioria das doenças mortais.

A língua é uma forma fluida, que circula de corpo em corpo para levar o sentido. Que as palavras sejam atingidas não é demasiado grave, são partículas em constante evolução, e que dependem mais das suas relações do que da sua própria constituição. Pelo contrário, que as estruturas sejam atacadas arrisca-se a ser arrasador porque elas não apenas asseguram a regra e a ordem da frase e do discurso: assemelham-se aos nervos que, não contentes de transportarem a sensação, contribuem para modelar a sua recepção. Quer dizer, as estruturas da língua são formativas e condicionam a maneira como reflectimos tudo o que alimenta o sentido que tomam para nós, ao nomearem-se, os acontecimentos, os encontros, os múltiplos movimentos da nossa vida. Tudo o que, portanto, nos parece originalmente apanhado por nós próprios é com efeito modelado pela língua e só se torna nosso à custa da metamorfose, pelo trabalho, das recepções comuns em criação pessoal.

Em suma, cada um de nós toma-se naturalmente por um receptor único, embora receba do mesmo modo que muitos outros a difusão da mesma emissão. Esta ingenuidade é feliz enquanto permite a cada um inventar a sua actividade, as suas relações, o seu amor; torna-se muito perigosa a partir do momento em que um poder dispõe dos meios de manipular o campo da recepção e se introduz na maioria das cabeças sem que nenhuma delas se aperceba, persuadidas que todas estão de que, ao invés, continuam a manter o seu próprio controlo.

No fundo, o desvendado do que tomávamos pela nossa Liberdade revela que, se do outro lado do muro reinava o constrangimento e a opressão, esse constrangimento e essa opressão exerciam-se pelo menos às claras, ao passo que, do nosso lado, reina essa coisa infinitamente subtil que é um constrangimento sem opressão, um constrangimento imperceptível e que se imiscui em nós aproveitando a nossa abertura, o nosso escutar, o nosso apetite de "comunicação".

Que comportamento escolher, que não o desespero, perante uma nova arte de governar que, para obter o mesmo servilismo de sempre, substitui o constrangimento pela sedução? O antigo consentimento era obtido por uma força e um medo que se não escondiam e que deixavam uma pequena oportunidade à revolta; o novo, indolor e até confortável, não lhe deixa nada. É em direcção a esse assentimento beato que conduz o empobrecimento da língua e a redução simplista das suas estruturas, sem falar, é claro, de todos os outros condicionamentos, a começar pelo desemprego.

Quando a revolta nos falha, não se poderá contar senão com o orgulho? Detesto o optimismo, porque me parece que conduz principalmente a suportar a opressão; advogo o desespero porque ele desencadeia a cólera.

Na Rússia do ano 93 (conclusão)

Meditação breve sobre o caos moscovita

■ Miguel Urbano Rodrigues

Desde a mais remota antiguidade, o homem desenvolve as suas melhores potencialidades quando se levanta contra a injustiça e a opressão, por uma vida digna. Na Revolução Francesa como na Revolução Russa de Outubro de 17, a canalização de revolta individual para a revolta colectiva contra a exploração do homem coincidiu com a passagem pela história de gerações extraordinárias. Ao colocarem a existência ao serviço da utopia esses homens e mulheres contribuíram para a transformação do povo em herói colectivo.

Hoje, a Rússia oferece-nos uma imagem oposta a essa. Fustigado pela tempestade da contra-revolução capitalista, o país de Gorki e Lênine apareceu-me neste Inverno como terra onde o refluxo da história faz aflorar o que de pior há no homem como ser social. O mito do homem novo foi ali provisoriamente apagado no movimento da vida. A sociedade caminha sem rumo, moldada por comportamentos e ambições do homem velho.

Doeu-me muito, como comunista, rever Moscovo em Dezembro de 93, transcorridos 76 anos sobre as jornadas épicas que em Petrogrado abriram à humanidade a porta do socialismo. O espectáculo é medonho. E, contudo, naquele pântano social há quem lute novamente com coragem e tenacidade para que a história venha a retomar, um dia, o caminho natural traçado pelas aspirações permanentes da condição humana.

Amar um povo e uma cidade e sentir náusea na retomada de contacto com ambos foi o que me aconteceu em Moscovo.

Tinha estado ali pela última vez quando o regime socialista entrava na agonia, em Abril de 1991. O choque, agora, foi maior do que o imaginava. Porque na capital russa o filme da vida captada pelo visitante comunista é o retrato da tragédia que destruiu o Estado criado por Lênine e desagregou o país e a sociedade — um retrato que agride o forasteiro e o desconcerta a cada momento.

Numa semana nevoenta, com o sol permanentemente invisível, caminhei de surpresa em surpresa. As situações e o comportamento das pessoas não correspondiam ao que estava preparado para encontrar. A contradição marca tudo, mas com frequência o ridículo e o trágico apresentam-se densamente entrelaçados.

A linguagem dos detentores do poder desgastou-se tanto com o rodar dos anos que se torna parte da farsa política, iluminando-a. É o caso das famosas «reformas» do presidente Ieltsin, meta fantasmática que tem servido para justificar atentados em cadeia contra as liberdades e conquistas sociais do povo. Actualmente, as «reformas» tornaram-se elemento do anedotário nacional. A palavra, desprestigiada pela sua utilização perversa, surge desprovida do seu conteúdo criativo; designa a obra destruidora, ou seja a ruptura do tecido social e económico da Rússia.

Neste contexto, a pessoa do Presidente esfuma-se nos bastidores. Boris Ieltsin é um homem desgastado física e mentalmente. Quem, invocando o seu nome, parece pesar cada vez mais é o grupo de «assessores», gente com Chumeiko, Filatov, Poltranin, Burbulis. E também o primeiro-ministro Gaidar, o líder da «Opção Russa».

A dolarização da economia

Nas reportagens sobre a realidade russa, passou a ser rotineira a afirmação de que hoje se encontra tudo nas lojas. Teria, assim, acabado a era de escassez. Omite-se o fundamental: o consumo global de quase todos os produtos industriais e alimentos — com excepção dos artigos de luxo — é hoje muitíssimo menor do que há 10 anos. A chamada economia de mercado não trouxe a abundância. A brutal elevação dos preços não eliminou carências; afastou consumidores. As montras e as prateleiras dos estabelecimentos exibem uma grande variedade de mercadorias, mas a produção e o poder de compra da população caíram drasticamente. A indústria desorganizada e fragmentada, entrou numa crise galopante. Quanto à mesa farta, é uma recordação nos lares russos. Os apetecidos luxos do Ocidente somente estão ao alcan-

ce das bolsas da nova classe de milionários gerada pelo processo contra-revolucionário. Os Rolls Royce, os Volvos, os Mercedes são hoje parte da nova paisagem urbana, em Moscovo.

A «ocidentalização» do país, tão enaltecido por muitos jornalistas estrangeiros, manifesta-se em múltiplas frentes, mas de maneira contraditória e quase sempre chocante.

O hotel onde a delegação de observadores portugueses ficou instalada, o Metropol, funciona como mostruário expressivo da modernidade russa. O edifício, belo exemplar de arquitectura da *belle époque*, construído no final do século passado foi restaurado por uma empresa finlandesa. Hoje é explorado pela cadeia americana Intercontinental. Catalogado como estabelecimento de luxo, os quartos custam num país paupérrimo 420 dólares (só a dormida). Tudo ali se paga em dólares. O preço médio de um jantar no mais modesto dos seus restaurantes, o do *self service*, é de 50 dólares. O pequeno-almoço mais trivial custa 20,5 dólares, um simples café 5 dólares e um telefonema para a cidade meio dólar. Na cidade, os taxistas cobram o mínimo de 10 dólares pela mais curta das corridas. Não aceitam rublos a estrangeiros. Tentei pagar uma corrida com uma nota de 10 mil rublos e o motorista jogou o dinheiro no chão com um comentário: «Este dinheiro não presta!»

No aeroporto internacional, o passageiro, para obter um carrinho de bagagens, paga logo dois dólares.

No hotel, o sabonete e os cosméticos eram ingleses; a água mineral, o iogurte, a manteiga e as compotas francesas. Os vinhos, quse todos franceses, pagavam (os mais baratos) acima dos 50 dólares a garrafa.

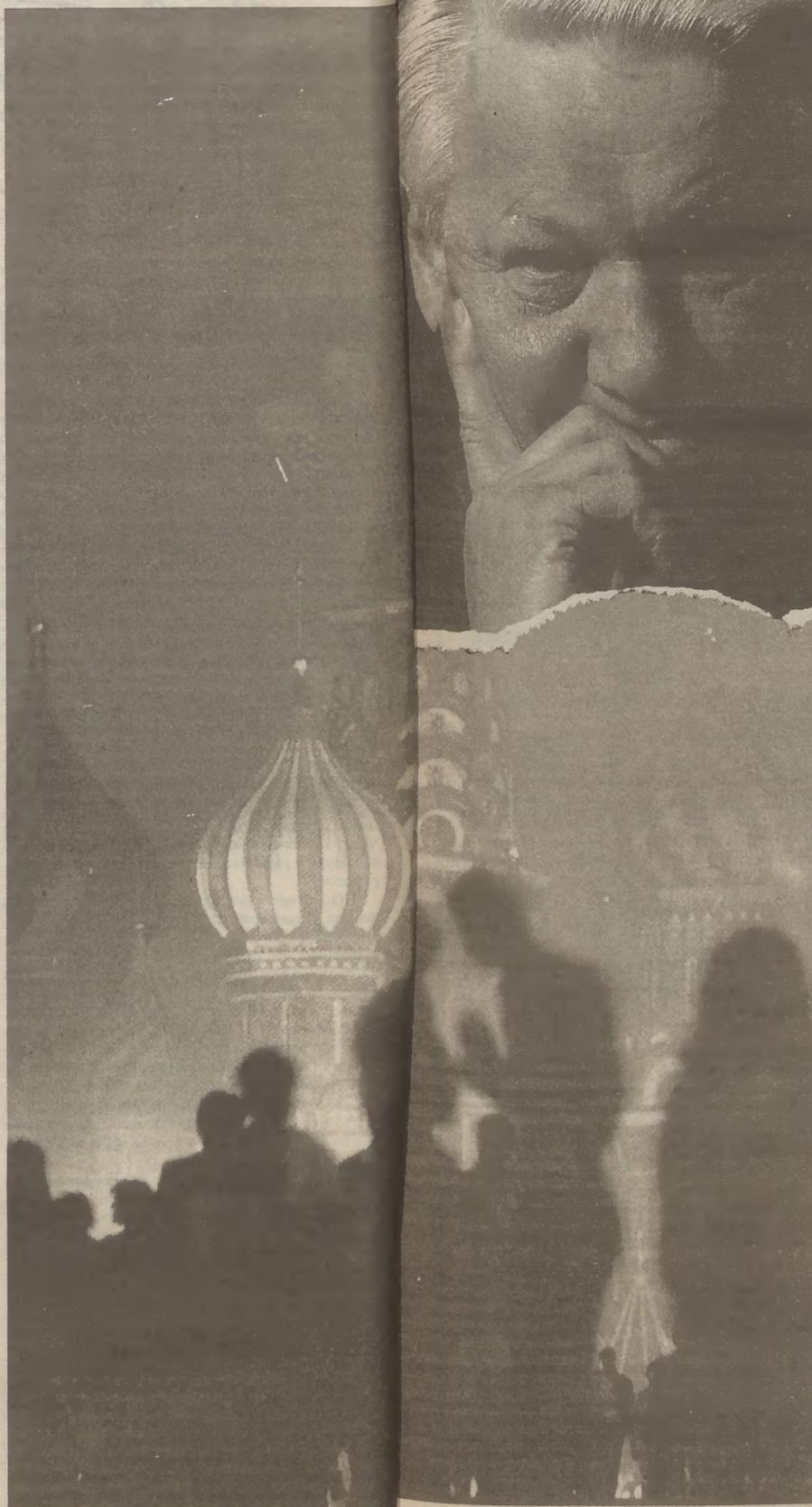
O salário mínimo, entretanto acabava de ser elevado de 12 000 para 14 000 rublos, o equivalente a menos de dois contos por mês...

A dolarização da vida económica assume proporções tão alarmantes que o Governo decidiu proibir a partir de 1 de Janeiro as transacções comerciais em moeda estrangeira, com a excepção dos hotéis e restaurantes. Os moscovitas logo começaram a fabricar anedotas em torno da medida, convencidos de que ela não será respeitada.

Tudo é negociado em dólares desde a venda de imóveis ao aluguer de apartamentos, compra de automóveis e de propriedades no campo. O dólar funciona como moeda de referência e barómetro da economia nacional.

Somente no Paraguai e na Bolívia, quando aqueles países viviam sob ditaduras militares de um obscurantismo primário, registei um nível de dolarização comparável ao observado em Moscovo.

Entretanto, mais de 60% da população da capital vive abaixo do nível da pobreza. Pelas mãos dessa gente não passam dólares.



É difícil calcular o peso numérico da Mafia numa cidade como Moscovo. A palavra mafia serve, aliás, na Rússia para designar genericamente a classe dos novos ricos, parasitária, ligada ao comércio ilegal e a negócios de toda a espécie. Mas os mafiosos são suficientemente numerosos para terem já modificado a fisionomia do trânsito na cidade. Os engarrafamentos em Moscovo são tão enervantes como nas grandes cidades do Ocidente. O trânsito, especialmente no

profissionais do mercado do sexo nos salões e bares dos grandes hotéis impressiona. É uma nova geração de hetairas, quase todas belíssimas, orgulhosas dos seus encantos menos visíveis, que exhibe roupas, peles e jóias de elevado preço.

O trabalho na fábrica, na mina, na função pública caiu para níveis rasteiros na escala dos rendimentos. Uma empregada comum de hotel ou de restaurante pode facilmente ganhar 150 dólares por mês, ou seja 180 000 rublos, o dobro do salário de um quadro médio da administração ou de um operário altamente qualificado.

Nesta atmosfera de subversão do próprio significado do trabalho, a criminalidade floresce. Em Moscovo supera já os índices de Bogotá ou do Rio de Janeiro.

«Não abra a carteira em público!» — aconselhou-me um amigo. «Por dez dólares corta-se a garganta a uma pessoa, na rua, em pleno dia.»

Não é de estranhar que o relacionamento humano seja hoje muito diferente. Tudo se passa como se qualquer desconhecido fosse sempre um inimigo potencial; a tradicional gentileza russa cedeu o lugar a uma agressividade latente.

Num grande armazém do Estado, onde me dirigi à caixa para trocar divisas, havia, parados de cada lado do balcão, dois traficantes de moeda, de calculadoras em punho. Quando pedi à funcionária que me informasse do câmbio do marco alemão, logo um dos marginais interrompeu: «Pago mais dez rublos por marco do que ela.»

Do lado oposto o outro bradou, também em inglês: «Eu dou mais 15.» Riram com insolência quando recusei a oferta e esboçaram gestos agressivos.

A funcionária ficou calada, tal como o polícia que, a dois metros, acompanhava a cena sem dizer palavra.

O Metropolitano de Moscovo, que durante décadas foi o orgulho da cidade, está irreconhecível. Presentemente, as estações e os comboios apresentam um aspecto descuidado, por vezes imundo. Os passageiros empurram-se na altura de entrar e sair e insultam-se com frequência. O metro de Lisboa, nas horas de ponta, parece um paraíso comparado com aquilo que vi.

Os acontecimentos de Outubro

Foi sobretudo em encontros com velhos amigos que tive a oportunidade de obter respostas que me ajudaram a compreender um pouco aspectos da realidade social de uma cidade transfigurada pelo funcionamento das engrenagens do capitalismo selvagem. O calor da hospitalidade é o mesmo. Mas os padrões de vida desceram brutalmente. Em famílias que caprichavam na mesa farta, fui agora obsequiado com magros jantares, regados com água da torneira, sem carne, nem legumes.

Guardo memória de demoradas conversas com pessoas muito diferentes que me mostraram vídeos das jornadas de 3 e 4 de Outubro para me ajudar a formar uma ideia sobre aqueles trágicos acontecimentos que envolveram o encerramento e a destruição do Parlamento. Essas imagens deram luz, som e cor ao relato que escutara, dias antes, de Vladimir Gusev e Ludmila Vlaskina, dirigentes do Partido Comunista Operário Russo, uma das forças políticas marxistas que Ieltsin tentou excluir da vida política. Falemos então da controvérsia existente a respeito do saldo da repressão desencadeada na madrugada do dia 4 pelas tropas especiais que bombardearam a Casa Branca e dispararam sobre o povo.

Gusev e Vlaskin contestaram os números oficiais. Nos hospitais os registos referem a entrada de mais de 1000 feridos. Sabe-se também que mais de uma centena receberam tratamento em casas particulares porque eram cidadãos da ex-república da URSS.

O Governo, não obstante as evidências, divulgou estatísticas falsas. afirmou que apenas 863 pessoas tinham sido feridas. Para impor a mentira, o Executivo chegou ao extremo de ordenar que centena e meia de

feridos fossem expulsos dos hospitais. A maioria eram jovens entre os 20 e os 23 anos.

«O nosso partido não apelou ao levantamento armado — é uma verdade» — disse-me Gusev. Mas entre aqueles que entraram em choque com a polícia houve gente nossa por decisão espontânea.

Perguntei qual a opinião do Partido Operário quanto ao número de mortos. Responderam que aí a mentira fora ainda maior. Segundo o Ministério do Interior, morreram somente 154 pessoas. «O jornal "Nizavissima Gazeta" avaliou o total de mortos em 1500. Olhe, só no Instituto de Traumatologia foram recebidos mais de 200 cadáveres...»

«Nunca saberemos — comentou Ludmila — quantas pessoas foram abatidas a tiro pelas forças do Governo. Mas peço-lhe que refira a utilização de armas químicas. Aliás, para evitar que muitas das vítimas pudessem ser identificadas, o Poder retardou o ataque dos bombeiros às chamas. Deixaram arder a Casa Branca madrugada adiante par que os cadáveres dos mortos fossem carbonizados. Ieltsin actuou como um Czar. Não tem autoridade para falar de democracia um homem que já assinou 1400 decretos para impor a sua vontade. Desde Outubro já contamos 300.»

Lukianov fala de Gorbachev

Numa manhã nevoenta fui visitar Anatoli Lukianov, o homem que era presidente do Soviete Supremo em Agosto de 1991, nos dias que precederam a destruição do que restava do regime socialista.

Nevava com alguma intensidade e o vento fazia estremecer as janelas do seu modesto mas aconchegado apartamento. Lukianov convalescia de uma broncopneumonia que o atacara no final da campanha eleitoral. Acabava de receber boas notícias. Candidato pelo Partido Comunista da Federação Russa, apresentou-se também como candidato individual pelo círculo de Smolensk. Obteve uma dupla vitória.

Lukianov falou dos tempos passados na prisão, do livro que escreveu nesses meses de sofrimento, dos poemas que fez, da sua reflexão sobre a história a preencher noites de insónia, e também das pressões ilegais que Ieltsin exerce sobre o Tribunal, na tentativa de lhe inviabilizar a candidatura à DUMA federal.

A conversa acabou por tomar um rumo inesperado. Perguntei aquele protagonista da história recente qual a opinião que formava a respeito de duas personalidades que ele conheceu quase intimamente:





A GREVE

Realização: SERGEI EISENSTEIN
mestre ou mestres, realizador de
"O Couraçado Potemkine"

Sovexportfilm

SOVEXPORTFILM apresenta uma produção GOSKINO/
PROLETKULT · GRIGORI ALEXANDROV, MAKSIM
STRAUCH, MIKHAIL GOMAROV em "STATCHKA"
· Fotografia de EDUARD TISSE · Argumento e
Realização de SERGUEI EISENSTEIN.



Impressionante reconstituição de uma greve operária na Rússia Czarista de 1912.

Do suicídio de um trabalhador à repressão maciça, a acção progride numa aceleração dramática sem precedentes e culmina em momentos de indescritível violência.

Este trabalho de estreia do jovem Eisenstein possui um fôlego épico, um esplendor visual, um ritmo alucinante que o transformam em muitíssimo mais que um simples panfleto.



SÉRIE FILMES SOVIÉTICOS

- 001 - O COURAÇADO POTEMKINE
- 002 - A MÃE
- 003 - ESCRAVA DO AMOR
- 004 - A BALADA DO SOLDADO
- 005 - AMOR EM TEMPO DE GUERRA
- 006 - A GREVE

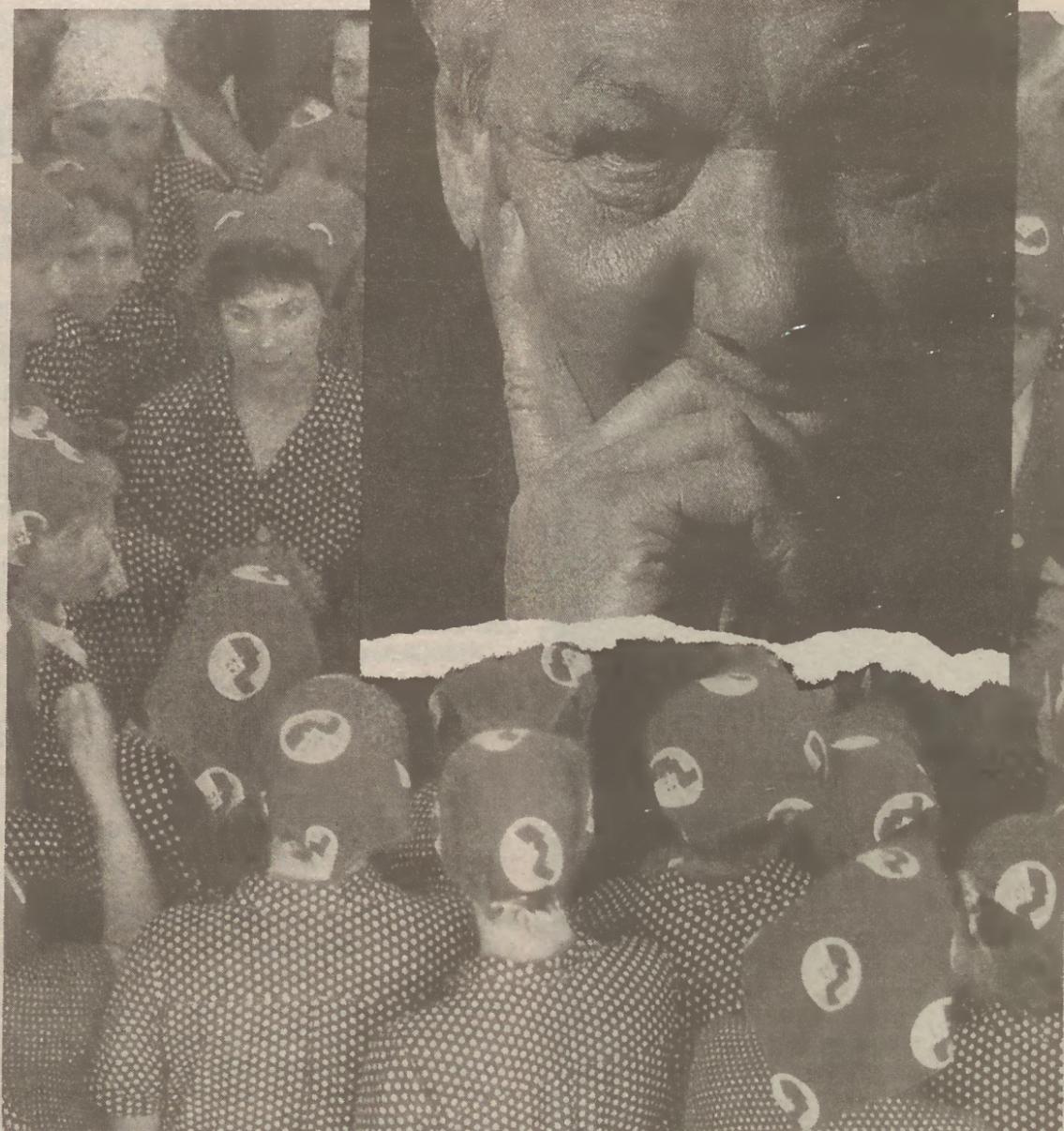
Preço Unitário: 3500 escudos
Pacote de 3 filmes: 10 000 escudos

Cinema
de qualidade
em sua casa

Via CTT À cobrança (Zona Grande Lisboa)

Faça os seus pedidos para:

crac serviços, CRL
VIDEO crac filmes
Apartado 90
Queluz Ocidental
2746 QUELUZ CODEX



Mikhail Gorbatchev e Alexander Iakovlev. Anatoli Lukianov não hesitou. Tem juízo sedimentado sobre o papel desempenhado por ambos.

Acha que Gorbatchev tem, como homem e político, uma dimensão bem menor do que aquela que geralmente lhe atribuem no Ocidente.

«Reagan, a Thatcher, o chanceler Khol — sublinhou Lukianov — aperceberam-se rapidamente da fragilidade política e da vaidade de Gorbatchev. Manipularam-no como quiseram. Quando ele, mais tarde, tentou fazer crer que projectara o rumo que as coisas iriam seguir no país (com excepção do desmembramento da União) mentiu mais uma vez num esforço para ajustar o resultado às suas supostas intenções. Não é verdade. Ele não comandou os acontecimentos que levaram à destruição do regime socialista. Foi neles simples instrumento, empurrado por forças e homens que interna ou externamente o manobravam. Creio que a análise que Fidel Castro faz de Gorbatchev é correcta; tem o mérito de reduzir o político à sua real e pequena dimensão.»

E Iakovlev? — perguntei.

«Esse sim, foi o cérebro. É um político muito inteligente, perigoso, de um nível intelectual muito superior ao de Gorbatchev. O seu objectivo era há muito a transformação do PCUS num partido social-democrata. Trabalhava para isso desde 1983. Eu conheci-o em 1967 e nunca me inspirou confiança. Já então o seu fascínio pela ideologia burguesa era quase transparente, tal como a sua simpatia pelo sionismo. Mas era tão hábil e tinha tanta força no Politburo que sobreviveu politicamente a todas as mudanças, mantendo-se sempre em postos-chave.»

No meu último dia de Moscovo, voltei à Praça Vermelha. É um lugar que convida à meditação serena. Sinto sempre naquele recinto o pulsar da história.

A Praça estava praticamente deserta naquela manhã. Pouco passava das oito e a neve, muito fina, derretia-se ao tocar os paralelepípedos, ao roçar o mármore do mausoléu de Lénine e as cúpulas douradas da catedral de São Basílio.

Pretendia estar comigo naquele espaço de silêncio tão intimamente ligado à história profunda do povo russo e a acontecimentos que neste

século pesaram decisivamente na evolução da humanidade.

Fitei as muralhas vermelhas do Kremlin, lembrei antigas visitas às catedrais da Anunciação e de São Miguel, pensei em Pedro I e Catarina II, revi-me no acanhado apartamento onde Lénine viveu e trabalhou no grande palácio erguido pelos czares. A imaginação transportou-me a Leninegrado, ora rebaptizado de São Petersburgo...

Como foi possível chegar a isto? Perguntava-me, sabendo que ainda não há resposta para a questão. Como foi possível o absurdo; reduzir este povo e este país ao estado a que chegaram?

As explicações sectoriais e subjectivas, sejam elas emocionais ou frias, não contribuem para clarificar a questão. As respostas da história e o próprio desfecho do terramoto vão tardar muito.

A tentativa de restaurar o capitalismo na Rússia sobre os escombros do regime instaurado por uma Revolução que tinha por meta a eterna utopia da libertação e da felicidade do homem está apenas no início. É um desafio de cuja dimensão os estrategos do capitalismo apenas têm uma consciência difusa. Entretanto, a contra-revolução em desenvolvimento começa a esbarrar com obstáculos cada vez mais fortes apesar da destruição do Estado pré-existente.

Naquela manhã de Dezembro, nevoenta e húmida, subiu-me à memória, na despedida da Praça Vermelha, uma frase ouvida longe, há um quarto de século, no sertão de Minas Gerais, de um historiador francês, Albert Soboul: «Sabes, transcorridos dois séculos compreendemos hoje muito melhor a Revolução Francesa do que os filhos e os netos da geração que a fez e a apunhalou.»

Descendo para o hotel, em longo passeio por ruas lamacentas, dei-me conta de que não tinha resposta para incontáveis interrogações. Apenas uma convicção forte emergia da minha emaranhada meditação na Praça Vermelha. A certeza de que as raízes de Outubro são indestrutíveis. Tornaram-se património da Humanidade.

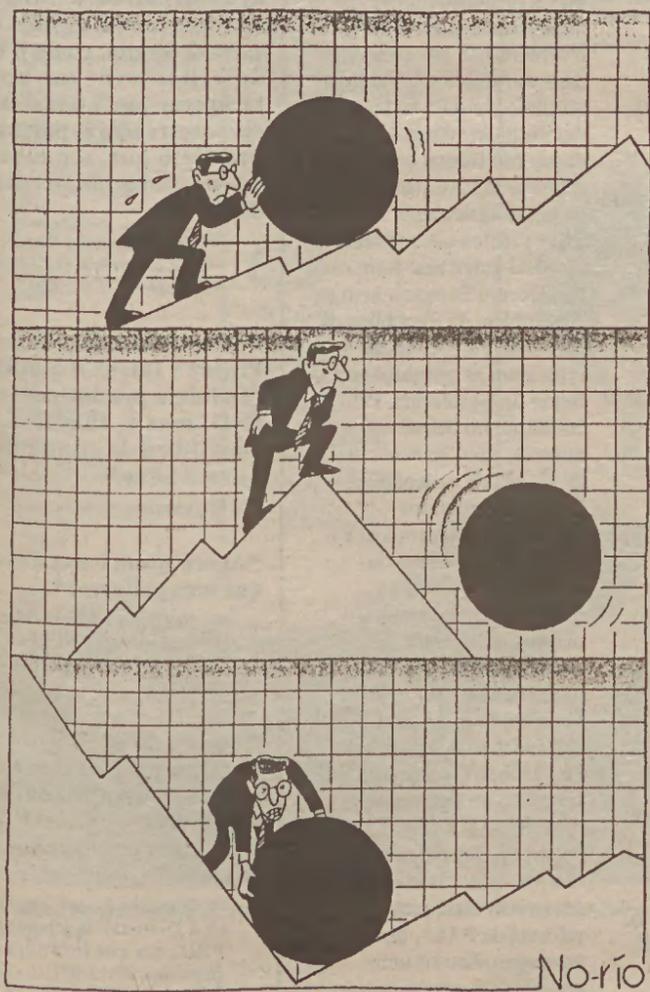
Não há elementos para se prever com um mínimo de objectividade e base científica que contornos políticos e sociais serão os da Rússia na viragem do milénio. Mas o vendaval de egoísmo, ambição e barbárie que varre o grande país e infelicitou o seu povo não poderá prolongar-se indefinidamente. Já deixou na história marcas terríveis.

Japão investe no mercado das «geishas»

■ **Manoel de Lencastro**

Duas assustadoras perspectivas assolam a economia japonesa: se o valor do dólar desce demasiadamente para o yen, as exportações facturam-se a preços mais baixos e a indústria arruína-se; se os valores da Bolsa de Tóquio entram uma vez mais em declínio, como está a acontecer, as acções das empresas cotadas conhecem baixas catastróficas, as garantias aos Bancos que as mesmas encabeçam deixam de servir o objectivo, a posição das instituições de crédito começa a abalar. Pior ainda: o desinvestimento japonês na América e na Europa pode constituir, se se verificar em larga escala, um autêntico desastre para todo o sistema capitalista.

As vendas japonesas nos países estrangeiros estão a descer aceleradamente. As grandes indústrias começam a voltar-se para o mercado interno, mas este mostra-se indiferente e regista quebras constantes. Nas condições do momento, a indústria automóvel nipónica está com 2 milhões de carros em casa, invendáveis. Em proporções cada vez maiores, começa a notar-se o aparecimento do



fantasma do desemprego. Para onde vai o povo japonês?

Em média, os lucros dos Bancos vão baixar 44% relativamente ao exercício do ano anterior. Mas os valores dos empréstimos já escriturados como incobráveis são de tal magnitude que não resistimos e transcrevê-los:

		biliões de Yen
Mitsubishi	569,3	" "
Sumitomo	460,6	" "
Mitsui	571,1	" "
Yasuda	424,8	" "
Toyo	299,0	" "
Chuo	177,5	" "
Nippon	85,4	" "

Para onde vai a economia nipónica? A Bolsa de Tóquio conheceu, efectivamente, nas últimas semanas do ano, consideráveis baixas resultantes da mais que óbvia falta de confiança dos investidores nacionais e internacionais e do enfraquecimento das posições do primeiro-ministro Morihiro Hosokawa. O Parlamento, entretanto, hesita entre o avançar com as reformas políticas que o Sr. Hosokawa pretende, e a suspensão das mesmas até que seja possível lançar um novo orçamento de emergência (o terceiro) que possa contribuir para relançar a economia.

Mas os estrangeiros já desinvestem, no Japão. Os japoneses dão os primeiros passos no desinvestimento a ocidente, como se referiu. As economias correm a entrincheirar-se, como sempre acontece quando, no horizonte, se anuncia, não mais uma tempestade daquelas que são habituais e cíclicas, mas um furacão que traz consigo inimagináveis destruições. A balança comercial japonesa começa a conhecer quebras nos seus saldos com os países da CEE, os exportadores nipónicos voltam-se, natu-

ralmente, para os mercados asiáticos mas estes, sem os recursos financeiros de outros, começam já a constituir motivo de preocupações para os controladores económico-financeiros de Tóquio.

Os efeitos da crise fazem-se sentir no tecido social. As pessoas vivem angustiadas pelo pavor de já não poderem viver como o faziam há poucos anos atrás. O declínio dos valores sociais está à vista. Como arranjar dinheiro? Eis o

problema dos cidadãos, das empresas, das cidades. E surgem ideias, talvez desesperadas, para conseguir-se pôr vida onde ela já se extinguiu. Assim, em Asakusa, a norte de Tóquio, as ruas estão desertas porque o lugar costumava acolher os que procuravam frívolos prazeres e noites brejeiras e até isso, agora, perdeu terreno no mercado. Mas Asakusa não pode deixar-se cair no esquecimento, ou morrerá. Para voltar a chamar a si as massas de clientes que lhe davam vida e dinheiro, começou a organizar uma escola de «geishas» cujas alunas, ao fim de três meses de «estudos e preparação» se considerarão diplomadas para um ofício tradicional, tido como imprescindível e facturado a preços de concorrência. «A nossa ideia», disse o homem de negócios, Hatsue Takai, promotor da iniciativa, «é enchermos as ruas da cidade com novas «geishas» que fiquem de boca calada se os clientes falam de negócios, ou se dêem à conversa se eles pretenderem distrações. Asakusa voltará a ser conhecida como a cidade onde as pessoas têm «affairs»» Comentários? Para quê?

A escorregadela do Banesto

Quando o governador do Banco de Espanha, Luis Angel Rojo, mandou suspender os dirigentes do Banesto (Banco Español de Crédito) sabia perfeitamente, já o sabia desde há

muito, que a crise da importante instituição de crédito espanhola não resultava dos problemas de um simples Banco, mas constituía o baquear de um dos mais significativos «peões» do sistema. A corda vergava pela mais fraca extremidade. E o carismático Mário Conde, ontem festejado pelos seus êxitos, foi substituído na direcção do Banco por Alfredo Saenz Abad, o vice-presidente do Bilbao-Vizcaya.

Não foi por acaso, contudo, que o quarto maior Banco espanhol, principal accionista do nosso Totta & Açores, caiu na posição difícil em que se encontra. Lutava em mares encapitados numa situação em que a concentração em larga escala gera problemas de enorme magnitude. Toda a vida económica em Espanha se encontra num beco sem saída. Existir a crédito para poder manter níveis de vida falsos é o lema dos

espanhóis e das espanholas dos nossos dias. Mas os Bancos incentivam essa corrida para o desconhecido porque o movimento gerado lhes faz trabalhar a máquina e justifica o aparecimento nos respectivos balanços de valores nem sempre verificáveis. Por que motivo foi o Totta-Açores adquirido pelo Banesto? Qual a razão por que o Lloyds Internacional, da Rua do Ouro, passou para as mãos do Bilbao-Vizcaya, ele próprio sendo já a concentração de dois antigos grandes Bancos espanhóis, o Banco de Bilbao e o Banco de Vizcaya? Porquê a presença cada vez mais activa do Barclays, em Portugal? O que levou, em Espanha, ao aparecimento de uma instituição de crédito com as gigantescas proporções do Argentina?

A actual guerra no seio do sistema bancário internacional é um dos grandes espectáculos do momento. Vale a pena observá-la. E dizemos, com toda a franqueza, que ser banqueiro numa conjuntura desta natureza não é coisa fácil. Não reparam os nossos leitores no silêncio de certos Bancos portugueses que ontem, ainda, gritavam a indiscutível (para si) superioridade do sistema privado? Agora calam-se, lá vão manejando o seu «negociozinho» o mais calmamente possível, mas temerosos, evidentemente, do mundo de dívidas colossais em que existem. Quando as casas dos vizinhos começam a arder... o melhor será pôr as barbas de molho.

Emigrantes com problemas (Parte VI)

A crise económica no Quebec aprofundava-se. É certo que em todo o mundo se conheciam já dramáticas transformações e o capitalismo entrava em momentos de euforia — uma ilusória experiência, fatal, talvez, que já se compreende em toda a linha. Mas o investimento anglo-americano, mesmo o do Canadá rico, não se dirigia para o Quebec. E meia Montreal, com efeito, permanecia desocupada, por alugar.

Nestas condições, o novo restaurante «A Pérola do Atlântico», apesar de haver prosperado nos meses iniciais da sua existência, deixou rapidamente de constituir a novidade que anunciara e a clientela, quase toda formada por portugueses, dispersara-se, aos poucos, por outros lugares mais baratos e funcionais. Cipriano e Mariana viam cair as receitas, subir as despesas, numa situação em que todo o seu capital se achava «enterrado» no prédio. E depressa começaram a conhecer problemas financeiros diários. Era a renda recebida de terceiros pela exploração do Hotel nos andares superiores do edifício que lhes permitia manter o mais precário dos equilíbrios.

Um restaurante vazio é um projecto aniquilado. Mais vale fechar. O pessoal de «A Pérola do Atlântico» encostava-se pelas paredes, limpava as coisas mil vezes, discutia até à exaustão as notícias que chegavam de Portugal. E Cipriano, que alternava com Carlos Maganão o lugar de chefe de mesa, resmungava incessantemente, atirava os pratos, e já tratava grosseiramente os raros clientes, todos portugueses, como se disse. A iniciativa de um restaurante português, voltado para canadianos e outros, falhara rotundamente em poucos meses.

E assim, aos poucos, Cipriano que não estava cego para as realidades, foi-se deixando cativar por uma ideia radical que se lhe ia formando no espírito: a de regressar a Portugal.

«Quantos clientes servimos hoje, Mariana?»

«Nenhum. Só se venderam algumas bebidas aos que almoçam barato, noutros lados, e vêm aqui tomar o café», respondeu-lhe a mulher que procurava ler nos olhos do esposo a possível resposta para a situação.

Este tipo de conversas repetia-se todas as noites depois do encerramento da porta do estabelecimento, quando o casal, sentando-se na cozinha, fazia as contas ao movimento e analisava a grave situação financeira em que mergulhava, diariamente. Cipriano mostrava-se pensativo. Batia com o bico do lápis no papel onde desenhava os números da sua desilusão. Mas numa dessas noites, parecendo acordar, finalmente, de profundos e negros pensamentos, deu uma violenta palmada no tampo da mesa onde se preparavam os cozinhados e disse:

«Ando com uma ideia, rapariga!»

«Homem», respondeu a mulher «até me assustaste. Qual é?»

«Vendemos isto e vamos para Portugal. De emigração, já temos o suficiente. E de patrões e proprietários, é o que está à vista. Se calhar, Mariana, não temos jeito para isto. Mais valia andar no Saskatchewan a abrir estradas.»

Mas a mulher, surpreendida, não reagiu da melhor maneira. E respondeu:

«Para Portugal? Não estás bom da cabeça, Cipriano. Portugal é só para férias, homem. Para trabalhar, é aqui. E, de resto, como conseguiria eu usar o meu casaco de peles em Portugal?»

Cipriano Guerreiro, porém, não se deixou convencer. Estava determinado a vender o imóvel que ainda tão recentemente adquirira e a reinvestir o dinheiro em Portugal regressando definitivamente à sua Pátria. Mal sabia ele, entretanto, que esse belo projecto não seria tão fácil de concretizar quanto imaginava...

PONTOS CARDEAIS

Gazetilha

Epigrama

O Arlindo de Carvalho
vai ter voz no PSD.
Em política é um alho
como se viu e se vê.

— Que vai ele lá fazer?
(pergunta uma voz mais rude).
— Ora o que é que há-de ser.
Vai tratar-lhe da saúde...

Clima fraterno

São amigos de uma cana
o Santana e o Isaltino
um perito na chicana
o outro no desatino.

Um faz da espada o seu hino
outro levanta a catana
o Santana ama o Isaltino
o Isaltino ama o Santana.

É um ódio fraternal.
Em veneno e em punhal
tudo o que vier à mão.

Tão democraticamente
mostra o ovo da serpente
tão amigos que eles são.

As bocas do Barreto

De quando em quando
o Álvaro Barreto
sai do seu canto
e mete o espeto.

Contra o Cavaco? Bom, afinal
(o próprio diz) não é por mal
ele até acha, a coisa vista,
que é um grande, grande estadista...

Diz o que diz cortando a posta
das suas birras, aliás poucas,
pois do que mesmo, mesmo gosta
«é de mandar algumas bocas...»

«Bocas» é o seu serviço
e ainda mais mandará
porque (diz ele) é por isso
que na política ainda está...

Outras bocas sei eu bem
de cortar o coração:
aquelas bocas a quem
no Alentejo tirou o pão...

Aviso

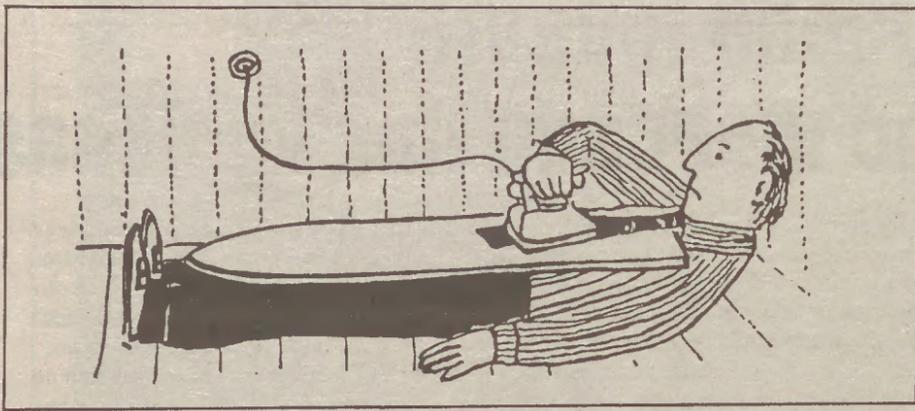
Sempre de quando em quando ou de onde em onde
ferra o dinheiro o dente, agarra ardente.
Já escapava o Roquete e logo a gente
viu que já perto algum ferrão se esconde.

Do Banesto o buraco nos responde
Do Totta a teta tonta tristemente
treme e teme o terror que de repente
desce para os plebeus dos pés do Conde.

Era a coisa provável? Sim, já era.
Quem se entrega de pés e mãos à fera
não pode aí contar um bom sinal.

Deram-se todos os trunfos à batota.
É tempo de aprendermos com o Totta.
Tempo de defendermos Portugal.

■ IGNOTUS SUM



Ir às compras

Embora Cavaco Silva e a generalidade dos seus indefectíveis recusem que o PSD foi derrotado nestas eleições - no que são de alguma forma apoiados pelo secretário-geral do PS que das eleições só tirou a "sua" vitória - o certo é que logo na noite de 12 de Dezembro a loja começou a ser escavada nas hostes do partido do Governo. De tal forma que o partido já nem sabe que nome tem. Depois de o ter mudado de PPD para



PSD para mais à frente se vir a chamar, em curioso compromisso, PPD-PSD, há hoje quem lhe queira repor o nome antigo. Arlindo de Carvalho - como se fosse de facto essa a questão, a dos "nomes" para o partido e não as dos nomes das pessoas em conflito - foi dizer ao "Diabo" que tanto lhe faz. Os militantes que decidam. O problema, no entanto, é mesmo de facções. Por isso Cavaco se preocupou tanto. Esganiçadamente, Santana Lopes exigiu que rolassem cabeças na distrital de Lisboa. Isaltino não se importaria que elas rolassem, desde que não fosse a sua. Foram ambos chamados à pedra. E pronto, o consenso

apareceu, para desaparecer de novo com o nome de Arlindo. A coisa não ia ficar por aqui. E apareceu Mota Veiga, vindo de um lugar que no PSD chamam "bases" e que só mostra querer um "novo discurso para o partido". As eleições no PSD arriscam-se a serem bastante animadas. E não apenas na distrital de Lisboa, mas em outras mais. Em Setúbal, de onde Couto dos Santos saiu para reflectir, ler e descansar, segundo garantiu Carlos Pimenta, também a coisa ferve. E o euro-ecológico deputado, se afirma que nesse distrito a serenidade e o consenso prevalecem, é para desdenhosamente comparar a "sua distrital" com a de Lisboa. As eleições do PSD - ou do PPD - vão ser tão animadas como num clube de futebol. Ainda há-de aparecer um Joe Berardo para comprar este partido...

O menino querido

Não vão portanto faltar vozes, bicos de pés, agitar de pergaminhos nestes conturbados tempos da "popular-democracia lusitana". E cada um há-de gritar mais do que o parceiro e esticar-se mais e mostrar mais antiguidades. Um porque esteve no Governo, outro porque nunca esteve lá, um porque já era da distrital, outro porque veio da base. Santana Lopes, esse, apenas mostra um trunfo. Ou o seu trunfo favorito, ou o único que tem. Em recente mini-entrevista televisiva, o comissário cavaquista para a Cultura veio mais uma vez lembrar que já na altura em que Sá Carneiro morreu, lhe haviam prenunciado, a ele Santana, a morte política, porque ele era considerado o "menino querido de Sá Carneiro".

E não terá sido por isso mesmo, já que ele não se cansa de o recordar, que ainda se passeia nas ribaltas da política do PSD? Um dia destes ainda lhe lembrar que já passaram muitos anos e que os anos não passam apenas sobre as memórias mas também sobre os meninos. E que ele já não tem idade para ser o menino querido de ninguém.

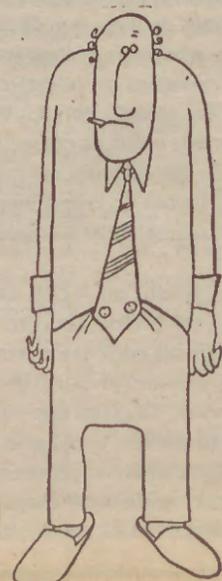
A "oposição" de Guterres

O secretário geral do PS gosta de coleccionar virtudes inúteis. Gaba-se de ser o líder da oposição, mas abstem-se de a fazer. De ter tido "19 em Matemáticas Gerais", embora persista em fazer mal as

contas ao resultado das eleições autárquicas. De ter, saído vitorioso delas, apesar de delas não querer fazer mais do que escrever uma carta por mês ao primeiro ministro...

Um destes dias assistiremos em alguma entrevista a um Guterres a gabar-se de ter boa memória, embora os factos demonstrem que usa melhor a amnésia. Ainda recentemente, em entrevista dada ao "Público", Guterres afirmou que o PS teria manifestado "o nosso desacordo frontal com a reforma da PAC, feita à custa da nossa agricultura".

São os factos que mostram a amnésia guterrista. Nem no Parlamento Europeu, nem na Assembleia da República os responsáveis socialistas criticaram as orientações de fundo de tal reforma. Pelo contrário: no debate sobre a questão, em 4 de Junho de 1992, na AR, o deputado Capoula dos Santos afirmava: "O balanço que o PS faz da assinatura do acordo, tanto quanto a escassez de elementos o permite, não sendo catastrófico, não pode de modo nenhum ser eufórico"... Felicitando mesmo "o Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Arlindo Cunha, pelo seu empenho no encerramento do dossier". Até o deputado Alberto Costa bateu na mesma tecla: "Não temos uma visão maniqueísta da reforma da PAC", disse, "nem partilhámos uma perspectiva catastrófica do futuro"... Por sua vez, o deputado Cunha de Oliveira, em 10 de Março do mesmo ano, no Parlamento Europeu, dizia: "No que aos socialistas portugueses diz respeito, afirmamos que em princípio estamos de acordo com as propostas do Comissário Mac Sherry" (leia-se estamos de acordo com o GATT...). É caso para dizer como o Pessa: "E esta, hem?"



frases da Semana

"Sabe-se hoje que - ao contrário do que se pensava então - muitas das partes mais ortodoxas da "História da Literatura" eram da responsabilidade de (António José) Saraiva e não de Óscar Lopes, que se manteve militante do Partido Comunista Português. Mas que importa isso hoje?"

☞ (Torcato Sepúlveda - «Público», 29.12.93)

"A imaginação com que (Loureiro, Manuel Dias) dirigiu o seu Ministério, dinamizando o PSD e apresentando diplomas caros à direita, como a lei do asilo, levaram-no a recuperar junto dos sectores conservadores parte do prestígio que, a pouco e pouco, tinha ido perdendo."

☞ (José António Saraiva, «1993: dicionário político» - «Expresso», 31.12.93)

"(Balsemão, Francisco Pinto) é talvez o melhor candidato presidencial do PSD, mas é, também, o mais difícil de aceitar por Cavaco Silva."

☞ (idem)

"Agora quem tem unhas é que toca guitarra!"

☞ (Isaltino Morais, candidato à Distrital de Lisboa do PSD, citado pela Lusa, 29.12.93)

"Espero do presidente do partido uma posição de estrita neutralidade. Eu não preciso do presidente do partido para ganhar as eleições."

☞ (Santana Lopes, candidata à Distrital de Lisboa do PSD, em conferência de imprensa, 29.12.93)

"Importa-se que eu telefone ao Isaltino?"

☞ (Cavaco para Santana, citado em «Público», 31.12.93)

"Não me importo de ser "yes-man" de um homem superior."

☞ (Isaltino Morais, ex-candidato..., citado em «Público», 01.01.94)

"Isaltino demonstrou que tem garra..."

☞ (Santana Lopes, ex-candidato... - «Expresso», 31.12.93)

"Militantes que digam se querem PPD ou PSD"

☞ (Arlindo de Carvalho, novo candidato à Distrital de Lisboa do PSD - «O Diabo», 04.01.94)

"Renovação do partido começa aqui"

☞ (Mota Veiga, novíssimo candidato à Distrital de Lisboa do PSD - «O Diabo», 04.01.94)

"Uma comédia para um país pequeno, de pequenas ambições, pequenas tradições, pequenos sonhos, pequenos nada."

☞ (Marina Ramos, crítica a «Maldita Cocaína» - «Público», 31.12.93)

Televisão

Quinta, 6

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.30 Culinária
11.55 Lotaria de Natal
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.05 Sarilhos com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.30 O Caso Rossiter
(ver «Filmes na TV»)

- 11.00 Infantil
11.55 Intensamente Maria
12.50 Safaris do Mundo
13.45 Forças Especiais
14.20 Sem Legendas
15.55 Força Bruta
16.55 Infantil
17.55 Magazine «Viver com Saúde»
18.25 Vamp
19.25 Um, Dó, Li, Tá
20.15 O Verão de 45
21.10 Desenhos Animados
21.20 Financial Times
21.30 TV2 Jornal
22.15 Deus nos Acuda
23.15 Você é Excepcional
00.15 Remate
00.25 Tramas de Seda

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.40 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.40 Minas e Armadilhas
22.20 Casos de Polícia
23.20 Cuidado com as Aparências
23.55 Último Jornal
00.20 Os Donos

Sexta, 7

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 A Escola Assombrada
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.00 Sarilhos com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.30 Os Dois Magníficos
(ver «Filmes na TV»)

- 12.00 Infantil
12.55 Intensamente Maria
13.45 Competições Fantásticas
14.20 Sem Legendas
15.55 Vida Animal
16.55 Infantil
17.55 Médicos Escritores Portugueses
18.25 Vamp
19.25 Um, Dó, Li, Tá
20.25 Os Trintões
21.10 Desenhos Animados
21.20 Financial Times
21.30 TV2 Jornal
22.10 Deus nos Acuda
23.15 Remate
23.25 Sinais do Tempo
00.55 No Limiar da Vida
(ver «Filmes na TV»)

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.40 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Rugrats
22.10 Chuva de Estrelas
23.10 Na Cama Com...
00.20 Último Jornal
00.45 Os Donos da Bola

Sábado, 8

- 08.00 Programa Infantil/Juvenil
11.30 Luta Livre Americana
12.30 Isto é Magia
13.00 Notícias
13.10 Pa Lamento
14.00 Clube Disney
15.30 Um Amor Eterno
(ver «Filmes na TV»)
17.10 O Mistério da Selva Negra
18.05 Beverly Hills 90210 (últ. episódio)
19.00 Palavra Puxa Palavra
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
20.30 Os Simpsons
21.00 Despedida de Solteiro
22.00 Parabéns
23.35 Dinastia Strauss
00.25 Momentos de Paixão
(ver «Filmes na TV»)

- 09.00 Universidade Aberta
12.00 Charlie Chaplin
(ver «Filmes na TV»)
13.40 Tina Turner, a Rapariga de Nutbush
14.30 Eerie Indiana
15.00 A Gruta da Rosa Dourada
16.00 TV2 Desporto
22.30 Irmãs
23.20 Sexualidades
23.50 Desaparecidos
00.30 As Férias Grandes em La Baule
(ver «Filmes na TV»)



Heimatt, a notável série alemã, passa a ser transmitida à quarta-feira. Ao fim da noite na TV2

- 11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.30 Classe de 96
14.30 A Morte de um Pistoleiro
(ver «Filmes na TV»)
16.30 PS: Amo-te
17.30 Grandes Planos
18.00 Portugal Radical
18.30 Melrose
19.30 Notícias
19.45 Agosto
20.45 Jornal da Noite
21.30 Encontros Imediatos
22.10 Repórter da Meia-Noite
23.10 Água na Boca
24.00 Último Jornal
00.25 Diários Eróticos
00.55 Boxe
01.35 MTV

- 09.50 Consultório do Accionista
10.00 A Casa do Tio Carlos
11.00 Animação
11.30 Momentos de Glória
13.05 Contra-Ataque (desporto)
14.35 Prova dos Nove
15.10 Estrela (compacto)
19.30 Informação Quatro
20.05 Na Mira do Crime
20.55 Duque de Ouros
21.55 Pistoleiro à Força
(ver «Filmes na TV»)
23.30 Informação
23.50 Corações e Armaduras
(ver «Filmes na TV»)

Domingo, 9

- 08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.00 Outras Margens
12.30 Sem Limites
13.00 Notícias
13.10 Top +
14.00 Domingo Gordo
14.05 Marés Vivas
15.10 O Deserto Maravilhoso
(ver «Filmes na TV»)
18.45 Dinossauros
19.15 Câmara do Cándido
20.00 Jornal de Domingo
20.30 Casa Cheia
21.00 Despedida de Solteiro
22.00 Os Bonecos da Bola
22.30 Adeus Columbus
(ver «Filmes na TV»)
00.20 Clips e Spots

- 09.00 À Mão de Semear
09.30 Caminhos
10.00 Novos Horizontes
11.00 Missa
12.00 70 x 7
12.30 Forum Musical
13.30 Regiões
14.30 Realce
15.00 TV2 Desporto
23.00 Artes e Letras: «Hollywood - Os Anos Dourados»
24.00 Não Chores, Meu Amor
(ver «Filmes na TV»)

- 09.00 Programa Infantil/Juvenil
13.30 O Prazer da Condução
13.55 National Geographic
14.30 O Mito da Bica
(ver «Filmes na TV»)
16.30 Tazran
17.00 O Santo
18.00 Labirinto
18.30 Os Imortais
19.30 Notícias

- 19.45 Agosto
20.45 Jornal da Noite
21.30 Connan e os Bárbaros
(ver «Filmes na TV»)
23.40 Conversas Curtas
00.30 Último Jornal
00.55 Espiões
01.25 MTV

- 10.00 A Casa do Tio Carlos
11.00 Animação
12.00 Vaticano em Directo

- 12.15 Missa
13.20 Forum
14.30 Queridos Inimigos
16.00 Rosa Baiana
17.30 Tio Carlos
18.30 O Novo Caminho das Estrelas
19.30 Informação Quatro
20.05 Na Mira do Crime
20.50 Duque de Ouros
22.00 Momentos de Glória
00.15 Informação
00.35 Taggart

Uma evocação biográfica de Tina Turner, sábado ao princípio da tarde na TV2



Segunda, 10

- 08.00 Bom Dia
09.00 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.00 Sarilhos Com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.20 A Ópera dos Mendigos
(ver «Filmes na TV»)
16.55 Viajante no Tempo
18.10 Marina, Marina
18.40 Com a Verdade me Enganas
19.15 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP - Financial Times
20.45 O Dono do Mundo
21.45 Festival RTP da Canção - 1ª Eliminatória
23.15 Uma Fenda na Muralha
00.10 Querido John
00.35 24 Horas
01.15 Bonecos Assassinos
(ver «Filmes na TV»)

- 12.00 Infantil
12.55 Intensamente Maria
13.45 Sobreviver
14.20 Sem Legendas
15.30 Crónicas Nómadas
16.30 As Aventuras de Robin Hood
17.00 Infantil
18.00 Vamp
18.50 Um, Dó, Li, Tá
19.50 O Verão de 45
20.40 Crimes
21.30 TV2 Jornal
22.00 Financial Times
22.25 Deus nos Acuda
23.15 Teatro: «A Casa de Bernarda Alba»
01.00 Magazine «Cinema»

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 K9, o Agente Canino
(ver «Filmes na TV»)
23.20 Tostões e Milhões
24.00 Último Jornal
00.30 Os Donos da Bola
00.40 Três é Companhia
01.10 MTV

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
18.55 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Crime no Mississippi
(ver «Filmes na TV»)
24.00 Desporto
00.30 Ponto Final
00.50 Hunter



Em produção anglo-espanhola, «A Casa de Bernarda Alba», na rubrica de teatro desta semana, tem Glenda Jackson como protagonista. Segunda, à noite, na TV2

Terça, 11

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.05 Sarilhos com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.20 A Verdade em Primeira Mão
(ver «Filmes na TV»)
16.55 O Factor Humano
18.00 Caderno Diário
18.15 Marina, Marina
18.40 Com a Verdade me Enganas
19.20 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP-Financial Times
20.45 O Dono do Mundo
21.45 Os Inocentes
22.10 Nico d'Obra
22.40 Lace
23.30 Repórteres
00.30 24 Horas
01.10 A Prostituta
(ver «Filmes na TV»)

- 12.00 Infantil
12.55 Intensamente Maria
13.45 Q.E.D.
14.25 Sem Legendas
15.30 Para Além do Ano 2000
16.30 As Novas Aventuras de Robin Hood
17.00 Infantil
18.00 Vamp
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 Rotações
20.45 Magazine «Viver Saúde»
21.30 TV2 Jornal
22.00 Financial Times
22.15 Remate
22.25 Deus nos Acuda
23.15 Ideias Com História
00.15 Quem Assasinar Joy Morgan
(ver «Filmes na TV»)

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Ora Bolas, Marina
22.00 A Brincar, a Brincar
22.30 Terça à Noite
23.50 Amor e Guerra
00.20 A Bolsa e a Vida
00.25 Último Jornal
00.50 Os Donos da Bola
01.10 Internacional Sic
01.40 MTV

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.25 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
18.55 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Caixa de Perguntas
22.10 Queridos Inimigos
23.45 Ponto Final
00.05 Desporto Motorizado
00.35 Hunter

Quarta, 12

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.30 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.05 Sarilhos com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.20 A Rapariga de Antuérpia
(ver «Filmes na TV»)
16.50 O Factor Humano
18.00 Caderno Diário
18.15 Marina, Marina
18.40 Com a Verdade me Enganas
19.20 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP-Financial Times
20.45 Vamos Jogar no Totobola
21.00 O Dono do Mundo
22.00 Sozinhos em Casa
22.25 Agarrem Esse Detective
(ver «Filmes na TV»)
24.00 24 Horas
00.40 O Segredo do Pântano
(ver «Filmes na TV»)

- 12.00 Infantil
12.55 Intensamente Maria
13.35 Flash Moda
14.20 Sem Legendas
15.20 Brain Sex
16.30 As Novas Aventuras de Robin Hood
17.00 Infantil
18.00 Vamp
18.50 Um, Dó, Li, Tá
19.40 Realce
20.10 TV2 Desporto
22.30 TV2 Jornal
23.00 RTP-Financial Times
23.10 Deus nos Acuda
24.00 Ouvir e Falar
01.00 Heimatt II
01.55 Magazine «Artes Visuais»

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.40 Falas Tu ou Falo Eu
22.40 O Pecado Mora Aqui
23.40 Histórias Inéditas do FBI
00.10 Último Jornal
00.35 Os Donos da Bola
00.45 Em Nome de Uma Criança
01.45 MTV

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.25 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
18.55 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Caixa de Perguntas
22.10 Queridos Inimigos
23.45 Ponto Final
00.05 Desporto Motorizado
00.35 Hunter

Filmes na TV

QUINTA, 6

O Caso Rossiter

«The Rossiter Case» (Gr.Br./1950). Real.: Francis Searle. Int.: Helen Schingler, Clement McCallin, Sheila Burrell, Frederick Leicester. P/B, 73 min. **Policial.** (15.30, Canal 1)

Choque Explosivo

«Crash and Burn» (EUA/1990). Real.: Charles Band. Int.: Paul Gaus, Megan Ward, Bill Moseley, Eva Larue, Jack McGee. Cor, 85 min. **Ficção Científica.** (00.45, Canal 1)

SEXTA, 7

Os Dois Magníficos

«The Magnificent Two» (Gr.Br./1967). Real.: Cliff Owen. Int.: Eric Morecambe, Ernie Wise, Margit Saad, Virgílio Teixeira, Ceceil Parker. Cor, 88 min. **Comédia.** (15.30, Canal 1)

O Expresso de Chicago

«Silver Streak» (EUA/1976). Real.: Arthur Hiller. Int.: Gene Wilder, Jill Clayburgh, Richard Pryor, Patrick McGouhan, Ned Beatty. Cor, 100 min. **Ver Destaque.** (22.10, Canal 1)

O Mundo é um Manicómio

«Arsenic and Old Lace» (EUA/1944). Real.: Frank Capra. Int.: Cary Grant, Raymond Massey, Peter Lorre, Priscilla Lane, John Alexander. P/B, 118 min. **Ver Destaque.** (23.40, Quatro)

O Crime do Mosteiro

«Judge Dee and the Monastery Murder» (EUA/1974). Real.: Jeremy Kagan. Int.: Khigh Dhiagh, Mako, Soon-Taik Oh, Miiko Taka. Cor, 96 min. **Policial.** (00.50, Canal 1)

No Limiar da Vida

«Nara Livet» (Suécia/1957). Real.: Ingmar Bergman. Int.: Ingrid Thulin, Eva Dahlbeck, Bibi Andersson, Barbro Hiort, Max Von Sydow. P/B, 75 min. **Ver Destaque.** (00.55, TV 2)

Amor Marginal

«Je T'Aime, Moi Non Plus» (Fr./1975). Real.: Serge Gainsbourg. Int.: Jane Birkin, Jos d'Allessandro, Gérard Dépardieu, Hugues Quester. Cor, 90 min. **«Erotico».** (01.45, SIC)

SÁBADO, 8

Charlie Chaplin

«Shanghaied» / «The Tramp» / «The Pawnshop» / «The Vagabond» (EUA/1915/1916). Real.: Charlie Chaplin. Int.: Charlie Chaplin, Billy Armstrong, Edna Purviance, Paddy McGuire, Lloyd Bacon, Albert Austin, Eric Campbell. P/B, 100 min. **Ver Destaque.** (12.00, TV 2)

A Morte de Um Pistoleiro

«Death of a Gunfighter» (EUA/1969). Real.: Allen Smith. Int.: Richard Widmark, Lena Horne, John Saxon, Michael McGreevey. Cor, 100 min. **Ver Destaque.** (14.30, SIC)

Um Amor Eterno

«Forever» (EUA/1978). Real.: John Korty. Int.: Stephanie Zimbalist, Dean Butler, John Friedrich, Beth Raines, Jordan Clarke. Cor, 92 min. **Telefilme.** (15.30, Canal 1)

Pistoleiro à Força

«El Diablo» (EUA/1990). Real.: Peter Markle. Int.: Anthony Edwards, Louis Gossett, Jr., John Glover, Joe Pantoliano, Robert Beltran. Cor, 78 min. **Comédia.** (21.55, Quatro)

Corações e Armaduras

«Hearts and Armour» (It./1982). Real.: Giacomo Battiato. Int.: Rick Edwards, Tanya Roberts, Barbara De Rossi, Ron Moss. Cor, 100 min. **Ver Destaque.** (23.50, Quatro)

Momentos de Paixão

«Backstreet Dreams» (EUA/1990). Real.: Rupert Hitzig. Int.: Brooke Shields, Burt Young, Anthony Franciosa, Jason O'Malley. Cor, 93 min. **Drama.** (00.25, Canal 1)

As Férias Grandes em La Baule

«La Baule - Les Pins» (Fr./1990). Real.: Diane Kurys. Int.: Nathalie Baye, Richard Berry, Zabou, Jean-Pierre Bacri, Vincent Lindon. Cor, 93 min. **Comédia.** (00.30, TV 2)

DOMINGO, 9

O Deserto Maravilhoso

«The Living Desert» (EUA/1953). Real.: James Algar.

Comentário: Winston Hibler. Cor, 70 min. **Ver Destaque.** (A partir das 14.00, Canal 1)

O Miúdo da Bica

(Port./1963). Real.: Constantino Esteves. Int.: Fernando Fariña, Leónia Mendes. P/B, 84 min. **Comédia.** (14.30, SIC)

Conan e os Bárbaros

«Conan the Barbarian» (EUA/1981). Real.: John Milius. Int.: Arnold Schwarzenegger, Saldahl Bergman, James Earl Jones. Cor, 129 min. **Ver Destaque.** (21.30, SIC)

Adeus, Columbus

«Goodbye, Columbus» (EUA/1969). Real.: Larry Peerce. Int.: Richard Benjamin, Ali MacGraw, Jack Klugman, Nam Martin. Cor, 98 min. **Ver Destaque.** (22.30, Canal 1)

Não Chores Meu Amor

«Pleure Pas My Love» (Fr./1988). Real.: Tony Gatlif. Int.: Fanny Ardant, Rémi Martin, Jean-Pierre Sentier, Laszlo Szabo. Cor, 87 min. **Melodrama.** (24.00, TV 2)

SEGUNDA, 10

A Ópera dos Mendigos

«The Beggar's Opera» (Gr.Br./1952). Real.: Peter Brook. Int.: Laurence Olivier, Dorothy Tutin, Stanley Holloway, Daphne Anderson. Cor, 91 min. **Ver Destaque.** (15.20, Canal 1)

K-9, o Agente Canino

«K-9» (EUA/1989). Real.: Rod Daniel. Int.: James Belushi, Mel Harris, Jerry Lee, Ed O'Neill, Kevin Tighe. Cor, 102 min. **«Comédia».** (21.30, SIC)

Crime no Mississippi

«Murder in Mississippi» (EUA/1990). Real.: Roger Young. Int.: Tom Hulce, Jennifer Gray, Blair Underwood, Josh Charles. Cor, 200 min. **Ver Destaque.** (21.40, Quatro)

Bonecos Assassinos

«Puppetmaster» (EUA/1990). Real.: David Dechmoeller. Int.: Paul Le Mat, William Hickey, Irene Miracle, Jimmy F. Scaggs, Robin Frates. Cor, 85 min. **«Thriller» fantástico.** (01.15, Canal 1)

TERÇA, 11

A Verdade em Primeira Mão

«The Horse's Mouth» (Gr.Br./1958). Real.: Ronald Neame. Int.: Alec Guinness, Kav Walsh, Renée Houston, Mike Morgan. Cor, 91 min. **Ver Destaque.** (15.20, Canal 1)

Os Olhos de Laura Mars

«The Eyes of Laura Mars» (EUA/1978). Real.: Irvin Kershner. Int.: Faye Dunaway, Tommy Lee Jones, Rene Auberjonois, Raul Julia. Cor, 104 min. **Ver Destaque.** (21.40, Quatro)

Quem Assassinou Joy Morgan?

«Who Murdered Joy Morgan?» (EUA/1981). Real.: John Llewellyn Moxey. Int.: Kim Bassinger, Robert Culp, Stephen Macht. Cor, 97 min. **Telefilme policial.** (00.15, TV 2)

A Prostituta

«Whore» (EUA/1991). Real.: Ken Russell. Int.: Theresa Russell, Benjamin Mouton, Antonio Fargas, Sanjay, Elizabeth Morehead. Cor, 83 min. **Drama.** (01.05, Canal 1)

QUARTA, 12

A Rapariga de Antuérpia

«Dédée d'Anvers» (Fr./1947). Real.: Yves Allegret. Int.: Simone Signoret, Marcel Pagliero, Bernard Blier, Dalio. P/B, 88 min. **Ver Destaque.** (15.20, Canal 1)

Agarrem Esse Detective!

«The January Man» (EUA/1989). Real.: Pat O'Connor. Int.: Kevin Dine, Susan Sarandon, Mary Elizabeth Mastrantonio, Harvey Keitel, Danny Aiello, Rod Steiger. Cor, 94 min. **«Thriller» satírico.** (22.20, Canal 1)

O Segredo do Pântano

«The Return of Swamp Thing» (EUA/1988). Real.: William Malone. Int.: Louis Jourdan, Hether Locklear, Sarah Douglas, Dick Durock. Cor, 80 min. **Horror.** (00.35, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

— Por isto e por aquilo... —

O Expresso de Chicago (Sexta, 22.10, Canal 1)

Sem dúvida que a sombra de Hitchcock paira pela escrita do argumento desta comédia meio louca (mas que, em certos momentos é visitada por outras tonalidades e tensões bem menos risonhas) em que um pacato cidadão, editor de profissão, é surpreendido durante uma viagem de comboio entre Los Angeles e Chicago por uma série de crimes (alguns assaz violentos) e se sente investido na pele de investigador, passando por peripécias inenarráveis. Naturalmente que é o frenético ritmo com que tudo isto é encenado por Arthur Hiller que constitui o principal motivo de interesse de um filme que se destina, sobretudo, a divertir e a entreter. Mas a presença de Gene Wilder, Jill Clayburgh e Richard Pryor constitui uma mão-cheia de actores que servem a absurda história da melhor maneira.

O Mundo é um Manicómio

(Sexta, 23.40, Quatro)

Animadas das melhores das intenções, um par de velhinhas decide cometer uma série de «boa acções»: envenenar cavalheiros de prolecta idade, sós e isolados à espera dos seus últimos dias, para que o seu fim não fosse tão dramático e infeliz... Só que, entretanto, outras personagens entram na história e deitam tudo a perder: um sobrinho louco, que as ajuda no desaparecimento dos cadáveres; um outro sobrinho, normal, que tenta ultrapassar da melhor maneira possível a inconsciência das velhotas; e, ainda, um terceiro sobrinho (este, temível criminoso) ligado a um misterioso cúmplice. São estas as peripécias de uma história divertidíssima (adaptada da célebre peça teatral *Arsénico e Rendas Velhas*) que Frank Capra transforma num dos seus filmes mais deliciosos, provando, aliás, que se sente à vontade em vários géneros. E, para além das actrizes principais, as atenções vão ainda para as primorosas interpretações de Grant, Massey e Lorre, cada um deles quase ultrapassando-se no adequado tom das suas intrincadas personagens. A não perder...

No Limiar da Vida (Sexta, 00.55, TV 2)

Regressados que estamos (passadas as Festas) ao ciclo que a TV 2 dedica à obra de Ingmar Bergman, este recomeço é assinalado por uma das suas obras menos conseguidas, não apenas devido ao carregado simbolismo das personagens como, sobretudo, ao demasiado esquematismo da encenação: uma história passada numa maternidade em que se cruzam os casos de três mulheres que, com perspectivas diferentes, se confrontam com os frutos nascidos dos seus respectivos casos de amor.

Charlie Chaplin (Sábado, 12.00, TV 2)

Também continua em boa hora, na TV 2, a interessante

revisão de alguns dos primitivos filmes mudos de *Charlot* realizados para a *Essanay* e para a *Mutual* - e desta vez sem o «pecado capital» da serem transmitidos no horário verdadeiramente absurdo das 8 da manhã! Desta vez, são quatro (ver *Filmes na TV*) as pequenas comédias de Charlie Chaplin que hoje nos vão deliciar, quase todas com os mesmos intérpretes e das quais talvez sejam de destacar (porque, nelas, se começa a melhor definir a personagem de *Charlot*) a segunda - *The Tramp* - em que o nosso vagabundo se envolve em disputas com outros vagabundos e acaba apaixonado pela bela filha de um agricultor, salvando-a de apuros, e a quarta - *The Vagabond* - em que um *Charlot* violinista se apaixonou por uma bela cigana que, afinal, vem a descobrir ter desaparecido, quando criança, do seio de uma riquíssima família. Irresistível.

A Morte de Um Pistoleiro

(Sábado, 14.30, SIC)

Realizado numa época em que o *western* havia sido ultrapassado por outros géneros no gosto do público, *A Morte de Um Pistoleiro* tenta retomar os seus mecanismos clássicos ao contar, através da vigorosa centelha de especialista que possuía Don Siegel (aqui com o nome substituído por um pseudónimo na ficha técnica), a história de um *sheriff*, casado como uma negra, que as forças vivas locais procuram desapossar do cargo em virtude da sua fama (e proveito) de pistoleiro implacável.



As velhinhas e o sobrinho, em «O Mundo é um Manicómio», de Frank Capra

Corações e Armaduras

(Sábado, 23.50, Quatro)

Realizado tendo em vista alcançar o sucesso junto das plateias internacionais, este filme italiano (estrelado quase em exclusivo por intérpretes norte-americanos) conta a lenda de uma guerreira (cuja beleza se escondia atrás da sua armadura) que, em plena Idade Média, interveio destemidamente nas disputas entre Cristãos e Mouros. Lutas, batalhas e paixões num filme que, com alguma desenvoltura e espectacularidade, constitui uma adaptação livre e por vezes confusa do clássico de Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso*.

O Deserto Maravilhoso

(Domingo, a partir das 14.00, Canal 1)

Eis um «clássico» dos Estúdios Disney, onde o apurado e espectacular sentido da narração cinematográfica (sempre parecendo inventar «histórias» a partir da evolução e comportamento biológico dos mais estranhos e inesperados seres) nos faz acompanhar, na modalidade do «documentário», as peripécias, as aventuras, os mecanismos da reprodução e a luta pela sobrevivência dos mais ou menos minúsculos «habitantes» das paragens mais desertas e inóspitas do continente americano - as tartarugas, os falcões, os morcegos, as tarântulas, as cobras cascavel, os escorpiões... Um filme sobretudo destinado ao interesse e curiosidade dos espectadores mais jovens.

Crítérios...

A crítica e o espectador foram neste início do ano surpreendidos com o anúncio, pelo Canal 1, de mais uma «sessão especial» de cinema ao começo das madrugadas dos dias de semana. Apesar de esta iniciativa vir contrariar afirmações recentes (mas que, como é hábito, rapidamente caem no esquecimento...) de alguns dos principais responsáveis da RTP quanto à necessidade de encerrar mais cedo as emissões na perspectiva de uma redução de custos, esperar-se-ia ao menos que, a exemplo do que é praticado em outras televisões europeias (de certo modo, na mesma lógica do *The Late Show* da TV americana) e considerando certa desorientação que atacou a TV 2 nesta matéria, essa sessão se justificasse por eventualmente constituir como que um espaço de reposição de alguns exemplares clássicos da História do Cinema, em particular de algumas obras a «preto-e-branco» que os critérios essencialmente mercantis, que nestes tempos presidem à programação da «televisão pública», com escândalo subtraem ao chamado «horário nobre». Nessa direcção parecia, aliás, apontar a enganosa concepção do *spot* de promoção desse novo espaço cinematográfico - a que foi dado o apelativo nome de «Última Sessão».

Pura ilusão! A própria referência que aqui hoje fazemos a alguns títulos (muitos deles falando por si...) que o Canal 1 escolheu para as duas primeiras semanas do ano - ex.: *Ameaça Total*, *O Despertar dos Inocentes*, *Choque Explosivo*, *Bonecos Assassinos*, *A Prostituta*; o verdadeiro «anonimato» de muitos dos seus «realizadores»; os sensacionalistas géneros escolhidos; e o carácter primário dos próprios textos promocionais do *Boletim de Programas* - tudo isto aponta para que, a exemplo do que já se passava com frequência nos espaços das madrugadas de Sexta e Sábado, também aqui se assista à progressiva degradação e abastardamento da programação cinematográfica da RTP, na linha «videoclubista» também seguida desde há largo tempo pela SIC e à qual apenas a Quatro (honra lhe seja!) parece escapar nos seus melhores momentos.

Oxalá nos enganemos porque, a não ser assim, mais uma vez se confirmaria que a RTP entra em 1994 insistindo precisamente nos mesmos critérios de programação que fizeram dela, já mesmo antes da entrada em funções da «concorrência privada», um dos «serviços públicos» de televisão mais comerciais em toda a Europa, submetida à avassaladora invasão de subprodutos americanos e ainda olímpicamente ignorando (perante a cumplicidade e a complacência da tutela) as «directivas europeias» sobre o audiovisual. O que é lamentável.

Conan e os Bárbaros

(Domingo, 21.30, SIC)

Primeiro de uma série de filmes inspirados na personagem dos contos criados por Robert Howard, *Conan e os Bárbaros*, contendo embora algumas cenas particularmente violentas e cruéis, não é ainda, em absoluto, essa exclusiva operação comercial e sensacionalista (repleta de doses de violência gratuita, destinadas a excitar as audiências mais jovens) que as suas sequelas configurariam a partir daqui. Neste filme mergulhamos, ainda, no universo maravilhoso das aventuras fantásticas, para o que em muito contribui a sua espectacular produção e realização e a imaginação e eficácia da banda sonora.

Adeus, Columbus

(Domingo, 22.30, Canal 1)

História dos amores furtivos entre um jovem judeu pobre e a filha de uma rica família judia, *Adeus, Columbus* é um filme cujo argumento se baseia no romance homónimo de Phillip Roth que se debruça sobre os costumes das famílias judaicas de Nova Iorque nos anos 50. Protagonizado (primorosamente, segundo as referências) por Ali MacGraw e Richard Benjamin (este fazendo aqui uma estreia auspiciosa), o filme, pelo seu humor e sensibilidade, afasta-se radicalmente das temáticas violentas e chocantes que têm constituído a tendência habitual na filmografia de um realizador que a crítica não poupou em outras circunstâncias.

A Ópera dos Mendigos

(Segunda, 15.20, Canal 1)

Apesar de serem evidentes as origens teatrais desta versão cinematográfica do musical de John Gay - que constituiu a primeira incursão no cinema do grande encenador teatral britânico Peter Brook - (tal como aconteceu com outras futuras experiências que o mesmo realizou a partir das suas versões para o palco de obras como *Rei Lear*, *Marat-Sade* e *Carmen*), é fora de dúvida que estamos perante uma obra que importa ver (ou gravar, já que passa num horário «impossível»), para apreciarmos, também, como Lawrence Olivier desempenha o papel de Macheath, esse aventureiro e saltador de estradas inglês do século XVIII.

Crime no Mississippi

(Segunda, 21.40, Quatro)

Muito acima da mediana a que nos habituaram os tele-



Charlot, o vagabundo violinista, em «The Vagabond», de Charlie Chaplin

A Rapariga de Antuérpia (Quarta, 15.20, Canal 1)

Desta vez, é um melodrama francês que ocupa a «sessão da tarde»: uma prostituta de um bar de Anvers, *Dédée*, vive com o porteiro, *Marco*, o qual, à chegada de *Francesco*, um capitão italiano, é assaltado pelos ciúmes e acaba por matá-lo, arruinando as esperanças de *Dédée* em se afastar daquela vida. Fartas doses de negro pessimismo carregam as tintas deste filme, em que Simone Signoret tem uma das maiores interpretações de toda a sua carreira.



Laurence Olivier, o centro das atenções, em «A Ópera dos Mendigos», de Peter Brook

filmes, este *Crime no Mississippi* é um filme recentemente realizado para a televisão e cujo argumento se situa durante o chamado «Verão da Liberdade», uma série de ações levadas a cabo em meados dos anos 60 pelos estudantes brancos norte-americanos do Norte em favor dos direitos civis (em particular o direito de voto) dos seus colegas negros, no Sul. O drama e o conflito estão centrados nas personagens de um estudante branco e de um estudante negro, que se vão aproximando na sua amizade e confiança ao longo da história, para tudo acabar de forma trágica com a intervenção da *Ku Klux Klan*. Uma história retirada de factos reais que impressionaram, na época, a América.

A Verdade em Primeira Mão

(Terça, 15.20, Canal 1)

Outro excelente filme, considerado como que «inclassificável» no âmbito do cinema britânico, e desperdiçado em mais uma *matinée* de um dia de trabalho. Trata-se de uma comédia extremamente interessante, realizada por Ronald Neame, um realizador britânico que parece nunca ter querido assumir com convicção o natural talento que demonstrou numa razoávelmente ampla filmografia que visitou vários géneros. Como aconteceu na realização desta história centrada nas deambulações de um pintor alcoólico e excêntrico, excelentemente interpretado por Alec Guinness (também autor do argumento), num papel que lhe assenta que nem uma luva.

Os Olhos de Laura Mars (Terça, 21.40, Quatro)

Filme de *suspense* intenso, que justamente constituiu um tremendo êxito de bilheteira, *Os Olhos de Laura Mars* conta-nos a história de uma fotógrafa de moda profissional de Nova Iorque, célebre pelo misterioso erotismo das suas fotos, que é constantemente perseguida por sonhos estranhos em que antevê assassínios que mais tarde são efectivamente cometidos em pessoas da sua amizade ou convivência. Até que surge, um dia, um inspector da polícia... Um hábil argumento, extremamente bem escrito por John Carpenter (também ele um profissional da realização) e muito bem interpretado por um naípe de luxo, que inclui Faye Dunaway ou Raul Julia.

Cinema

	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Aladino	-	-	★★★★
B Idade da Inocência	-	-	★★★★★
C Um Mundo Perfeito	-	-	★★★★
D Parque Jurássico	★★★	-	★★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. John Musker e Ron Clemens — *Alfa/2* (14.15, 16.45, 19.15, 21.45); *Amoreiras/2* (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30); *Fonte Nova/2* (14.15, 16.30, 18.45, 21.15); *Mundial/2* (14.00, 15.30, 19.00, 21.30); *King Triplex/3* (14.45, 16.30, 18.30, 20.30, 22.15); *Quarteto/4* (14.30, 16.15, 18.00, 19.45); *S. Jorge/2* (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) — Lisboa.
- B — Real. Martin Scorsese — *Monumental/3* (13.15, 16.00, 18.45, 21.30, 00.15); *Quarteto/3* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa.
- C — Real. Clint Eastwood — *Alfa Clube* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); *Amoreiras/6* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); *Fonte Nova/1* (14.30, 16.45, 19.00, 21.30); *Monumental/Cinetatro* (14.00, 16.30, 19.15, 22.00, 00.30); *S. Jorge/1* (15.15, 18.15, 21.15) — Lisboa.
- D — Real. Steven Spielberg — *Amoreiras/5* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa.

Teatro

AUDITÓRIO DE BENFICA

Lisboa, Junta de Freguesia de Benfica, Av. Gomes Pereira, 17. Tel. 7154565. 6ª e sáb. às 21.30, dom. às 18.00. **FRAGMENTOS KAFKIANOS**, adaptação de textos de Kafka, encenação de Carlos Rocha e Ione de Medeiros, pela Companhia Absurda.

CLUBE ESTEFÂNIA

Lisboa, R. Alexandre Braga, 24-A. Tel. 542249. De 3ª a sáb. às 22.00, dom. às 17.00. **FREI LUÍS DE SOUSA**, de Almeida Garrett, encenação de José António Pires.

TEATRO ABERTO

Lisboa, Praça de Espanha. Tel. 7970969. **O TEMPO E O QUARTO**, de Botho Strauss, encenação de João Lourenço.

TEATRO CINEARTE

Lisboa, Lg. de Santos, 2. Tel. 3965360. De 4ª a sáb. às 21.45, dom. às 17.00. **RINOCERONTE**, de Ionesco, encenação de Helder Costa.

TEATRO DA GRAÇA

Lisboa, Trav. S. Vicente, 11. Tel. 8755626. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00. **O CONSTRUTOR**, de Ibsen, encenação de Graça Corêa.

TEATRO MALAPOSTA

Loures, R. de Angola (Olival Basto). Tel. 9373299. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **A ESCOLA DAS MULHERES**, de Molière, encenação de José Peixoto.

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

Almada. Tel. 2752175. De 3ª a dom. às 21.30, dom. às 16.00. **DIAS FELIZES**, de Beckett, encenação de Julio Castronuovo, pela Companhia de Teatro de Almada.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

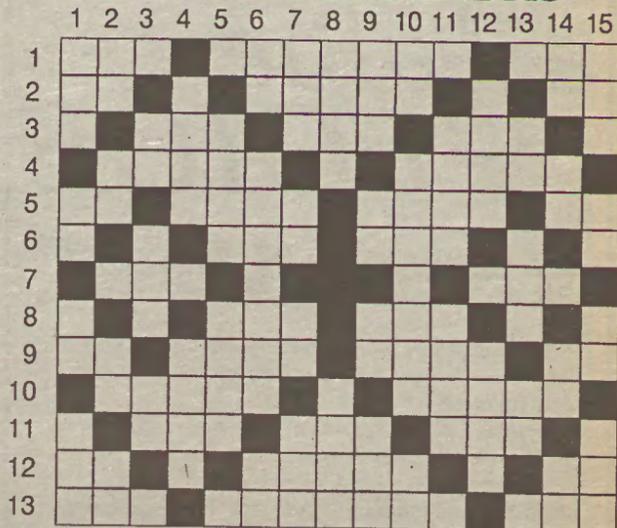
Lisboa, Rossio. Tel. 3422210. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **O LEQUE DE LADY WILDERMERE**, de Oscar Wilde, encenação de Carlos Avilez.

Tempo

Chuva, por vezes forte, e possibilidade de trovoadas. A partir de amanhã passará a regime de aguaceiros. Queda de neve nas terras altas.



PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Extremidade do braço; mamíferos da ordem dos quirópteros, de corpo semelhante ao dos ratos; lugar onde se guardam as bebidas. 2 — Atmosfera; missiva; seis romanos. 3 — Doçura (fig.); senhora (bras.); maior. 4 — Proprietárias; moradia nobre. 5 — Poeira; nome de homem; espreita; existes. 6 — Ferro temperado; nome de mulher. 7 — Colocação; sofrimento. 8 — Composição poética; passada. 9 — Preposição; épocas; capital italiana. 10 — Baús; desembarçada. 11 — Laços apertados; vis-cera dupla; braço de rio. 12 — Igual (farm.); desbastas; igreja episcopal. 13 — Curso natural de água; relógio de sol usado pelos antigos romanos; astro-rei.

VERTICAIS: 1 — Oceano; utensílio de cozinha; base; parceiro. 2 — Aparência; compaixão; cânhamo de Manila; lamento. 3 — Pedra de moinho; ribeira portuguesa; Radónio (s. q.). 4 — Rio da Europa ocidental que nasce nos Alpes Sulcos; repetição de um sol (pl.). 5 — Lodo; rezas. 6 — Sim, no dialecto provençal; varandas; espécie de escumilha. 7 — Chefe etíope; letra grega; Einstênio (s. q.); rim (ant.). 8 — Gerara; cume. 9 — Letra grega; nociva; comparecer; o abismo (fig.). 10 — Gálio (s. q.); assembleia eclesiástica convocada para tratar de assuntos da diocese (pl.); nota musical. 11 — Reside; paixão. 12 — Grude; combina. 13 — Rádio (s. q.); filtra; basta. 14 — Avenida (abrev.); acusada; nota musical; isolado. 15 — Gracejar; saudável; letra grega; mau humor (fig.).

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 — Corada; amoral. 2 — Solar; meras. 3 — Ar; soma; alas; só. 4 — Lis; ramosas; cor. 5 — Omar; sério; mala. 6 — Ralas; asal. 7 — Som; cós. 8 — Malar; ásar. 9 — Iras; selas; ária. 10 — Nós; romanos; aos. 11 — Ás; saco; emas; si. 12 — Ramal; talos. 13 — Rumara; aramar.

VERTICAIS: 1 — Calor; minas. 2 — Rima; aros. 3 — Os; sal; lãs; Ru. 4 — Ros; rasas; sam. 5 — Alor; Sor; rama. 6 — Damas; socar. 7 — Arames; sêmola. 8 — Or; lá. 9 — Amasio; caneta. 10 — Melão; somar. 11 — Oras; coa; sala. 12 — Rás; massa; som. 13 — As; cãs; ara; Sá. 14 — Sola; ara. 15 — Moral; oásis.

XADREZ

CDXLIV — 6 de Janeiro de 1994

PROPOSIÇÃO Nº 1994X001

Por: JOSEF POSPISIL
Sachové Listy, 1901

Pr.: [5]: Ps.ç3, ç4, f5-C64-Ré
Br.: [5]: Cs.f2, f8-Tf3-Dç8-Rç2

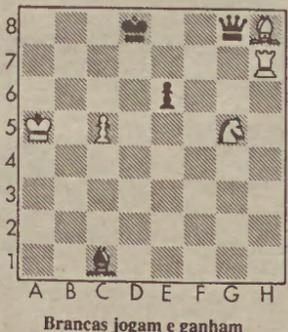


Mate em 2 lances

PROPOSIÇÃO Nº 1994X002

Por: LEONID KUBBEL
1.º Prémio — Pravda [URSS], 1928

Pr.: [4]: P6-Bç1-Dg8-Rd8
Br.: [5]: Pç5-Cç5-Bh8-Th8-Th7-Ra5



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDXLIV

Nº 1994X001 [J.P.]: 1. Td3!, çd3+; 2. Cd3++
1. ... Rf4; 2. Cg6++
1. ... Cf2; 2. Dd4++
Nº 1994X002 [L.K.]: 1. Tg7, Dg7!; 2. C.e6+, Rd7; 3. C.g7, Rç6; 4. C.e6!, Ba3; 5. Cd4+, Rç5; 6. Ra4!, Bb4; 7. Cf3, Rç4; 8. Cç5+, Rç3 ç5; 9. Cç6 (d3) e ganha.

A. de M.M.

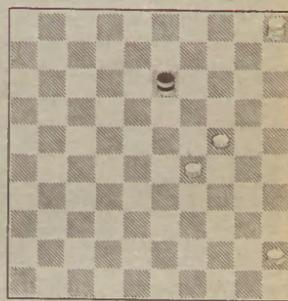
DAMAS

CDXLIV — 6 de Janeiro de 1994

PROPOSIÇÃO Nº 1994D001

Por: PATOT-VENCE
— 1881

Pr.: [1]: 13
Br.: [4]: (5)-24-29-45

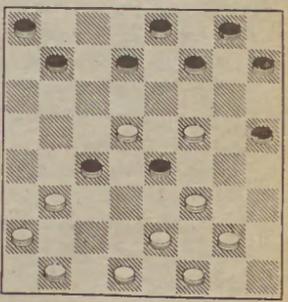


Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO Nº 1994D002
GOLPE Nº 52/94

Por: LUIS MAYORAL
— Valladolid, Fev. 1970

1.: 10-14, 22-18; 2. 5-10, 23-20; 3. 1-5, 27-2; 4. 14-19, 22-15; 5. 12-19, 20-15; 6. 11-20, 24-15; 7. 7-12, 18-14; 8. 9-13, 21-17; 9. 13-18, 31-27 DIAGRAMA:



Branças Jogam e ganham

Nº 1994D001 [P.V.]: 1. 5-19!, (13-18); 2. 19-37!!; (18x34); 3. 37-48, (34-25); 4. 45-40 e 5. 24-20 ... +
Nº 1994D002 [L.M.]: 10. 25-18; 11. 10-13, 17-1-D; 12. 2-5, 1-10; 13. 6-31-D, 28-24; 14. 31-27, 30-23; 15. 19-28, 32-23; 16. 12-28 +

A. de M.M.

a talhe de FOICE

O Prometido

Este princípio de ano promete muito, logo à partida. Internacionalmente, os augúrios são em geral devastadores.

Na Rússia, medra o fascismo pela boca e trajectória política de Vladimir Jirinovski, ambas alimentadas pelo inenarrável descalabro em que os novos senhores do Kremlin mergulharam o país, sob um dos mais inconscientes aplausos do Ocidente registados na História moderna.

Em África, o drama angolano prossegue sob os auspícios de uma paz tão especiosamente mediada por tão equidistantes observadores ocidentais, que não conseguem pôr à distância os flagrantes responsáveis pelo genocídio das populações, mantendo o banditismo qualificado da UNITA em surreal "parte negociadora". Na África do Sul, o barril de pólvora apresenta-se com rastilho cada vez mais curto, enquanto, a Norte, o fundamentalismo islâmico ameaça afundar o Egipto e a Argélia no Grande Minguante.

No Médio Oriente, os sionistas continuam a mandar numa paz que só se alimenta de guerra. Na Ásia, o "milagre japonês" dá com os burrinhos na água e mostra que a magia do capitalismo é mais truque de feira que toque de mestre, mesmo de kung-fu e outras marcialidades, ao mesmo tempo que a Austrália prossegue a venda da sua democrática alma aos negócios com o regime que brutaliza a Indonésia e esmaga Timor-Leste.

No México, a revolta dos camponeses e dos índios, espoliados até à inanição por um latifundismo bestial, afronta de novo o poder dos terratenentes pagando o velho preço do sangue e da morte. Mais abaixo, na imensa América do Sul, o Brasil é paradigma dum continente onde a exploração mais desenfreada e tacañha elevou ao paroxismo a injustiça humana, confrontando luxos faraónicos de alguns com a miséria extremada da maioria, numa "ordem estabelecida" sustentada a tiros que nem as crianças poupam. Entretanto, é a Cuba que se faz o bloqueio mais cinicamente cruel deste século.

Quanto à Europa em geral, o ano começa com os seus velhos fantasmas à solta, fardados de nacionalismo e a soprar o mofo dos impérios, adejando sobre cadáveres que outra vez se empilham aos milhares.

No meio disto temos os Estados Unidos da América, o reino dos agentes artísticos e dos interesses estratégicos, agora com um mundo tão grande escancarado à sua insaciável gula, que corre o risco de apanhar a maior indigestão da sua história. Quanto a nós, por cá, continuamos a compensar a pequenez do País com a grandeza dos problemas, estratégia que, neste começo de 1994, se apresenta particularmente afinada pelos nossos mestres diapasões.

Ele é o desemprego, que fez logo a passagem do ano com uns bons milhares de novos praticantes.

Ele são os agricultores, que entram o ano sem medo das geadas negras ou de quaisquer catástrofes naturais, pela simples razão de que não há desgraça que afecte um cultivo que não se fez.

Ele é a indústria que, continuando a fechar e a falir ao ritmo dos últimos anos, acabará por tornar Portugal o primeiro país que resolveu, em definitivo, o problema da poluição industrial.

Ele é o ensino e a saúde, as pescas e o comércio, o desporto e o património, a finança e a dívida externa, o investimento e a economia em geral que, auspiciados como estão pelo remodelado Governo de Cavaco Silva, não tornar-se, em 1994, o modelo de um ano que nenhum povo há-de querer repetir, nem o bom povo português.

Quem achar que isto é exagero e pessimismo a mais, que se tranquilize.

Portugal continuará a ter sol a rodos e a ser o mais belo país do planeta.

O planeta continuará a ser azul, visto do espaço, e a coisa mais jeitosa do sistema solar.

Sobretudo ambos continuarão cheios de homens e mulheres com o talento, a generosidade, a capacidade de trabalho e a combatividade próprias da espécie, que, como sempre e seja lá como for, não-de pôr os eixos às coisas.

E estão todos aqui, neste começo de 1994.

O que confirma que este princípio de ano promete muito, logo à partida.

■ HC

Com proposta provocatória para a Função Pública e indicações ridículas para o sector empresarial do Estado

O Governo boicota a negociação colectiva

Reunida, segunda-feira, em Lisboa, a Comissão Executiva da CGTP-IN acusou o Governo de estar «deliberadamente» a «boicotar o direito de negociação colectiva», quer pela «proposta provocatória que apresentou aos trabalhadores da administração pública», quer pelas «indicações que está a dar aos conselhos de administração das empresas públicas no sentido de estes apresentarem propostas de aumentos salariais para 1994 ridículas». O executivo de Cavaco Silva «chega mesmo a recomendar-lhes que não proponham qualquer aumento», denuncia aquele organismo dirigente da central.

No comunicado que distribuiu após a reunião, a Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP considera que «esta acção do Governo serve de exemplo e incentivo ao patronato privado, o qual, sentindo as costas quentes, recorre a todos os meios, incluindo os ilícitos, para boicotar a negociação colectiva».

À administração pública o Governo apresentou uma proposta que a CGTP classifica como provocatória: propõe aumentos salariais pouco superiores a um por cento, ao mesmo tempo que anuncia um agravamento dos descontos em dois por cento e, simultaneamente, mantém a política de precariedade de emprego e de continuação dos disponíveis. Para a central, tal proposta nega a afirmação do Governo de que propõe baixos aumentos salariais para assegurar



Só a luta dos trabalhadores poderá pôr um travão às intenções do Governo, das administrações por ele nomeadas e do patronato, e conseguir aumentos salariais justos para 1994

o emprego e «é a prova cabal de que assume uma atitude pouco ou nada séria no processo de negociação dos aumentos salariais para o ano que acaba de entrar».

Qualificando as propostas do Governo como «claramente inaceitáveis» e merecedoras da «oposição determinada» dos trabalhadores, a CGTP reafirma a importância do desenvolvimento de acções de luta e o aprofundamento da unidade na acção.

Para a executiva da CGTP é «um escândalo» que o Governo não tenha ainda procedido à actualização do salário mínimo nacional. O Ano Internacional da Família, por este e múltiplos outros factos, «começa a ser muito mal comemorado em Portugal», comenta a central, pois centenas de milhares de famílias iniciam o novo ano com perspectivas de viverem pior.

Na reunião foi analisada a aplicação das decisões do Plenário Nacional de Sindicatos de dia 22 de Dezembro (onde a direcção da CGTP ficou encarregada de decidir as formas e o momento de uma «acção global do movimento sindical que dê uma resposta, de dimensão e pro-

fundidade adequadas, à ofensiva do Governo e do patronato e à necessidade de defender eficazmente os direitos e interesses dos trabalhadores»), revelando o comunicado final que a central divulgará dentro de dias algumas linhas da sua intervenção imediata.

Saúde de Carlos Paredes em situação estacionária

O guitarrista português Carlos Paredes está internado, em coma, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, e o seu estado de saúde era, terça-feira à noite (hora de fecho desta edição) grave, embora estacionário, segundo informações dadas por fonte hospitalar. O compositor e músico, como a semana passada noticiámos, sofre de mielopatia, doença que lhe provoca a paralisia dos membros inferiores. Carlos Paredes, 68 anos, deu entrada na unidade hospitalar há três semanas e depois de obter alta, o seu estado de saúde agravou-se, voltando a ser internado. As últimas informações disponíveis diziam que o artista se

encontra agora na Unidade de Cuidados Intensivos e Respiratórios daquela unidade hospitalar e terá, do ponto de vista neurológico, melhorado nos últimos dias pois mostrou maior capacidade de reacção a estímulos.

O colectivo do «Avante!» associa-se ao generalizado movimento na opinião pública que manifesta preocupação pelo estado de saúde daquele que é considerado o grande responsável pela renovação e dignificação da interpretação e composição para guitarra portuguesa e deseja o seu rápido restabelecimento, de forma a podermos todos, de novo, ouvi-lo em espectáculos ao vivo.



TAP esconde acordo com o SPAC

Os representantes da estrutura sindical da TAP, com excepção do Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil, abandonaram terça-feira à tarde a reunião convocada pelo conselho de administração da empresa.

Luísa Ramos, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos, disse à agência Lusa que se tratou de uma forma de protesto contra a «falta de transparência» da administração no processo negocial com os sindicatos. A dirigente do Sitava referiu que a reunião tinha como ponto único da ordem de trabalhos a apresentação e esclarecimento das estruturas sindicais quanto ao acordo firmado pela empresa com o SPAC.

«Apesar do representante da administração nos ter explicado as linhas gerais do acordo, nos termos do qual,

diz a TAP, os pilotos aceitaram o regime sucedâneo e o congelamento de salários, o texto não nos foi dado, como pedimos», acrescentou Luísa Ramos.

Frisando que a TAP afirma que o acordo assinado com o SPAC «não é secreto», a dirigente sindical qualificou a recusa da administração em não ceder o texto do acordo como «falta de transparência, para não dizer mesmo má fé». Luísa Ramos lembrou que o presidente do conselho de administração da TAP, Santos Martins, «garantiu que só existiria uma mesa de negociações com todos os sindicatos, e aquilo que se verificou foi a obtenção de um acordo apenas com o dos pilotos».

A estrutura sindical da TAP marcou para a próxima segunda-feira uma reunião preparativa de novas formas de luta.

Carlos Carvalhas em Setúbal

Carlos Carvalhas, Secretário-geral do PCP, participa no sábado próximo na reunião da DORS que terá início às 11 horas no Edifício Arrábida. A sessão de encerramento está marcada para as 17 horas.

Sector Intelectual do Porto

A análise da situação política e dos resultados das eleições autárquicas, assim como o debate das linhas de trabalho político e partidário no ano que começou são os pontos principais a debater no plenário do Sector Intelectual do Porto marcado para segunda-feira, dia 10, às 21.30, no Centro de Trabalho da Boavista. No decurso do plenário serão entregues os cartões do Partido para 94-95.